



Luigi Turato

**Uma visão escatológica da *Laudato Si'*:
sinais de esperança para o resgate da criação**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Cesar Kuzma

Rio de Janeiro
Fevereiro 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Luigi Turato

Graduado em Teologia pela Facoltà Teologica del Triveneto (FTTR) na Itália. Possui diploma no Istituto Superiore per Formatori. Trabalhou no serviço pastoral e no Seminário Menor na Itália e, no Brasil, no serviço pastoral na Baixada Fluminense e em Roraima.

Ficha Catalográfica

Turato, Luigi

Uma visão escatológica da *Laudato Si'* : sinais de esperança para o resgate da criação / Luigi Turato ; orientador: Cesar Kuzma. – 2019.

111 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Papa Francisco. 3. Ecologia. 4. Cuidado. 5. Esperança. 6. Ecoteologia. I. Kuzma, Cesar. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Com afeto, aos meus pais Giuseppe e Luciana
que me criaram em harmonia com a criação.

Agradecimentos

A Deus, que num ato de amor criou.

Aos meus pais que me criaram em harmonia com a criação e com isso deixaram uma marca indelével no meu coração para que se torne cuidado com a casa comum.

Aos meus irmãos e às famílias deles: o brotar da vida nos rostos dos meus sobrinhos é fonte de esperança e de alegria.

Ao meu orientador, prof. Cesar Kuzma. O entusiasmo com o qual ensina e a paixão e fidelidade à Igreja são uma fonte de energia e um testemunho enriquecedor. Agradeço muito, além da paciência e competência com as quais me acompanhou, pelo testemunho de leigo engajado.

Aos professores e professoras, alunos e alunas, funcionários e funcionárias do Departamento de Teologia da PUC-Rio. O ambiente profissional e acolhedor foram essenciais para este trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

Agradeço aos meus colegas e amigos missionários e padres pelo incentivo ao estudo e pelas partilhas vivenciadas. Agradeço também por eles terem assumido tarefas pastorais em meu lugar.

Agradeço ao papa Francisco, Leonardo Boff, Jürgen Moltmann e os outros autores, porque partilharam as paixões deles e assim as tornaram possibilidade de reflexão e exemplo de esperança.

A todos que foram uma presença de testemunho na minha vida: seus exemplos luminosos, iluminam a minha esperança e a da criação.

Resumo

Turato, Luigi; Kuzma, Cesar. **Uma visão escatológica da *Laudato Si'*: sinais de esperança para o resgate da criação**. Rio de Janeiro, 2019. 111p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação é um estudo da *Laudato Si'*, carta encíclica do Papa Francisco, sobre o cuidado da casa comum. Se entende enfrentar a questão ecológica a partir da gravidade da situação da Mãe Terra: quem está sofrendo e gritando são tanto a natureza como os seres humanos mais fragilizados, em condições de pobreza. Os objetivos do trabalho levam a considerar como a modalidade atual do progresso técnico-científico (ou desenvolvimento), animado por uma visão antropocêntrica do ser humano, é apontada como principal responsável do descaso com a natureza. Também uma consideração teológica da criação exclusivamente centrada no monoteísmo configurou-se como base de uma compreensão do ser humano com características de dominador. Por isso, torna-se urgente uma nova visão do ser humano, centrada na qualidade do cuidado. A *Laudato Si'* traz sinais de esperança para um resgate de toda a criação, que podem ser encontrados na escatologia cristã: a nova criação encontra no Cristo ressuscitado as suas primícias. A metodologia utilizada na dissertação será bibliográfica, qualitativa e aplicada com análise de conteúdo. O trabalho se divide em três partes: a primeira apresenta a situação atual. A segunda se aprofunda na proposta trazida pela *Laudato Si'* e as suas raízes na América Latina. A terceira parte faz uma leitura da questão ecológica na perspectiva da escatologia e da proposta ética que surge como consequência. O resultado esperado vai na direção de uma conversão ecológica: aquela mudança que permite uma nova visão do mundo e uma ação respeitosa e cuidadosa com a casa comum.

Palavras-chave

Papa Francisco; ecologia; cuidado; esperança; ecoteologia.

Abstract

Turato, Luigi; Kuzma, Cesar (Advisor). **An eschatological vision of Laudato Si': signs of hope for the rescue of creation**. Rio de Janeiro, 2019. 111p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation is a study of *Laudato Si'*, the encyclical letter of Pope Francis about the care for our common home. The ecological issue is addressed from the severity of the situation of Mother Earth: nature is suffering and crying out as well as the most fragile human beings in conditions of poverty. The objectives of the work lead to consider how the current model of technical-scientific progress (or development), encouraged by an anthropocentric vision of the human being, is regarded as the main responsible factor for the neglect of nature. Furthermore, a theological consideration of creation exclusively centered on monotheism configured a foundation for a comprehension of the human being as a dominator. Therefore, a new vision of the human being is urgent, centered on the quality of care. *Laudato Si'* brings signs of hope for a rescue of all of creation, which can be found in Christian eschatology: the new creation finds its origins in the risen Christ. The methodology used in the dissertation will be bibliographical, qualitative and applied with content analysis. The work is divided into three parts: the first presents the current situation. The second expands on the proposal brought by *Laudato Si'* and its roots in Latin America. The third applies an interpretation of the ecological issue in the perspective of eschatology and of the ethical proposal that arises as a consequence. The expected result goes in the direction of an ecological conversion: the kind of change that allows for a new vision of the world with respectful and careful action for our common home.

Keywords

Pope Francisco; ecology; care; hope; ecotheology.

Sumário

1	Introdução	10
2	Grito da Terra e grito dos pobres	15
2.1	Do grito da ecologia à sabedoria bíblica	15
2.1.1	O grito	15
2.1.2	Ecologia: acolhimento dos gritos	20
2.1.3	Deus dos pais e Senhor de misericórdia, tudo criaste com a tua palavra! (Sb 9,1)	23
2.2	A situação da Mãe Terra	28
2.2.1	Os dados	28
2.2.2	O sofrimento da sociedade toda	33
2.2.3	Dois exemplos: os conflitos da terra e os gemidos dos animais	36
2.3	De onde vem o desgaste ecológico	40
2.3.1	Antropocentrismo: o ser humano autor de sua autodestruição?	40
2.3.2	Consumismo: uma nova forma de viver a “coisificação” das relações	43
3.	Raízes da <i>Laudato Si'</i> , seiva para uma consideração contemplativa da Terra e dos seres humanos	47
3.1	Um novo olhar sobre a ecologia: integral	47
3.1.1	A casa comum	48
3.1.2	“Uma Igreja pobre para os pobres” (EG n.198)	51
3.1.3	Ecologia integral: tudo está interligado	56
3.1.4	A cultura do bem-viver: novo estilo de vida	58
3.2	Pano de fundo da <i>Laudato Si'</i>	61
3.2.1	O pensamento de Bergoglio: as oposições polares	62
3.2.2	A teologia latino-americana	65
3.2.2.1	Teologia da Libertação	65
3.2.2.2	Teología del Pueblo	67
3.3	A situação atual em relação ao grito	69
3.3.1	Ecoteologia: um novo pulmão da teologia	70
3.3.2	O pensamento social da Igreja até chegar aos direitos da Mãe Terra	72
4.	<i>Laudato Si'</i> na perspectiva da esperança escatológica	76
4.1	Escatologia: o viés da esperança para a criação	77
4.1.1	Cristo, plenitude da esperança	78
4.1.2	O futuro de Deus para toda a criação	80
4.1.3	O Espírito que dá a vida	82

4.2	Implicações e responsabilidades a partir da <i>Laudato Si'</i>	84
4.2.1	A conversão ecológica	85
4.2.2	Necessidade de uma ética	88
4.2.3	Ética e esperança	91
4.3	Espiritualidade e o sábado da criação	95
4.3.1	O sábado da criação	95
4.3.2	Francisco de Assis	98
4.3.3	Espiritualidade a partir da terra	100
5	Conclusão	105
6	Referências bibliográficas	109

*O fim último das restantes criaturas não somos nós.
Mas todas avançam, juntamente conosco e através
de nós, para a meta comum, que é Deus,
numa plenitude transcendente onde Cristo
ressuscitado tudo abraça e ilumina.*

Laudato Si' n.83

1 Introdução

É com uma palavra de louvor e de alegria que o papa Francisco quis começar a sua carta encíclica *Laudato Si'* (LS) sobre o cuidado da casa comum, pretendendo oferecer uma visão de esperança no enfrentamento da questão ecológica. Ele retoma as palavras iniciais de Francisco de Assis no seu Cântico do irmão Sol, evidenciando a vida do santo como testemunho de alegria e encontro profundo com Deus e com todos os seres do mundo.

Louvar e agradecer são atitudes que perpassam a encíclica toda, mas o texto vai logo enfrentar a questão central: o cuidado com a casa comum, porque ela está em grande perigo. Assim, esta dissertação se propõe como um estudo da questão ecológica a partir da *Laudato Si'*. Os sinais de alarme chegam de todo canto, mas ainda parece que a humanidade não percebe a gravidade da situação. Falta que a responsabilidade seja assumida por todos, que se juntem para combater as mudanças climáticas, a poluição, o extrativismo, a indiferença para com os pobres e marginalizados. Aliás, o que se tem constatado (por parte de alguns expoentes mundiais), nos últimos tempos, é um retrocesso nas questões ambientais: “as atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas” (LS n.14).

Alguém no mundo está sofrendo e esse sofrimento se pode até “ouvir” como um grito que clama por escuta. Não podemos ficar indiferentes a quem se encontra em situação de pobreza, e dentro dessa condição encontramos o grande pobre que é a Mãe Terra. Considerar a terra como Mãe¹ já é uma primeira indicação: se pretende considerá-la um todo que dá vida e, por isso mesmo, um ser vivente. Essa atitude orienta o ser humano a se dirigir a ela como se fosse a própria mãe: com respeito e carinho. É essa mesma atitude que talvez possa melhor sinalizar como superar a atual falta de atenção e até mesmo ataques ao

¹ BOFF. In: MOLTSMANN e BOFF, *Há esperança para a criação ameaçada?*, p.81: “a Terra é Mãe (*Magna Mater; Pacha Mama*), como foi reconhecido oficialmente pela ONU em 22 de abril de 2009, um superorganismo vivo, chamado Gaia, que combina todos os elementos físicos, químicos e biológicos para manter-se apta a produzir e reproduzir vida”.

meio ambiente. O ser humano está tratando a criação com a mesma frieza com que usa, desfruta e joga fora um objeto qualquer do dia a dia.

Como conscientizar o ser humano para que o rumo tomado não se torne autodestruição, para si e para as gerações futuras? A *Laudato Si'* propõe uma visão teórica e prática para uma mudança. Esta dissertação vai fazer dialogar a proposta da encíclica com o pensamento de alguns teólogos, dentre os quais se destacam Leonardo Boff e Jürgen Moltmann (outros autores serão apresentados quando necessário), para abrir novos horizontes em que se possa vivenciar a esperança e traçar caminhos que possam tornar realidade o desafio que parece um sonho: o ser humano em sintonia plena com a natureza.

Esta pesquisa, além de apresentar a situação ecológica atual segundo um olhar crítico, foca nas causas que levaram a este estágio de violência com a Terra. Uma das causas, talvez a que mais se mostre evidente, está ligada a uma visão antropocêntrica do ser humano que se manifesta no progresso técnico-científico. Os benefícios que a humanidade recebeu pelas descobertas científicas dos últimos séculos e as vantagens que a técnica ofereceu estão reconhecidos e ninguém pensa em voltar atrás. Mas quando o progresso (ou desenvolvimento) se torna uma necessidade que não admite outras formas de conhecimento, isso leva a uma concepção de excessiva confiança nas capacidades técnicas humanas, esquecendo todas as outras sabedorias que fazem parte da vida humana. Quando o critério principal ou absoluto para medir o bem-estar de uma nação se funda no PIB, este parece sacrificar no seu altar uma grande parte da humanidade que vive na pobreza e a natureza toda.

Nas últimas décadas, veio se impondo uma mentalidade consumista como expressão de um estilo de vida fundado no mensurar o sujeito pelas coisas que possui, mas evitando criar qualquer laço de compromisso com os objetos. Esse estilo está influenciando também os relacionamentos entre as pessoas, deixando rastros de vazio e insatisfação no coração humano.

Uma outra causa que reforça o antropocentrismo será indagada também na compreensão teológica da criação. Quando o acento do estudo da criação é voltado mais para o monoteísmo e à concepção de criação já concluída, o risco é

abrir brechas para as características do lado dominador do ser humano, esquecendo sua relação de dependência com todos os seres.²

O trabalho de dissertação objetiva, além de sinalizar as causas do desgaste ecológico, se servir da *Laudato Si'* para propor caminhos de libertação. Por isso a encíclica será analisada nas suas raízes, com a reflexão e a teologia da América Latina e a proposta inovadora da ecologia integral. De fato, seria redutor pensar a ecologia somente como preservação do meio ambiente: ela precisa incluir também todo o descaso que se manifesta com a humanidade mais pobre e carente.

Assim se apresenta um outro objetivo da dissertação: procurar as razões da esperança para o crente envolvido na luta ecológica (mas aberto também para cada ser humano de boa vontade). Razões que serão exploradas na visão escatológica cristã³ e na procura de uma ética que possa ser aceita por todos em seus princípios básicos mínimos.

Um último objetivo se encontra em evidenciar a dimensão espiritual do ser humano, que recebe o mandato de jardineiro do mundo e experimenta, no cuidado de Deus consigo, a presença do Espírito que quer renovar todas as coisas.

A metodologia utilizada na dissertação será bibliográfica, qualitativa e aplicada com análise de conteúdo, refletida no esquema pastoral clássico do ver-julgar-agir. Um primeiro passo será considerar a atual situação de descaso com Mãe Terra e seus habitantes (incluindo os seres humanos em condições de pobreza). Um segundo passo será se deixar iluminar pela proposta da *Laudato Si'*, evidenciando sua origem na América Latina. Finalmente, se aproximará do pensamento escatológico cristão na questão ecológica para acentuar a dimensão espiritual do ser humano e a possibilidade de uma ética do cuidado.

A dissertação se apresenta em três partes. Na primeira, pensou-se em usar a evocativa imagem do grito: pela força com a qual se expressa o grito e pela sua origem bíblica, como se encontra em Paulo: “Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente” (Rm 8,22). Mas também o grito dos pobres e o grito do grande pobre que é a Mãe Terra. Nessa parte, será importante dar atenção ao que se entende por ecologia, que não se restringe simplesmente ao cuidado com o meio ambiente, mas no seu sentido mais profundo de estudo do

² MURAD, *Ecoteologia: um mosaico*, p.222.

³ MOLTMANN, *Dio nella creazione. Dottrina ecologica della creazione*, p.13-32.

relacionamento de todos os seres no ambiente: todo ser existe porque depende dos outros.

Uma segunda sessão da primeira parte vai apresentar os principais dados do desgaste ecológico: tanto as Conferências Mundiais do Clima como o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, em inglês) oferecerão os principais dados a respeito das mudanças climáticas. Junto com isso, também será colocada em evidência a situação social mundial dos mais pobres e, por fim, se dará voz a dois exemplos de grito: os conflitos de terra no Brasil e a condição de vida dos animais. A terceira sessão da primeira parte vai analisar as causas do desgaste ecológico com base no antropocentrismo e no consumismo.

A segunda parte da dissertação focaliza mais a proposta da *Laudato Si'* na questão ecológica, dirigindo a atenção para a ecologia integral, à casa comum como participação de todos, aos pobres e à proposta de um novo estilo de vida. Em seguida, se tentará responder a pergunta de quais as raízes da América Latina estão presentes no pensamento de Bergoglio.⁴ Na terceira sessão da segunda parte, se voltará a atenção para uma nova forma de fazer teologia a partir da ecologia: a ecoteologia. Se finalizará com o entendimento da *Laudato Si'* na perspectiva da Doutrina Social da Igreja.

A terceira parte da dissertação quer responder a pergunta: qual esperança pode cultivar o ser humano em relação à questão ecológica? A esperança é virtude teologal e por isso dom de Deus. A escatologia cristã voltada para o Cristo crucificado e ressuscitado vê nele a presença de Deus que quer continuar a sua aliança com a humanidade e por isso não a deixará acabar, mas a levará para a sua consumação plena. Nessa parte se dará particular atenção à criação entendida como obra trinitária do amor de Deus, que continua acompanhando com seu Espírito o seu plano de bondade. Na segunda sessão da terceira parte, o enfoque estará voltado para a mudança esperada pela humanidade por meio de uma conversão ecológica, segundo as palavras do papa Francisco, ou por meio de uma nova ética fundada no cuidado e na compaixão, segundo os autores que serão levados em consideração. Assim, o centro da conversão ecológica ou da ética não será o ser humano ou a natureza, mas Deus. Na terceira sessão, serão apresentados a visão do sábado como termo último e aberto da criação, a atualidade da figura

⁴ BORGHESI, *George Mario Bergoglio. Uma biografia intelectual: dialética e mística*, p.145-81.

de Francisco de Assis nas suas relações com o ser humano e a natureza, finalizando com a visão de espiritualidade que encontramos como consequência deste trabalho.

Os resultados esperados pela pesquisa estão na ordem de apresentar motivações para conscientizar mais o leitor a respeito da problemática ecológica. Primeiro: perceber o perigo iminente no qual o ser humano está mergulhado, tanto para si quanto para as gerações futuras. Segundo: reconhecer que o progresso técnico-científico orientado ao infinito não condiz com um mundo finito nos seus recursos naturais. Terceiro: propor uma teologia voltada a apresentar a obra contínua da criação, que na dimensão trinitária encontra sua melhor realização. Quarto: reconhecer que o ser humano precisa cultivar sua dimensão espiritual e reafirmar sua esperança no Deus que tem um plano de amor para com a humanidade. Quinto: valorizar e experiência ética que nos torna concordes como seres humanos na terra: sinalizar alguns princípios básicos sustentados no cuidado e na ternura para com todos.

Por outro lado, permanece claro que esses resultados esperados não pretendem encerrar o discurso ecológico ou teológico: pelo contrário, espera-se propor outros ao longo da pesquisa.

2

Grito da Terra e grito dos pobres

A questão ecológica se apresenta de modo gritante na nossa época. Apesar de ainda existirem alguns expoentes, no mundo, querendo minimizar os impactos humanos no meio ambiente, na realidade os mais importantes institutos de estudo e pesquisa concordam que é o ser humano a causa principal das mudanças climáticas. Também toda forma de poluição tem seu reflexo imediato na vida da Terra. Neste capítulo da dissertação, por meio da imagem do grito, se quer focar na questão ecológica, tanto nos dados que se encontram à disposição, como num aprofundamento das causas e da orientação bíblica. A *Laudato Si'* considera como o descaso ambiental é diretamente ligado às desigualdades sociais: por isso será importante frisar que onde prevalece uma mentalidade de interesse econômico e financeiro, por meio de uma razão técnico-científica, quem mais sofre as consequências não é só o meio ambiente, mas também o ser humano.

A última parte deste capítulo será uma primeira indicação das causas remotas e das atuais que levaram ao desgaste ecológico: a visão antropocêntrica e o consumismo serão objeto de análise para entender melhor as origens do ataque humano à natureza.

2.1

Do grito da ecologia à sabedoria bíblica

Nesta primeira parte do capítulo, vamos focar a atenção em como o grito da natureza e dos pobres se encaixa na visão de ecologia: o grito pede que seja acolhido nas suas diferentes manifestações. A ecologia parece ser a ciência mais próxima para receber o apelo, enquanto não se apresenta como disciplina individual, mas pelo seu caráter relacional apresenta-se entre as mais aptas para ouvir o gemido de quem se encontra em situação de sofrimento. Em seguida também analisaremos algumas passagens da Sagrada Escritura com o objetivo de pesquisar uma visão bíblica que ofereça fundamento para uma aproximação da questão ecológica com os textos sagrados. Isso leva a formular a hipótese que a Sagrada Escritura exclui uma posição de domínio sobre a natureza por parte do

ser humano e abre a possibilidade de cuidado descrita na imagem do homem como jardineiro.

2.1.1 O grito

No dia de Pentecostes em 2015, o papa Francisco publicava a encíclica *Laudato Si'*, que faz parte do magistério da doutrina social da Igreja, como um novo documento com enfoque no tema da ecologia. A nova carta teve impacto no mundo inteiro, porque o tema abordado não tinha como destinatários somente os fiéis da Igreja Católica, mas sim todos os homens e mulheres de boa vontade com a intenção de cuidar da *casa comum* (LS n.3). De fato, o ser humano convive com os outros seres humanos e com todas as outras espécies: “A Terra não é propriedade privada de ninguém. Ela é casa comum dos que partilham suas responsabilidades cuidadosamente pelo bem viver de todos”⁵. Partilhamos dos bens que ela nos oferece com a riqueza de suas diversidades e por isso não se pode pensar em propriedade de alguns, mas sim de estar à disposição de todos, tanto no presente, quanto no futuro.

Desde meados do século passado e superando muitas dificuldades, foi-se consolidando a tendência de conceber o planeta como pátria⁶ e a humanidade como povo que habita uma casa comum. Um mundo interdependente não significa unicamente compreender que as consequências danosas dos estilos de vida, produção e consumo afetam a todos, mas principalmente procurar que as soluções sejam propostas a partir de uma perspectiva global e não apenas para defesa dos interesses de alguns países. A interdependência obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum. (LS n.164)

Ao longo dos anos, o interesse por esse argumento foi se intensificando, até chegar a ser uma urgência, diante da qual não é possível fechar os olhos ou permanecer indiferentes.⁷ Aliás, como o papa apresenta a questão, a humanidade se encontra diante de um grito que vem da Mãe Terra. O fato de ser um grito que

⁵ SUESS, *Dicionário da Laudato si'. Sobriedade feliz. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral “Sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco*, p.33.

⁶ A referência foi inserida pelo autor da dissertação: “A irrupção da consciência acerca da Terra como pátria e mátria comum de todos os seres funda o novo patamar de realização da história e do próprio planeta”. Cf. BOFF, *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*, p.21.

⁷ O alarme foi tocado pela primeira vez, de modo a ser reconhecido internacionalmente, pelo Club de Roma em 1972 com o relatório: “Os limites do Crescimento”. O Club, formado por cientistas, economistas, empreendedores entre outros, mostra que utilizar de maneira indiscriminada os recursos naturais leva a um colapso do sistema de vida na terra, se não tiver uma modificação nas atitudes do ser humano a começar imediatamente.

não produz diretamente um som talvez faça com que não seja percebido pelos seres humanos, mas os sinais estão presentes e ao alcance de todos. As águas, como o solo, a atmosfera e os glaciais apresentam sinais de sofrimento muito evidentes que não são mais possíveis ignorar. As mudanças climáticas e a perda da biodiversidade são temas continuamente enfrentados por vários especialistas e também pelos movimentos que se comprometem a salvar a natureza, que oferecem uma contribuição importante para sensibilizar as pessoas dos graves riscos nos quais a humanidade está mergulhada e propor avanços e soluções para as questões mais problemáticas. Mas isso ainda se revela como uma visão parcial quando considerado como um movimento verde: salvar uma ou outra espécie animal ou ambiente vital não alcança uma ação maior que possa incluir toda a vida sobre a Terra ou até a compreensão da presença vital que a Terra é como um todo.

O grito da Mãe Terra também é dado pelos seres humanos, aqueles que se encontram em situação de pobreza⁸, às vezes de pobreza extrema, condição que não é causada por falta de recursos ou de alimentos no nosso planeta, mas por uma injusta distribuição dos bens. De um lado, encontramos uma grande parte da população mundial sempre mais pobre⁹ ou empobrecida, do outro, uma pequena parte da população mundial sempre mais rica. A desigualdade social¹⁰ está plenamente ligada ao discurso ecológico verdadeiro: não tem como separar o cuidado com a natureza do cuidado com o ser humano.

Ouvir um grito sempre incomoda, porque chama a atenção do ouvinte e, por outro lado, pede também um compromisso para salvar quem se encontra em situação de perigo iminente. Mas às vezes o grito não é tão forte porque apresenta-se semelhante a um gemido, não percebido porque o ouvinte está encapsulado dentro de muitos outros ruídos e urgências. Para ser escutado precisa

⁸ Na Carta Encíclica *Deus Caritas est*, papa Bento XVI lembra que a caridade é um dos elementos constituintes da fé cristã: “no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna”. (n.20)

⁹ Segundo o “Relatório Luz 2018”, lançado no mês de julho com base nos dados do IBGE, a pobreza no Brasil diminuiu até 2014, mas agora, devido à crise econômica, voltou a crescer, passando de 5,2 a 11,8 milhões de pessoas em 2017. Disponível em: < <http://ibase.br/pt/noticias/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-estao-longo-de-serem-alcancados-no-brasil/>> Acesso em: 13 out 2018.

¹⁰ Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco alerta: “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo.” (n.187)

um ouvido capaz de se compadecer: “Estas situações provocam gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo” (LS n.53). Parece que a *Laudato Si'* está colocando a serviço o seu próprio sentir para dar voz a esse desafio. E a expressão do grito encontra sua unidade nos dois sujeitos que hoje mais se encontram em perigo:

Não podemos deixar de reconhecer que *uma verdadeira abordagem ecológica, sempre se torna uma abordagem social*, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir *tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*. (LS n.49)¹¹

Sentir é a primeira modalidade com a qual um recém-nascido se coloca em comunicação com o mundo exterior. De fato, as primeiras mensagens se caracterizam pelo emocional, somente mais tarde se desenvolve na criança o uso das faculdades intelectivas e, por isso, a capacidade do raciocinar. O valor do sentir emocional está na base da compaixão e do entendimento da realidade que supera uma visão excessivamente voltada para a razão técnica. Sentir um grito não envolve somente os ouvidos, mas alcança as entranhas, provoca uma reflexão e estimula uma ação de cuidado.

Vale a pena destacar a atitude com a qual a *Laudato Si'* sugere enfrentar a situação atual para ler o que está acontecendo com o meio ambiente: “O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece com o mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS n.19). Atitude essa que tem como finalidade fazer uma leitura da realidade não destacada e fria, mas sim como a de quem se sente plenamente envolvido na causa humana e ecológica.

Por que a questão ecológica se tornou tão importante ao ponto de merecer uma encíclica sobre o assunto? De fato, o papa Francisco não se limitou a oferecer uma reflexão de base e fundamento para o seu pensamento, mas contínua, para que a práxis possa se tornar um percurso de conversão (LS n.19). Algumas ações pastorais chamam a atenção: a instituição do dia 1º de setembro como dia da criação, a atenção constante de respeito aos migrantes, a escolha em almoçar com

¹¹ O livro de Leonardo Boff já traz, no título, a nova abordagem: *Ecologia: grito da Terra e grito dos pobres*. Na introdução, revela: “o propósito do livro consiste em articular todos esses gritos que clamam por libertação”, p.8.

os pobres quando está nas viagens oficiais. Entre outras iniciativas, vale a pena ressaltar o sínodo marcado para outubro de 2019: “Amazônia, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Quem propõe este documento preparatório é o REPAM (Rede Eclesial Pan-Amazônia), organismo que reúne a Igreja que se encontra na Pan-Amazônia, isto é, os nove países que fazem parte desse grande bioma: além do Brasil, a Venezuela, a Colômbia, o Equador, o Peru, a Bolívia, a Guiana, o Suriname e a Guiana Francesa. Segundo o método ver, julgar (discernir) e agir, o texto¹² se propõe como um instrumento para escutar o povo que mora nessa região do Planeta. Os fortes interesses econômicos na Amazônia provocam, entre outras ações destruidoras, um desmatamento indiscriminado, a contaminação dos rios, lagos e afluentes – por causa do uso excessivo de agrotóxicos, derrame de petróleo, mineração legal e ilegal, e dos derivados da produção das drogas. A tudo isso, soma-se o narcotráfico.

Fica claro, neste sentido, o direcionamento do sínodo da Amazônia: uma escuta da realidade daquela região particularmente sensível à questão ecológica tanto pela sua centralidade quanto pela diversidade ambiental, mas também pelas ameaças que está enfrentando por parte dos grandes interesses econômicos. Nisso tudo, os povos indígenas estão no olho do furacão: eles também estão ameaçados nas suas vivências e diversidades culturais.¹³ A esses pobres se dirige o interesse e a preocupação da Igreja com a celebração de um sínodo.

A expressão do grito não é uma novidade, mas bem se associa à problemática ecológica. A natureza está ferida e clama por uma libertação que lhe possa oferecer a cura. A Bíblia mesma nos conduz a ouvir os gritos da história humana – Gn 4,10: “Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim” – e da história da salvação – Mt 27,50: “Jesus, porém, tornando a dar um grande grito, entregou o espírito”. Por fim, São Paulo encontra um grito na criação que espera os eventos escatológicos: “Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente” (Rm 8,22). A expressão “grito da Terra, grito dos pobres” utilizada para manifestar o chamado urgente da ecologia vem de

¹² REPAM, *Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, p.13.

¹³ No encontro com os povos da Amazônia em janeiro de 2018, no Peru, o papa Francisco, dirigindo-se aos indígenas presentes, assim disse: “Com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência de um estilo de vida que não consegue medir os seus custos. Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum”. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html > Acesso em: 14 out 2018.

Leonardo Boff, que ao longo de sua vida dedicou-se de maneira especial à questão ecológica e dos pobres: “As dores do tempo presente não são aquelas de um moribundo diante da morte, mas de um parto que gera nova vida”¹⁴.

2.1.2

Ecologia: acolhimento dos gritos

São muitos os âmbitos do saber e da vida cotidiana nos quais encontramos a palavra ecologia: na biologia e na agricultura, na alimentação e no esporte, mas também na ética e na teologia, e assim por diante. Mas qual é a origem do termo e o que se entende quando se usa a palavra ecologia?

A palavra ecologia tem sua origem creditada ao biólogo e zoólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), o primeiro que a formulou: “A ecologia é o estudo do inter-retorrelacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente”¹⁵. Literalmente, ecologia significa o discurso racional (logos) sobre a casa (oikos).

O físico Fritjof Capra estuda a realidade chegando a uma concepção sistêmica da vida e na qual a ecologia também é um dos elementos centrais da indagação que une diferentes âmbitos, como a saúde, a economia, o modo de entender a vida. Por isso propõe: “A nova visão da realidade, de que vimos falando, baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, sociais e culturais”¹⁶. A ecologia é o estudo de como a terra funciona, ou seja, das relações que interligam todos os moradores da nossa casa comum, os seres abióticos e bióticos. Os seres abióticos possibilitam a vida para com os ciclos da matéria e da energia, como a água, a terra, o sol. Os seres bióticos incluem todos os seres vivos, como as bactérias, as algas e todas as plantas e os animais, entre os quais os seres humanos.

A ecologia não é um estudo sobre a natureza, e sim a ciência acerca da relação entre todos os seres, que torna possível a continuidade da vida na Terra.

¹⁴ BOFF, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra*, p.10. É no sentido do “cuidado” com a casa comum e com os pobres que o teólogo expõe o seu pensamento.

¹⁵ *Ibidem*, p.18.

¹⁶ CAPRA, *O ponto de mutação*, p.259.

Mais ainda, Leonardo Boff a considera a *arte* de um novo paradigma de relacionamento com o sistema-Vida e com o sistema-Terra.¹⁷

Afonso Murad, procurando uma definição de ecologia, fala em “pluriverso” que abarca ao menos três componentes: ciência, prática social e paradigma.¹⁸ O objetivo da ecologia não está na direção de fazer um estudo dos elementos que compõem a natureza, mas, sim, na interação entre as diferentes partes que podem compor um ecossistema num determinado contexto geográfico. Por isso, ela faz uso do saber de diferentes disciplinas (biologia, química, engenharias e muitas outras). Não é a simples soma delas.¹⁹ Hoje, a ecologia pesquisa como o ser humano altera os ecossistemas, os biomas e a biosfera e fornece elementos teóricos em vista do reequilíbrio do meio ambiente.

O tema da ecologia não se reduz a uma ciência, envolve movimentos, educação, instituições políticas e governamentais e ONGs no mundo todo, com a finalidade de oferecer uma resposta à questão ambiental. Por isso Murad destaca que a ecologia é uma prática e uma ética social. Na sua interpelação, incentiva o ser humano a procurar respostas em diferentes níveis: individual, comunitário e institucional.

O terceiro elemento que Murad coloca diz respeito à mudança de paradigma: do hegemônico tecnocrático da modernidade para o paradigma ecológico. Segundo as palavras de Leonardo Boff, quando se fala em paradigmas, “tratam-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante”²⁰. A questão colocada é a seguinte: é possível manter a lógica de acumulação, de crescimento ilimitado e linear e ao mesmo tempo evitar a quebra dos sistemas ecológicos e a depredação dos bens naturais sobre os quais as gerações futuras também têm direito?²¹ De fato, esse é o paradigma atual. Claro

¹⁷ BOFF, *Grito da terra, gritos dos pobres*, p.21.

¹⁸ MURAD, *Ecoteologia: um mosaico*, p.21.

¹⁹ *Ibid.*, p.22.

²⁰ BOFF, *op. cit.*, p.31.

²¹ Interessante salientar que o prêmio Nobel de Economia do ano 2018 foi entregue a dois norte-americanos. William de Norhaus foi agraciado com o prêmio por integrar estudos sobre a mudança climática: “tornou-se a primeira pessoa a criar um modelo de avaliação integrado, ou seja, um modelo quantitativo que descreve a interação global entre a economia e o clima (...) este modelo usa-se para determinar as consequências das intervenções de política climática, como os impostos sobre o carbono” segundo o comunicado da academia sueca. Uma outra voz, expressa por Eduardo Gudynas, do Centro Latino-Americano de Ecologia Social, afirma que mais uma vez foi “premiado o mito do crescimento econômico com meta do desenvolvimento e a fé de resolver a crise econômica dentro do mercado e do capitalismo”. Disponível em: <

que uma mudança se faz urgente, porque estão em questão não só os recursos naturais, mas a própria vida humana que deles depende. Mas a mudança não pode acontecer de vez, tem que passar por um processo de troca de paradigma. A ciência e a técnica são práticas culturais como outras, e por isso limitadas a uma determinada cultura. São constituídas por duas dimensões: compreender e modificar; e assim surgiu a ciência moderna, como um “estar sobre” a natureza. Boff propõe uma nova visão que possa proporcionar outras formas de diálogo com a natureza, como o senso comum, o saber tradicional dos povos e até a magia e a alquimia. Interessante a informação que nos vem da biologia genética e molecular: todos os seres vivos, incluídos os seres humanos, somos formados de uma base comum de vinte aminoácidos e quatro bases fosfatadas. Isso leva a dizer que necessitamos de uma complementariedade e a renúncia ao monopólio de compreender só por meio da razão instrumental. Faz parte do conhecimento humano uma nova sensibilização para com o planeta como um todo, em que a compaixão, a emoção, o encantamento e a cortesia (apreciada por São Francisco) abrem processos para descobrir e viver um novo paradigma, que o autor chama de razão simbólica e cordial.²²

Voltando à imagem que a *LS* nos oferece da “casa comum”, podemos pensá-la não só como o espaço onde proprietário e inquilinos se encontram, mas onde todos são inquilinos e responsáveis da mesma forma pela casa. Neste sentido, a ecologia se manifesta como a relação entre os diferentes seres vivos e outros agentes de vida: “em níveis diferentes, tudo que existe e foi criado respira vida”²³. Suess, na sua investigação a respeito da palavra ecologia, destaca na encíclica do papa a tentação do domínio como atitude humana à respeito da natureza e dos outros seres humanos: “o nosso serviço transformado em domínio faz adoecer a Terra”²⁴, quebrando assim a relação de reciprocidade entre a terra e os seres humanos, que se consideram proprietários. Além disso, “o desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente” (*LS* n.224). A ecologia, assim, é uma

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583728-um-nobel-que-tem-pouco-de-ecologia-e-muitos-interesses-dos-banqueiros>> Acesso em: 18 out 2018.

²² BOFF, *Grito da terra, gritos dos pobres*, p.36.

²³ SUESS, *Dicionário da Laudato si'. Sobriedade feliz*, p.81.

²⁴ *Ibid.*, p.83.

oportunidade de entender o ser humano e sua antropologia em meio à criação e aos gritos que ela vivencia. Ele tem a tarefa particular de cuidar da casa comum, que não pode ser confundida com a de dominar.

2.1.3

Deus dos pais e Senhor de misericórdia, tudo criaste com a tua palavra! (Sb 9,1)

A Bíblia não contém a palavra ecologia, mas a preocupação dos textos nos revela o grande interesse que ela tem com a criação do mundo e proporciona o entendimento do sentido do ser humano no contexto de sua relação com Deus. O enfoque com que vamos proceder na pesquisa está presente nos primeiros capítulos do Gênesis, como as palavras centrais, das quais depois se desenrola o discurso da criação nos profetas, nos sapienciais e nos apocalípticos. O Livro da Sabedoria confirma o autor de tudo quanto existe: “Deus dos pais e Senhor de misericórdia, tudo criaste com a tua palavra” (Sb 9,1).

Os estudos mais recentes confirmam que a fé do povo de Israel se manifestou ao longo da história, primeiramente no Deus salvador e só após no Deus criador. Com isso, se entende que os primeiros cultos e adorações estavam voltados em reconhecer a ação de Deus, que tinha libertado seu povo da condição de escravidão no Egito. Mas quando o povo de Israel se encontrou na condição de exiliado, viu-se na exigência de responder algumas importantes perguntas, como a de onde vem o mal e por que Deus não estava agindo em favor de seu povo. Então é que se foi desenvolvendo de maneira mais evidente a atenção ao Deus criador, e é nesse período que se pode colocar a data de redação dos escritos do Gênesis, e de maneira particular os primeiros onze capítulos. A consciência que o Deus de Israel é o criador, “fundamenta, legitima e universaliza a fé no Deus da história da salvação”²⁵. Nesse processo de redação, não é estranho encontrar elementos mitológicos com que se animavam as crenças nas populações vizinhas de Israel.

O segundo relato da criação, Gn 2,4b-25, se manifesta como o mais antigo (X século aC) e o texto não se ocupa diretamente da criação do mundo. É no primeiro relato (Gn 1,1-25), do V século aC, que se encontra uma verdadeira elaboração teológica sobre a criação do mundo por Deus. Trata-se da “história das

²⁵ RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, p.149.

origens”, incluindo nela a criação do mundo. Claro que nessas narrativas não se deve procurar uma leitura científica, segundo o pensamento moderno, de como aconteceu o começo do mundo, porque não era esse o objetivo do autor sagrado. A intencionalidade não está dirigida à historicidade do relato, mas ao seu significado. Uma leitura aprofundada do primeiro capítulo de Gênesis leva a algumas considerações teológicas. Deus cria o mundo e tudo quanto existe é criatura de Deus, por isso o mundo não é uma emanção divina, não é de natureza divina. A diferença entre criador e criatura é fortemente acentuada. Por outro lado, o mundo é incompreensível sem a ação criadora de Deus. Uma outra característica que se pode evidenciar é que “o mundo criado precede o ser humano e possui densidade própria”²⁶. Por isso, o ser humano é chamado a receber como um dom a criação: ele é um ser de receptividade e de resposta. A partir do versículo 3, a narrativa afirma várias vezes que a criação é realizada pela Palavra de Deus, marcando assim a iniciativa livre de Deus e a dimensão dialógica entre o Criador e a criatura (de fato é um gesto de amor-palavra, que justifica o ato criador). Por fim, o tempo é valorizado de maneira positiva, um tempo aberto em que o ser humano é chamado a decidir em relação à interpelação de Deus.

O segundo relato de Gênesis – 2,4b-25 – igualmente faz uma narrativa da criação do mundo, mas a exegese do texto destaca a centralidade da criação do ser humano e a necessidade de responder a pergunta pela origem dele em sua situação ambígua e dividida, em que o povo e toda pessoa se encontra. Por isso, se faz necessário compreender a mensagem junto com Gn 3. Esse capítulo faz uma descrição sumária dos males que afligem o ser humano: a dominação entre homem e mulher, o pesadelo do trabalho e até a própria morte (Gn 3,19). Diante disso, o autor se pergunta: qual a causa dessa situação de não salvação? De maneira inovadora, não se responde que a causa tem que ser procurada nos deuses, mas que deve ser procurada no próprio ser humano (Gn 3,1-7; 4 e 11,1-9). Não é a vontade divina fazer o ser humano viver uma vida marcada pelo sofrimento, pelo contrário, o desejo é que o ser humano se encontre numa realidade de paraíso (Gn 2,4b-25). Compreendendo isso, é possível fazer uma leitura das mensagens que essa narrativa nos oferece: na criação, Deus coloca tudo, mas falta alguém para regar a terra. Diferente dos outros seres, a criatura

²⁶ RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, p.155.

humana recebe o sopro vital (*ruah*): o ser humano é semelhante aos outros seres, mas com uma característica particular. Ele é colocado no jardim para guardá-lo e cultivá-lo e isso manifesta a grande confiança de Deus nele. A criação da mulher, lida com atenção, revela a necessidade de o ser humano ser social, e que o auxílio que Deus lhe coloca é “um auxiliar” vital: sublinha-se a igualdade fundamental na qualidade de ser humano. Seria uma traição ao texto ler nisso uma diferença na dignidade de gênero. Um último elemento importante é que o homem está chamado a se decidir para o sim a Deus e está livre para isso, mas infelizmente responde um não (cf. Gn 3). Por isso pode-se dizer que o ser humano é um ser de decisões, chamado a responder e a viver a diferença diante de Deus e dos outros seres humanos e quando quer se colocar no lugar de Deus se fecha na própria identidade, negadora da diferença.²⁷

A leitura mais comum dos primeiros capítulos de Gênesis impõe uma visão da criação a partir do nada. Mas uma outra leitura que oferece uma atenção maior ao contexto mitológico e à cultura hebraica leva a considerar a criação como o ordenamento de um espaço caótico. Haroldo Reimer²⁸ contextualiza a exegese dos primeiros versículos e focaliza a atenção na ação ordenadora que o autor sagrado propõe: na desolação e no deserto se dá a criação, assim como ela se encontra nas trevas e águas abismais – a criação coloca uma ordem que se manifesta na cidade e na convivência dos homens. O primeiro ato de criação propriamente dito é o da luz: “seja a luz”, em que as trevas são empurradas e se forma o espaço da criação. Esse espaço precisa do cuidado, que é em primeiro lugar de Deus, mas que continua com a contribuição ativa do homem. Nessa leitura dos primeiros versículos bíblicos:

Na tradição hebraica há confluência entre o agir divino e o agir humano. No mundo do texto é Deus quem “cria”, construindo um espaço propício para a vida, havendo aí “cuidado divino”; no mundo das relações concretas, contudo, a sábia relação com o ambiente, com o espaço ordenado da “criação”, é tarefa humana que se consubstancia em constante tarefa de cuidado.²⁹

Uma questão chama a atenção respeito a leitura de Gn 1,28: alguns leitores a compreendem no sentido de uma dominação aberta para a destruição da terra, mas não faz sentido, porque uma hermenêutica autêntica do texto bíblico, situado

²⁷ RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, p.164.

²⁸ REIMER, *Criação e cuidado*.

²⁹ *Ibid.*, p.313.

num contexto agrário, impõe uma leitura em favor do cuidado e da administração dos bens da terra. Mesmo quando a Bíblia usa o termo “dominar” a respeito dos animais, confrontado com outros textos da Sagrada Escritura, ele é apontado no sentido de dominar com limites³⁰: para estabelecer justiça e paz no povo e, no texto de Gn 2,4b-3,24, o binômio “sujeitar e dominar” está relativizado pelo binômio “cultivar e guardar” em Gn 2,15. Talvez a imagem que melhor explique o sentido mais profundo seja a do jardineiro que cuida as flores e as administra em seu jardim com a sensibilidade dada por Deus e pela própria beleza da criação-ornamentação.³¹

O salmo 8 merece uma particular atenção, sendo que as palavras do versículo 7 foram muito questionadas na visão ecológica: “Para que [o homem] domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste”. Piero Stefani afasta o perigo de um antropocentrismo hegemônico na Bíblia e no salmo, propondo uma leitura que coloque a atenção em um olhar voltado para a criação no seu conjunto. De fato, o salmo abre e fecha com um refrão que coloca no centro da atenção o louvor ao Senhor. O poder que Deus entrega à criatura humana sai das mãos de Deus e trata-se de um poder voltado para governar a criação que dele foi surgindo. Também a expressão “sob seus pés tudo colocaste”, interpretada com o sentido de tempos passados, abre para pensar que trata-se de um domínio limitado e dependente: as capacidades do ser humano vêm da concessão de Deus. Em todo caso, o poder que lhe foi concedido, não é efêmero: “A maravilha se funda na união na criatura humana de uma radical dependência e de uma efetiva capacidade de domínio; equilíbrio árduo de se manter”³². Outro aspecto que o exegeta coloca em evidência tem a ver com o versículo 5: “Que é o homem (...)?” De fato, o autor sagrado não coloca o “quem”, mas deixa um “que”, quase a indicar a radical forma terrestre do ser humano. Nisso pode-se dizer que nada distingue o ser humano dos outros seres viventes. Somente a lembrança e a cura divina podem capacitá-lo a falar em primeira pessoa quando se direciona a Deus no primeiro e no último versículos do salmo.

Ainda há outros salmos que, com diferentes abordagens, reconhecem a grandeza e a dependência de Deus como criaturas do universo. O salmo 104, ao

³⁰ REIMER, *Toda a criação. Bíblia e ecologia*, p.36.

³¹ ESPÍNDOLA GARCÍA e LODOÑO. In: MURAD, *Ecoteologia: um mosaico*, p.141.

³² STEFANI. In: MOLTSMANN, STEFANI e TRIANNI, *La terra come casa comune. Crisi ecologica ed etica ambientale*, p.34-9. (A tradução é nossa.)

qual se pode dar o “nome” de salmo do ecossistema, estreita uma relação com a cosmogonia exposta em Gn 1: a intenção do salmista é contemplar o que há por trás da criação, ou quem se insinua, por meio da criação.³³ Os profetas destacam a responsabilidade social e o modo como o homem trata a natureza.

O Novo Testamento também revela todo seu cuidado com a natureza: Jesus manifesta sua atenção para os pobres e à justiça e um grande conhecimento dos elementos da criação, de maneira particular nas parábolas. Vale a pena destacar as palavras de Paulo: “Porque já não importam nem a circuncisão, nem a incircuncisão, mas tão somente a nova criação! Para aqueles que seguem essa norma, a paz e a misericórdia sobre eles e sobre todo o Israel de Deus” (Gl 6,15-16). O apóstolo destaca como a nova criação se dá pela vinda do Cristo que liberta o homem com a lei do amor aos outros. Falar em “nova criação” supõe a primeira criação relatada em Gênesis. Em sua experiência pessoal de encontro com o Cristo ressuscitado, compreende que a iniciativa parte de Deus e oferece a sua ação renovadora da criação. Essa se manifesta como reconciliação da Aliança que fora rompida pelo pecado do homem e a libertação messiânica associada à morte salvadora do Messias. O próprio Deus teve que intervir com sua justiça para eliminar a esfera da maldade e instaurar de novo a ordem da bondade em sua criação.³⁴

Assim, a *Laudato Si'* quando se refere aos textos bíblicos, comenta:

as narrativas de Gênesis sugerem que a existência humana baseia-se em três relações fundamentais estreitamente conectadas: a relação com Deus, com o próximo e com a Terra... Nelas, já estava contida uma convicção atual: que tudo está relacionado e que o autêntico cuidado com a nossa própria vida e com nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade para com os outros. (*LS* n.66, 70)

Como se apontou no começo deste subcapítulo, a Bíblia não usa a palavra ecologia, mas apresenta a criação como obra de Deus em que o ser humano tem lugar de particular destaque. Ao mesmo tempo, coloca o ser humano como jardineiro e, por isso, numa posição de relacionamento em que recebe um mandato de Deus (cuidar), mas depende das criaturas.

³³ ESPÍNDOLA GARCÍA e LODOÑO. In: MURAD, *Ecoteologia: um mosaico*, p.147.

³⁴ *Ibidem*, p.157-62.

2.2

A situação da Mãe Terra

As palavras sempre nos orientam na compreensão de um conceito. Chamar a Terra de mãe faz todo sentido, a partir do fato que todos os seres que nela habitam têm nela sua origem: por isso é importante dar uma conotação afetiva. Como também dizer que ela merece receber todo o respeito e cuidado dos filhos para com sua mãe. Na mesma linha, vale a pena lembrar aquela imagem que os astronautas nos oferecem quando estão em volta do globo: a percepção que eles revelam é a de uma entidade única. Daqui se pode considerar a Terra como uma unidade na qual acontece a vida, mas ela mesma pode ser considerada vivente (Gaia)³⁵ enquanto não coleta simplesmente as vidas que nela se desenvolvem, mas forma um todo vital com o universo. Os dados que vamos considerar para ter um panorama da situação tomam um significado mais verdadeiro se forem lidos nesse sentido do cuidado dos filhos com sua mãe.

2.2.1

Os dados

Os sinais do desgaste da natureza são evidentes e parece que a humanidade não consegue ouvir e ver o que está acontecendo ao seu redor. A encíclica *Laudato Si'*, olhar acurado do papa Francisco, é um alarme poderoso ao estágio de doença em que se encontra a criação. Os elementos da natureza estão sofrendo ataques muito fortes: as águas sofrem por serem exploradas tanto na terra quanto nos oceanos, os minérios estão sendo depredados na atividade de extração, as florestas continuam saqueadas à procura de madeira e muitas outras atividades humanas estão causando danos ao meio ambiente, trazendo consequências muito perigosas para o ser humano. Com efeito, ele se encontra numa situação de predador e de vítima dos seus próprios atos: quem poderá garantir o futuro da humanidade se a natureza não terá mais recursos para oferecer e partilhar com os seus herdeiros?

Muitos movimentos de cunho ecologista e de cuidado com a natureza se questionam a respeito deste grave assunto e se colocam à disposição para conscientizar as pessoas e oferecer uma contribuição. Isso ajuda bastante o

³⁵ BOFF, *Grito da terra, gritos dos pobres*, p.102-6.

processo de conhecimento e leva à maior consciência da gravidade da situação da nossa casa comum: os estudos dos cientistas levam em consideração os diferentes aspectos que estão envolvidos quando o homem não cuida da – ou até pratica atos de violência para com a – criação.

Em 2013, foi publicado o quinto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU (IPCC). O jornalista Claudio Motta comenta a publicação com a análise de diferentes *experts*.³⁶ O documento com o trabalho de 259 cientistas do mundo inteiro e a participação de representantes dos governos de 195 países considera mais de 95% de certeza quando se afirma que o homem causou mais da metade da elevação média da temperatura entre 1950 e 2010. Nesse período, o nível dos oceanos aumentou 19 centímetros. O relatório com as bases científicas mais atualizadas sobre as mudanças climáticas ressalta que parte das emissões de CO₂ continuará a ser absorvida pelos oceanos, provocando maior acidez dos mares (99% de probabilidade que isso aconteça), prejudicando a vida marinha.

Quem comenta o relatório é a especialista brasileira Suzana Kahn (atual presidente do PBMC: Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas), que fez parte do grupo de pesquisadores do IPCC em Estocolmo. Ela confirma a cientificidade das pesquisas do documento, apesar de ter poucos dados a respeito dos países do sul do mundo. O relatório oferece importantes informações, segundo a pesquisadora: “o grande ganho é a comprovação do que tem sido dito há mais tempo, com mais informação sobre o papel dos oceanos, das nuvens e aerossóis”³⁷.

O relatório deixa claro que o aquecimento global é incontestável e urge medidas para confrontar os efeitos piores. Se de um lado o relatório é o resultado de uma mediação com a diplomacia (no grupo que votou o documento estavam presentes representantes governamentais), de outro, se tomamos em consideração mesmo os dados mais leves, ele já revela elementos muito preocupantes: perda de massa de gelo, aumento do nível dos oceanos, o incremento de chuva onde já chove muito e diminuição nas áreas áridas.

As informações do IPCC são muito importantes para se estudar estratégias que possam controlar, ou ao menos reduzir, as mudanças climáticas. Em 2009, na

³⁶ Ver artigo do jornalista Claudio Motta publicado no jornal O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/gelo-no-artico-pode-diminuir-94-o-nivel-do-mar-subiria-82-cm-ate-2100-10173671>> Acesso em: 17 out 2018.

³⁷ KAHN apud MOTTA, em artigo publicado no jornal O Globo, cf. nota 36.

convenção do clima na Dinamarca (COP-15), foi criada a meta de limitar o aquecimento global em 2 graus: que é quanto os especialistas têm considerado o limite máximo para que o sistema climático não entre em desequilíbrio.

Para isso acontecer em 2050, explica Emilo La Rovere, da Coppe/UFRJ, seria necessário cortar 80% das emissões em comparação com 1990. A maioria dos gases que provocam o efeito estufa estão ligados à queima dos combustíveis fósseis (85% da energia do planeta vem desse processo de combustão, segundo os dados da Agência Internacional de Energia).

As importantes informações que se encontram no relatório do IPCC são renovadas a cada cinco ou seis anos, aprimorando novas técnicas de medição e de pesquisa, mas também encontrando o consentimento das partes governamentais. A partir dessas informações se realizam também novos estudos que proporcionam cenários futuros.

Em 2012, realizou-se a Rio+20, em que a ONU reuniu as lideranças governamentais para decidir as novas estratégias para combater as mudanças climáticas. Paralelamente se reuniu a Cúpula dos Povos, com representantes não governamentais do mundo inteiro. A Declaração Final criticou duramente as instituições multilaterais, porque a serviço do sistema financeiro, e por não oferecerem respostas ousadas para o problema humanitário e ambiental que o mundo precisa enfrentar.³⁸

Aconteceu em Paris, em 2015, a 21ª Conferência das Partes (COP 21) da Unfccc (Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima – sigla em inglês) para estabelecer um acordo vinculante entre os países visando à redução das emissões de gases que provocam o efeito estufa (GEE, sigla em inglês). O acordo foi assinado pelos 195 países que formam o Unfccc. O Brasil ratificou, em setembro de 2016, o acordo, apresentando as suas Contribuições Nacionalmente Determinadas, que se tornaram, assim, compromissos oficiais do país. As ambiciosas metas de Contribuições Nacionalmente Determinadas (iNDC – sigla em inglês) do Brasil preveem a redução dos gases a efeito estufa em 37% até 2025 e em 43% até 2030, a partir de 2005. Para fazer isso, o Brasil se compromete em aumentar a bioenergia sustentável em aproximadamente 18%,

³⁸ Cf. o Documento Final da Cúpula dos Povos. Disponível em: <<http://riomais20sc.ufsc.br/files/2012/09/DOCUMENTOS-FINAIS-DA-CUPULA-DOS-POVOS-NA-RIO-20-POS-JUSTIÇA-SOCIAL-E-AMBIENTAL.pdf>> Acesso em: 17 out 2018.

bem como uma participação de fontes de energias renováveis em 43% na composição da matriz energética até 2030, além da reflorestação de 12 milhões de hectares de floresta. Os dados que se encontram no site do Ministério do Meio Ambiente mostram a meta ambiciosa do Brasil.

Pesquisadores da universidade de Oxford, num estudo publicado pela revista científica *Nature Geoscience* em 18 de junho de 2018, afirmam que se se mantiver constante a emissão de CO₂ como atualmente, pode se chegar ao limite de aquecimento global de 1,5 °C entre os anos 2030 e 2049. A pesquisa considera também outros gases como o metano, que apesar de ter um tempo de vida mais curto na atmosfera também contribui para o aquecimento global.³⁹

No início de outubro de 2018, o IPCC começou a oferecer os novos relatórios sobre as mudanças climáticas e propõe os desafios e benefícios de uma nova meta: limitar o aquecimento global até 1,5 graus em relação à era pré-industrial. A proposta ambiciosa prevê a redução das emissões de gases a efeito estufa de 45% até 2030 (em relação ao ano de 2010) e chegar a zero até 2050.⁴⁰

Em artigo publicado também pela revista *Nature*, de junho de 2018, o cientista polar José Xavier alerta dos altos riscos, caso não se tomem providências para baixar o nível de gases que produzem o efeito estufa na atmosfera. O jornalista Julio Ottoboni⁴¹ entrevistou o cientista reconhecido em âmbito internacional, que trabalhou, junto com outros oito colegas, dois possíveis cenários a partir do estudo do IPCC de 2013. O arco de tempo dos próximos 10 anos se torna de importância central. No pior cenário, caso continuem da mesma forma as emissões de CO₂ na atmosfera, a temperatura pode aumentar em 3 graus até o ano 2070, em relação à era pré-industrial, e isso iria provocar a diminuição da cobertura gelada da Antártica com uma redução de 23%. Ao mesmo tempo, as águas dos oceanos se tornarão mais ácidas devido à grande quantidade de CO₂ que irão absorver e, num efeito cascata, muitas espécies marinhas sofrerão com esse novo impacto do clima. Os cientista estimaram, também, que o custo a ser enfrentado para superar as dificuldades será por volta de dois bilhões de euros.

³⁹ Cf. o site Observatório do Clima. Disponível em: < <http://www.observatoriodoclima.eco.br/humanidade-estoura-limite-de-15oc-em-22-anos-diz-estudo/>> Acesso em: 17 out 2018.

⁴⁰ Cf. o site Observatório do Clima. Disponível em: < <http://www.observatoriodoclima.eco.br/frear-aquecimento-em-15c-requer-corte-de-45-nas-emissoes-em-12-anos/>> Acesso em: 17 out 2018.

⁴¹ Ver artigo de Julio Ottoboni na revista *Envolverde*. Disponível em: <<http://envolverde.cartacapital.com.br/uma-decada-para-evitar-desastre-global-diz-artigo-na-nature/>> Acesso em: 17 out 2018.

Caso o cenário se apresente na melhor das hipóteses baseada nos estudos do IPCC, e todos os governos continuem atuando conforme o Acordo de Paris (2015), o aquecimento global poderia subir até um grau a mais em relação à era pré-industrial e os gastos para conter os efeitos negativos rondarão os 50 milhões de euros por ano.

No ano de 2017, foram desmatado 7408 quilômetros quadrados de Cerrado, o segundo bioma maior do Brasil, após a Floresta Amazônica. Se por um lado esse dado é preocupante, por outro, deve-se reconhecer que o desmatamento do Cerrado caiu bastante nos últimos anos: em 2009 foi cerca de 10 mil quilômetros quadrados. Isso se aproxima das metas que a Política Nacional de Mudanças Climáticas tinha colocado: diminuir até 2020 o desmatamento do Cerrado em 40% em relação à média dos anos 1999 e 2008 (média avaliada em 9420 quilômetros quadrados). O resultado parece estar próximo, devido também a uma técnica de monitoramento do Cerrado por satélite, que permite detectar as áreas que estão em risco e assim ativar o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) para a fiscalização. Quem oferece esses dados é o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), que anualmente publica os resultados das pesquisas no site.⁴²

O acesso à água limpa tem cada vez menos disponibilidade: a poluição dos rios e o processo de seca das fontes faz dela um bem sempre mais procurado. Apesar de declarada com um bem necessário para a dignidade humana, na realidade, muitas pessoas em condições de pobreza têm um acesso limitado a esse bem fundamental para a vida e a saúde dos humanos. As doenças se propagam com maior facilidade quando a água consumida não é de boa qualidade. Ao mesmo tempo, assistimos o fenômeno da privatização das fontes, ampliando o risco de tornar esse bem tão precioso um produto de mercado, subjugando o direito de acesso das pessoas. O acesso à água potável não está ao alcance de todo mundo como deveria, segundo os direitos humanos. Um bilhão de pessoas, no mundo, tem que lutar todo dia para conseguir a água necessária. Quem oferece a informação é o conselho mundial da água (WWC), que esclarece que, dessas pessoas, mais de 500 milhões se encontram na Ásia, segue-se a África, com 319 milhões, e a América do Sul, com 50 milhões. No mesmo artigo, publicado pelo

⁴² Cf. Observatório da Terra. Disponível em: <<http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias/inpe-divulgados-sobre-o-desmatamento-do-bioma-cerrado#acontent>> Acesso em: 17 out 2018.

Osservatore Romano⁴³, se faz referência ao dado que a OMS (Organização Mundial da Saúde) alerta: enquanto nos países ricos o uso de água potável por pessoa ao dia é de 425 litros, nos países pobres o uso por pessoa cai para 10 litros, sendo que o mínimo considerado são 40 litros. Mais uma vez, dá para perceber a forte disparidade e desigualdade que existem no mundo entre os bens de primeira necessidade e que fazem parte dos direitos humanos.

Estamos assistindo a uma contínua extinção de espécies animais e vegetais causada pela perda de diferentes ecossistemas, tanto de seres vivos de grandes dimensões como de pequenas. Muitos ainda não são conhecidos, mas que interagem com outros para estabelecer o equilíbrio de um lugar. Ainda que a intervenção humana procure resolver a crise de um ecossistema, sua própria ação frequentemente agrava ainda mais a situação, porque normalmente está a serviço do sistema financeiro e do consumismo (LS n.34).

A manipulação dos ecossistemas se dá na intervenção humana excessiva, muitas vezes causada pelo uso indiscriminado, na agricultura, de venenos para combater pragas, os chamados de agrotóxicos. Segundo Rui Daher⁴⁴, criador da Biocampo Desenvolvimento Agrícola, em artigo publicado pelo IHU em agosto de 2016, o Brasil consome uma fatia de 20% do mercado mundial dos pesticidas. Um uso desnecessário, uma vez que existem técnicas comprovadas que vêm da tradição milenar e que “mantêm e mesmo fazem crescer a produção, diminuindo a dependência de agrotóxicos”. A implementar a venda deste produtos de comprovados malefícios ao ecossistema e à saúde humana, há todo um mercado que continua ganhando muito dinheiro, junto com os temores e o comodismo dos agricultores.

2.2.2 **O sofrimento da sociedade toda**

As feridas infligidas à Mãe Terra sangram mais em alguns locais do planeta, e os primeiros a serem golpeados são os humanos mesmos, quando se esquecem ou se esquivam da defesa dos próprios direitos e da salvaguarda da criação.

⁴³ Manca l'acqua. *L'Osservatore Romano*. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/it/news/senzacqua-ita>>. Acesso em: 17 out 2018.

⁴⁴ DAHER, Brasil, país dos agrotóxicos. *Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/558936-brasil-paraiso-dos-agrotoxicos>>. Acesso em: 17 out 2018.

Assustadoras são as informações a respeito dos assassinatos que aconteceram no ano de 2015 envolvendo ativistas ambientalistas. Segundo Silvina Perez, no *L'Osservatore Romano*⁴⁵ de fevereiro de 2017, mais de três pessoas ao dia são mortas no mundo por defender a Mãe Terra. A causa ambientalista está se tornando cada vez mais perigosa em alguns países, de maneira particular onde se encontram elementos naturais que depois são usados pela indústria. Calcula-se que só no Brasil foram mortos 448 pessoas entre os anos 2002 e 2013.⁴⁶ Diante da atividade extrativista em busca de matérias-primas úteis para as novas tecnologias, se encontra uma máquina que não quer parar nem quando a vida se põe no meio. Assim, as lutas se concentram em torno da propriedade das terras, do extrativismo de madeiras, da construção de barragens para a produção de energia elétrica. As terras que tem minérios e outros produtos se tornam sempre as mais cobiçadas para uma finalidade quase que exclusivamente de exploração, em vista de procurar o maior ganho possível, sem se dar conta das consequências com o impacto ambiental, social e cultural. Nesse panorama, as mais vulneráveis são as populações indígenas.

É evidente que não há desenvolvimento ecológico sem que haja, também, um desenvolvimento moral e social. A dignidade humana, de maneira particular a dos pobres, não pode ficar à margem do discurso ecológico, tanto pela centralidade que o ser humano mantém na criação, quanto pelo sofrimento no qual o pobre está envolvido, pois muitas vezes é ele o primeiro a sofrer as consequências – como quando não existe saneamento básico ou só consegue viabilizar viver em lugares no limite do que consideramos humano.

A questão ecológica clama por uma conversão humana a favor da natureza e do pobre. O uso dos bens por parte dos países ricos chega a ser assustador, quando nos referimos aos recursos que a Mãe Terra pode disponibilizar.⁴⁷ Vivemos numa

⁴⁵ Cf. *Osservatore Romano*. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/it/news/ambiente-mortale>> Acesso em: 17 out 2018.

⁴⁶ A Comissão da Pastoral da Terra (CPT) denuncia os 71 mortos do ano 2017 no Brasil. No seu último relatório publicado no começo de junho de 2018, ressalta o aumento das vítimas no campo por conflitos de terra. Cf. disponível em: < <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/06/para-comissao-pastoral-da-terra-massacres-no-campo-marcam-ano-de-2017>> Acesso em: 17 out 2018.

⁴⁷ A Global Footprint Network, na base dos dados oficiais de 150 países, estabeleceu qual é o *Dia da Sobrecarga da Terra*. Em 2017, foi registrado no dia 2 de agosto. Isto significa que nesse dia a civilização global sai do verde do superávit ambiental e entra no vermelho do déficit ambiental. Essa pesquisa faz uso de uma unidade de medida chamada Pegada ecológica. Ela avalia a demanda humana por recursos naturais com a capacidade regenerativa do planeta. Cf. disponível em:

época que se caracteriza pelo individualismo e pela necessidade de chegar ao bem estar de si próprio sem se importar com o outro. Na realidade, a conversão pode nos conduzir a um olhar mais atento a procurar o que Deus e o mundo precisam, ao invés do que eu quero.

Se tornou famosa a imagem do “descarte” que o papa usa de maneira transversal no documento todo: “a cultura do descarte afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo” (LS n.22). A natureza, nesse sentido, se torna nossa mestre: tudo deve fazer parte de um circuito em que o que não é mais utilizado por algum ser se torna elemento absorvido e utilizado dentro de um próprio ecossistema. Já o sistema industrial não é capaz de fechar da mesma forma o circuito, pois produz uma quantidade de lixo que não é reciclável, ou só o é em mínima parte, acumulando resíduos tóxicos que muitas vezes prejudicam o próprio ambiente, por exemplo, os lençóis freáticos.

Os efeitos da poluição atmosférica provocam danos ao meio ambiente, mas também à saúde das pessoas: as pessoas fragilizadas e pobres são aquelas que terão que pagar o custo maior. O aquecimento global é um dos fatores que mais tem influência no planeta, revelando como os primeiros a serem atingidos serão os pobres: as atividades de agricultura e de pesca, assim como os espaços que eles ocupam, se encontram em lugares afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento. Se a tendência atual se mantiver, este século poderá ser lembrado como o mais “manipulador dos ecossistemas”. As mudanças climáticas dão origem a migrações animais e isso atinge também os humanos: “É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental (...) a falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal de perda do sentido da responsabilidade pelos nossos semelhantes (...)” (LS n.25).⁴⁸

<<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570151-o-dia-da-sobrecarga-da-terra-acontece-cada-vez-mais-cedo-02-08-2017> > Acesso em: 17 out 2018.

⁴⁸ A ACNUR (Agência da ONU para Refugiados), publicou em junho de 2018 os resultados da Tendências Globais, uma pesquisa que todo ano relata os movimentos de refugiados no mundo. No ano de 2017 foram 68,5 milhões as pessoas que tiveram que se deslocar de maneira forçada. A maioria por motivos de conflitos e permanecendo dentro do próprio país. Contrariamente ao que se possa pensar, só uma parte foi procurar refúgio em outro estado: 24,5 milhões (85% dos deslocados estão em países em desenvolvimento). Isso corresponde a 2,9 milhões a mais do que em 2016. (Fonte: site da ACNUR no Brasil: <http://www.unhcr.org/global-trends-2017-media>).

Ao longo das últimas décadas, cresceu uma sensibilidade ecológica por meio de grupos e instituições que procuram ampliar o conhecimento da população através de sua atuação, mas ainda é insuficiente para mudar os hábitos nocivos de consumo (*LS n.55*), falta uma cultura necessária para enfrentar esta crise: uma liderança que possa apontar caminhos e chegar assim a um consenso normativo que proteja ecossistemas e pessoas em condição de risco (*LS n.53*).

Podem-se notar exemplos positivos de despoluição, reflorestação e criação de energia limpa. Mas estas ações precisam ser implementadas com decisões corajosas, para não cair em um certo torpor e uma alegre irresponsabilidade (*LS n.58*).

Há diversidade de opiniões para possibilitar soluções, mas assim como não pode ser aceita uma visão que entrega a salvação à aplicação de novas técnicas sem considerações éticas⁴⁹ nem mudanças de fundo, também não se pode pensar que qualquer intervenção ou presença humana seja nociva para a ecologia no sentido global. O ser humano tem como pensar uma convivência harmoniosa no planeta. “A Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover um debate honesto entre os cientistas (...) basta porém olhar a realidade com sinceridade, para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum.” (*LS n.61*).

2.2.3

Dois exemplos: os conflitos de terra e os gemidos dos animais

Para nossa pesquisa, é essencial não perder o contato com a realidade concreta. O grito dos seres vivos clama por Deus: entre eles encontram-se homens e mulheres em estado de vulnerabilidade e injustiça e outros seres, os animais, que pedem uma libertação maior.

Como já foi indicado na nota de referência 45, o Brasil teve 71 assassinatos no ano 2017 por conflitos de terra. Os dados são apresentados pelo relatório da

⁴⁹ Encontrar convergência comum a toda a humanidade acerca da questão ética é um dos interesses mais procurados nos nossos dias. A atitude do “cuidado” é explorada por Leonardo Boff, tanto entre os seres humanos, quanto com a natureza e será aprofundada no quarto capítulo deste trabalho: BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*.

CPT (Comissão Pastoral da Terra)⁵⁰, organismo ligado à CNBB. O relatório anual se propõe apresentar os enfoques dos maiores conflitos do Brasil e da América Latina e uma interpretação dos dados. A primeira constatação é que “a violência do campo é estrutural da formação territorial dos países onde hoje é a América Latina”⁵¹. Tem sua origem na época colonial e continua marcando a sociedade pelo sistema capitalista neoliberal. Esse sistema procura expansão para a sua forma de economia e de especulação financeira, e encontra no continente sul-americano um espaço ainda rico em recursos de matéria-prima e de força trabalho. Nesse contexto, faz-se necessária a apropriação da natureza e a expulsão de povos originários e camponeses de suas terras para dar espaço à produção do agronegócio, da mineração e da extração de madeira.

O Estado também participa de maneira ativa para ampliar o poder da propriedade privada em detrimento da responsabilidade comum dos bens. Isso está sendo favorecido pela tendência mundial de virada política à direita nas eleições dos últimos anos. Desse modo se entende a violência no campo, não como uma questão isolada em alguma área do país, mas como um sistema implementado tanto pela força econômica do capitalismo, quanto pela colaboração do Estado que favorece uma legislação não mais voltada para o bem social, mas atenta aos interesses de algumas elites e grupos transnacionais com forte influência econômica. Esse sistema favorece a violência e a criminalização dos povos originários, dos afrodescendentes, dos camponeses, das mulheres. Os conflitos acontecem, na maioria dos casos, por terras que os pequenos agricultores e moradores antigos defendem como fonte para conseguir o próprio sustento; isso os tornou, de fato, defensores da natureza.

Aos que pagaram com a própria vida os conflitos de terra ao longo de 2017, tem que se acrescentar as 120 pessoas que sofreram tentativas de assassinato e as 227 que foram ameaçadas de morte.⁵² Com eles ouve-se o grito das pessoas mais humildes e sem recursos econômicos, que sofrem as consequências de grandes obras como barragens para a construção de hidroelétricas, invasão e expulsão das terras para o monocultivo e expansão do agronegócio. Trata-se de um grito que

⁵⁰ CPT Nacional. *Conflitos no Campo – Brasil 2017*. Goiânia: CPT, 2018. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/4371-conflitos-no-campo-brasil-2017>> Acesso em: 5 dez 2018.

⁵¹ Ibid., p.220.

⁵² Ibid., p.192 e 209.

não encontra escuta por parte dos órgãos do Estado e que atinge as pessoas mais indefesas. Um grito que, nos números apresentados pelo relatório, está aumentando sua intensidade.

Um outro grito que não tem voz é ligado aos gemidos dos animais que, identificados a coisas, em sua maioria sofrem uma vida longe dos padrões de sua condição natural e servem para satisfazer as necessidades dos seres humanos, que não consideram minimamente o teor de vida deles.

Já o profeta Isaías tinha indicado que o tempo escatológico estaria marcado por uma convivência pacífica entre todos os seres:

Então o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem como o boi. A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide, a criança pequena porá a mão na cova da víbora. (Is 11,6-8).

Na Sagrada Escritura, se encontram facilmente textos que consideram os animais: alguns explicitamente em sua defesa, outros que parecem suportar uma visão antropocêntrica fechada e, por isso, não a favor da vida deles. A Bíblia precisa ser continuamente interpretada e pode-se encontrar nela um “fio dourado”: “pode-se segui-lo [o fio] normalmente não por aquilo que se repete, mas pelas surpresas e novidades que, mesmo conflituosamente, abrem ao futuro”⁵³. Susin e Zampieri, seguindo este critério, entre outros, na interpretação bíblica, chegam à conclusão que os textos sagrados não autorizam violência sobre os animais, mas a convivência “da solidariedade, da cooperação e da responsabilidade como fatores de criação e evolução feliz”⁵⁴.

Uma primeira constatação da situação atual dos animais revela condições não de simples precariedade, mas de uma verdadeira máquina de desfrute por parte dos humanos: tanto os animais que irão compor os pratos quanto os que são usados como instrumentos de pesquisa sofrem numa condição de cativeiro quase sem espaço para se movimentarem. Muitos deles nunca irão ver o sol ao longo da vida, serão submetidos a uma alimentação forçada e totalmente fora do habitat natural. De fato, as condições com as quais o ser humano trata os animais, em

⁵³ SUSIN e ZAMPIERI, *A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal*, p.179.

⁵⁴ *Ibid.*, p.209.

nada diferem das de um campo de concentração, como os que conhecemos ao longo das piores guerras.

Como o ser humano pode chegar a uma tão grande superficialidade para com os animais? Por que tanta agressividade e indiferença ao sofrimento deles? Claro que essas perguntas colocam em destaque a questão da alimentação humana. Se de um lado o ser humano desde sempre foi onívoro, do outro encontrou, ao longo da história, justificativas para fortalecer sua necessidade de se alimentar com carne. Os animais se tornam vítimas de uma atitude violenta e dominadora humana: os mais agressivos não são as feras, mas os homens mesmos.

Perpassando os textos bíblicos que apresentam alguma fala a respeito deles, chama a atenção de maneira particular o sacrifício animal que era oferecido no templo. Segundo a interpretação que favorece a leitura bíblica procurando o “fio dourado”, a explicação se encontra no entendimento que o sacrifício animal era substitutivo do sacrifício humano praticado nas culturas antigas. Esse foi superado, mas não completamente, com o sacrifício animal, ficando mantido o ato de violência contra um ser vivo inocente para a expiação dos pecados.⁵⁵ Jesus toma completa distância deste modo de entender o relacionamento com Deus, se fundando nas palavras do profeta: “Misericórdia eu quero e não sacrifício” (Os 6,6). Aqui, Jesus exclui chegar a Deus pelo sangue de um animal e mostra que sacrifício agradável a Deus é uma conduta ética.

Qual a vantagem para os nossos animais ao se afirmar que a violência não pode ser um ato desejado por Deus? As consequências que se podem auferir tem a ver com a consideração de cada criatura: “Hoje a Igreja não diz, de forma simplicista, que as outras criaturas estão totalmente subordinadas ao bem do ser humano, como se não tivessem um valor em si mesmas e fosse possível dispor delas à nossa vontade” (LS n.69). A partir do valor intrínseco de cada criatura, todo ato humano está chamado a valorizar os diferentes seres. Outra consequência

⁵⁵ SUSIN e ZAMPIERI, *A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal*, p.222. Os autores do texto, seguindo o pensamento e os estudos de René Girard, constataam a superação da violência por parte de Jesus na história de Israel: “O pecado, desde Caim, é como ‘animal acuado’, em que a consciência é advertida de sua iminente violência já quase incapaz de dominar, tornando-se pura ‘força animal’ no lugar da responsabilidade humana. Os animais não matam simplesmente para destruir, mas o animal humano, acuado pelo desejo fascinante e tremendo e pela rivalidade e empecilho, torna-se um animal ‘desnaturado’. O primogênito Jesus, habitado pelo Espírito figurado na pomba e dando sua vida na figura do cordeiro, iria cumprir a missão que o primogênito Caim destruiu: o cuidado para com os irmãos mais frágeis”. (loc. cit)

está na ordem de considerar uma ética para os seres humanos que contemple o cuidado com os animais para que não sejam tratados como coisas, mas sim como seres vivos que gozam do espírito do Senhor: “Envia teu sopro e eles (as criaturas) são criados” (Sl 104,30).

2.3

De onde vem o desgaste ecológico

Diante da situação atual de desgaste ecológico, surge a pergunta: quem está colocando em cheque a sobrevivência do Planeta Terra e assim de todos seus seres? Qual a raiz deste ataque mortífero à natureza? Claro que a resposta tem que ser procurada na ação humana como a executora deste golpe, é no ser humano que precisamos procurar também a raiz mais profunda de um processo que levou a tudo isso, como será com o próprio ser humano que iremos buscar processos de solução. Com efeito o homem está marcado pelo pecado, nos ensina a doutrina cristã, e isso se apresenta como uma tentação a se deixar levar pela autodestruição. Neste sentido, a pergunta quer investigar qual a intencionalidade mais profunda que levou o homem a declarar uma guerra silenciosa, mas não menos cruel, à criação.

2.3.1

Antropocentrismo: o ser humano autor de sua autodestruição?

A causa mais imediata se pode procurar na confiança quase que total na tecnociência: com as grandes descobertas científicas dos últimos séculos, os seres humanos encontraram a solução para muitas dificuldades que tinham que enfrentar, tanto no campo da medicina, como no setor industrial, das comunicações e em muitos outros âmbitos da vida humana. Mas isso os fez acreditar que tivessem o poder de resolver todas as questões e dificuldades humanas fazendo um uso sempre mais amplo da técnica. Até os problemas de caráter ecológico, as pessoas têm a pretensão de resolver com outras intervenções de matriz técnica. A questão que permanece em aberto, com este possível caminho, é que a tecnologia parece não conseguir responder sozinha, por exemplo, quando se trata de salvaguardar um ecossistema.

Sem dúvida nenhuma, a tecnologia proporcionou um grande avanço no desenvolvimento humano e ofereceu melhores condições de vida, mas como ela é entendida e praticada na maneira clássica, se torna “energívora, suja e ecodesequilibradora”⁵⁶: os países tecnologicamente mais desenvolvidos quase não deixam rejeitos no seu próprio território, mas sim nos países periféricos, que exportam para os mais desenvolvidos as *commodities* que depois tornam a ser vendidas aos primeiros com custos muito elevados. Este sistema faz uso de transporte de grande quantidade de material e deixa a poluição e os custos maiores com os países mais periféricos da economia mundial.

Uma segunda causa se encontra no modelo de desenvolvimento que nos últimos séculos foi tomando vulto: o mito do progresso e do crescimento ininterrupto e ilimitado.⁵⁷ Segundo este modelo ou paradigma, todo país deve economicamente crescer continuamente e quanto maior for seu crescimento, maior o grau de desenvolvimento, sendo que o parâmetro mais usado para isso é o PIB, isto é, uma lógica principalmente econômica. O paradigma designado tem uma forma de se apresentar que no modelo capitalista encontra sua especificidade de expressão: maximização da produção, redução dos custos e no menor tempo possível. Este paradigma de *desenvolvimento* pode ser mais apropriadamente chamado de *crescimento*: na verdade, não prevê um crescimento em que tudo está interligado, como em uma forma circular, mas sim um progresso de forma linear e sempre subindo.

Para dar uma resposta a esse paradigma, surgiu o termo “desenvolvimento sustentável”, em 1987, com a Comissão Brundtland da ONU. O projeto tem como objetivo proporcionar um crescimento que considere também a possibilidade das gerações futuras se sustentarem e providenciarem as próprias necessidades. Mas esse também torna-se um projeto antropocêntrico. Pensava-se: se é a pobreza que gera poluição, a solução para a questão ecológica se encontraria em erradicar a pobreza mesma. Mas, de fato, não se analisaram suficientemente as causas deste paradigma, que estão no tipo de desenvolvimento:

altamente concentrador, explorador de pessoas, espoliador de bens e serviços naturais (...) [pois] verifica-se o contrário: quanto mais se implementa esse tipo de

⁵⁶ BOFF, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra*, p.134.

⁵⁷ *Ibid.*, p.135.

desenvolvimento acumulado em poucas mãos, mais crescerá a pobreza das grande maiorias e a devastação do meio ambiente.⁵⁸

Ao se usar a palavra desenvolvimento, deve-se ter cuidado para não permanecer no equívoco, se ela não for considerada de maneira ampla: as melhores condições de vida não podem ficar relegadas só a alguns e deixar simplesmente as migalhas para os outros (a maioria), é preciso um desenvolvimento que alcance todos.

Boff individualiza o ser humano como o centro de tudo quanto existe e usa a palavra *antropocentrismo*: uma visão que encontra seu fundador no Prêmio Nobel de Química de 1955, o holandês Paul J. Crutzen, que havia classificado a nossa época como a do antropoceno.⁵⁹ Isto é: a ideia que o ser humano faz de si mesmo determina as relações com a natureza. Trata-se de uma vontade de domínio que coloca tudo à sua disposição. Não é de hoje essa vontade, que tem sua raiz no envio de expedições às colônias, por parte dos papas da época imperial, que determinavam com clareza o domínio colonizador das novas terras e de todos os seres vivos que ali se encontrassem. Assim, foi se configurando o entendimento que o ser humano não era um ser entre os outros, mas sim aquele que tinha o domínio sobre os outros.

O homem de fato, nesta visão, não se reconhece como aquele que veio em seguida à origem da Terra e dos seres vivos, e, reforçado por uma concepção machista, perdeu a capacidade de se ver em sintonia e em relação contínua de dependência dos outros seres e elementos do Planeta. O eixo principal ao redor do qual vive não é mais a vida, mas sim a riqueza.⁶⁰

⁵⁸ BOFF, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra*, p.138.

⁵⁹ *Ibid.*, p.144.

⁶⁰ Para um maior aprofundamento do tema, veja-se: HATHAWAY, Mark e BOFF, Leonardo: *O Tao da libertação. Explorando a ecologia da transformação*. Segundo uma leitura que tem sua origem na corrente feminista, veio se instaurar ao longo da história, o patriarcado como concepção de superioridade e domínio por parte dos homens sobre as mulheres. Isso não se encontra em outros povos aborígenes onde as relações se identificam com uma maior igualdade. O pensamento patriarcal ocidental deu base para o antropocentrismo (ou androcêntrico) onde o homem se sente livre para poder explorar a natureza em todos os seus recursos. De fato, essa modalidade de se compreender, nem sempre consciente, aponta para um estilo de relações marcado pela exploração e o domínio, que encontra no capitalismo sua forma atual mais agressiva e mascarada. Para uma superação desta cultura, os autores propõem uma nova forma de entender o poder.

2.3.2

Consumismo: uma nova forma de viver a “coisificação” das relações

A pergunta acerca do que move o ser humano nas suas ações permanece uma questão central e para a qual parece não haver uma resposta única, mas diferentes olhares contribuem para uma melhor compreensão. O sociólogo Zygmunt Bauman⁶¹ traça uma orientação a partir de uma análise do consumismo como o motor que impulsiona não somente a economia, mas também as relações entre as pessoas, as identidades individuais, as estruturas da sociedade, a política...

Se na época do consumo o ponto focal estava em produzir em grande quantidade e a confiança se depositava na certeza de ter para satisfazer as necessidades, no tempo do consumismo os horizontes se modificam, depositando as próprias esperanças (pequenas e sempre mutáveis) numa modalidade de viver as relações e conduzir a vida segundo os parâmetros do consumidor. Esses parâmetros se baseiam na capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar algo que é induzido pela publicidade. Poder comprar fortalece o ego da pessoa e a conduz a se sentir soberana na ação (limitada) de escolher: “na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria”⁶². O autor, assim, eleva o consumo à categoria de consumismo e apresenta uma sociedade de consumidores. Alguns traços caracterizam essa nova sociedade, como o ciclo de uso das coisas: as mercadorias devem ter uma durabilidade limitada para dar espaço a novos objetos – nem sempre necessários. Nesse ciclo das coisas, tem grande importância o papel do lixo como forma de se livrar das coisas agora inúteis. Com base nesse modelo, Bauman oferece uma definição de sociedade de consumidores:

Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo e é a qualidade de mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente.⁶³

O Estado também assimila os padrões e as regras da sociedade de consumidores: parece que ele tem que se adequar ao novo sistema e assim a política se coloca a serviço do mercado, ampliando as margens para a

⁶¹ BAUMAN, *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*.

⁶² *Ibid.*, p.20.

⁶³ *Ibid.*, p.76.

terceirização e para que o trabalho se torne sempre mais flexível: os empregados também são tratados como produtos. Está proibido criar raízes e sobrecarregar-se de ligações afetivas. De fato, se quebra o sentido da pertença e por isso o autor usa a imagem do enxame, que tende a substituir a do grupo. O enxame é formado pela soma de suas partes, mas não conhece dissidentes ou rebeldes. Os vínculos entre as pessoas não devem levar à crítica, mas são modelados na base das conexões e desconexões que a rede dos internautas pratica diariamente. Particular interesse suscita a categoria de felicidade, porque prometida não mais como algo que irá se concretizar no futuro, mas no agora e de maneira instantânea: por isso a infelicidade não encontra legitimidade na sociedade dos consumidores. Tem que se considerar nesta leitura que pesquisas importantes, relevam como:

Não existe qualquer evidência de que, com o crescimento do volume geral de consumo, o número de pessoas que afirmam que ‘se sentem felizes’ também vá aumentar (...) Uma economia orientada para o consumo promove ativamente a deslealdade, solapa a confiança e aprofunda o sentimento de insegurança, tornando-se ela própria uma fonte do medo que promete curar.⁶⁴

Não se trata somente de uma sociedade de consumidores, mas de uma cultura consumista que abre espaços para uma síndrome cultural consumista. Com isso, o autor apresenta uma série muito ampla e bem documentada de sintomas que a caracterizam. Entre os sintomas estão a depressão que surge do terror de inadequação e o sofrimento humano que se desenvolve a partir do excesso de possibilidades. Em todo caso, sendo que se trata de uma cultura, isso afeta também a esfera ética: a responsabilidade pelas escolhas, ações e consequências caem todas sobre os ombros individuais, em relação a si próprios: “Você deve isso a si mesmo!”. O consumidor não está interessado no bem do outro, mas sim em correr atrás para satisfazer as suas próprias necessidades de hoje – que em breve irão mudar.

Um outro aspecto da cultura consumista é a consideração do tempo: o passado é desabilitado com novos começos (família, carreiras, identidades) e isso possibilita contínuos “renascer”, quase como uma reencarnação em que o passado é anulado nas suas consequências. Da mesma forma, o futuro perdeu sua força de atração sendo que a felicidade pode e deve se encontrar no presente. Claro que isso não favorece a paciência nem a perseverança. A crescente fragilidade dos

⁶⁴ BAUMAN, *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*, p.62-3.

vínculos humanos experimentados como uma oportunidade de manifestar a liberdade individual. Na mesma hora, a liberdade almejada não consegue reduzir a apreensão e ansiedade que ficam como sombra de ameaça na solidão em que o consumidor se encontra. Vínculos fragilizados pela facilidade de conexão-desconexão, ameaça de solidão que surge do interior, falta de raízes e de perspectiva futuras, entre outras, tornam o consumidor uma pessoa em contínua reconstrução de sua identidade – que sempre irá mudar em breve.

Na reflexão da sociedade e cultura consumistas, Bauman aprofunda bastante as consequências que ele chama de “baixas colaterais do consumismo”: o produto (indivíduo) que sai da sociedade de consumidores e ela não sabe como ou onde descartar. O nome mais usado para estas pessoas é *subclasse*:

Vítima coletiva dos “danos colaterais múltiplos” do consumismo (...) Evoca a imagem de um agregado de pessoas que foram declaradas fora dos limites em relação a todas as classes e à própria hierarquia de classes, com pouca chances e nenhuma necessidade de readmissão: pessoas sem um papel, que não dão uma contribuição útil às vidas dos demais, e em princípio além da redenção.⁶⁵

Foram feitos confluir dentro dessa subclasse os diversos tipos de pobres, entre eles os que acabam de sair das cadeias, as mães solteiras, os dependentes químicos, os moradores de rua... Alguns pretendem oferecer soluções que sejam de uma mesma forma para todos, mas sabemos que isso não tem sentido. A sociedade de consumidores parece não suportar a visão desses excluídos, que são de alguma forma culpados por terem eles mesmos escolhidos tal forma de vida. O sociólogo polonês aponta para um perigo muito grande que encontra suas sementes na sociedade de consumidores: quando cresce uma crença a respeito de pessoas humanas que, sem terem feito nada de mal, são aos poucos vistos e considerados como potenciais criminosos.

Uma sociedade incerta acerca da sobrevivência de seu modo de ser desenvolve uma mentalidade de fortaleza sitiada. Os inimigos que cercam suas muralhas são seu próprios “demônios interiores”: os medos reprimidos e ambientes que permeiam a vida diária, a “normalidade”, mas que, para tornar suportável a realidade diária, devem ser esmagados e empurrados para fora da cotidianidade vivida e fundidos a um corpo estranho – um inimigo tangível dotado de um nome, um inimigo que se possa enfrentar, e enfrentar novamente, e até esperar vencer.⁶⁶

⁶⁵ BAUMAN, *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*, p.155-6.

⁶⁶ *Ibid.*, p.163.

O papa Francisco, repetidamente nas suas homilias e discursos, chama a atenção para as periferias e, em particular, para as pessoas que vivem às margens da sociedade. Para ele, também a causa mais profunda deve ser buscada no estilo consumista de nossa sociedade, que por isso se torna excludente. Assim ele se pronunciou na homilia da missa na viagem apostólica à Bolívia em 2015:

Uma lógica que procura transformar tudo em objeto de troca, tudo em objeto de consumo: vê tudo negociável. Uma lógica que pretende deixar espaço para muito poucos, descartando todos aqueles que não “produzem”, que não são considerados aptos ou dignos porque, aparentemente, “os números não batem certo”. E Jesus retoma a palavra para nos dizer: “Não, não é necessário excluí-los, não é necessário irem embora; dai-lhes vós mesmos de comer”.⁶⁷

A sociedade dos consumidores produz exclusão de pessoas, de todos aqueles que “escolheram” estar fora dos padrões estabelecidos, por isso, conclui Bauman, o Estado não pode deixar de ser um Estado social, garantindo e se tornando elemento de segurança para as categorias mais fragilizadas e assim elevar a percepção de segurança nos cidadãos.

Diante dessa apresentação da sociedade dos consumidores, volta a pergunta: qual será a modalidade de se relacionar com a natureza de um consumidor? Será ele capaz de estreitar um vínculo de amizade com o meio ambiente?

O grito que se apresentou até este momento, na dissertação, se manifesta com ainda maior força diante da Palavra. Os gemidos da natureza, como os dos seres humanos mais humilhados, pedem para que alguém escute e se faça porta-voz acreditável. A *Laudato Si'* e a fala de papa Francisco, enraizadas na América Latina, vão abrir uma nova compreensão dessa questão.

⁶⁷ Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-omelia-santa-cruz.html> Acesso em: 18 out 2018.

3

Raízes da *Laudato Si'*, seiva para uma consideração contemplativa da Terra e dos seres humanos

A finalidade deste capítulo está ligada a uma leitura mais aprofundada das causas mais remotas que levaram ao descaso ecológico atual assim como são apresentadas pela encíclica *Laudato Si'*. Isso vai se tornar central para considerar as oportunidades que são oferecidas e poder traçar algumas linhas para superar a crise no campo ambiental, junto com o social. Será valioso considerar o pano de fundo da *Laudato Si'*: qual o contexto que se tornou base para a reflexão sobre a casa comum? Qual nova seiva o papa Francisco pretende colocar no discurso ecológico dentro da doutrina da Igreja? Uma outra raiz será analisar o processo evolutivo da questão ecológica na doutrina social da Igreja.

Foi usada a palavra raiz porque é evocativa do tema que se está enfrentando: essa parte da planta fica escondida num primeiro olhar, mas é determinante quanto à estabilidade e alimentação dela mesma. E por ser uma imagem, fica mais aberta também para outras considerações.

A dimensão contemplativa será melhor explorada no próximo capítulo, mas desde já vem orientando a aproximação com a qual se pretende selecionar as escolhas das raízes a serem analisadas: a teologia na América Latina, os pobres, a participação na casa comum, a cultura do bem-viver. Todas elas são o substrato para a superação de uma visão antropocêntrica baseada na razão instrumental, visando a dimensão da contemplação, possibilitada pela compreensão de ternura e cuidado com a realidade da criação. Deixar de lado ou silenciar a dimensão contemplativa-espiritual foi justamente uma das causas centrais que levaram o planeta ao atual nível de envenenamento.

3.1

Um novo olhar sobre a ecologia: integral

De onde vem o interesse pela *ecologia integral*? O que se entende por ecologia integral? O papa Francisco lança esta expressão com a qual parece querer analisar a realidade toda. Não se trata de restringir a um único ponto de vista, mas se deixar conduzir pelo parâmetro da ecologia e considerar a situação perigosa em

que se encontram a natureza e também o ser humano nas suas relações: consigo, com os outros, com a criação, com Deus. A *Laudato Si'* se debruça sobre a ecologia como o estudo das “relações entre os organismos e o meio ambiente onde se desenvolvem” (LS n.138). Essa definição, sozinha, já ilumina a interpretação mais ampla com a qual se quer entender a ecologia: envolvendo a sociedade e os elementos relacionais tanto dos indivíduos quanto dos povos e nações para com a criação, e se entendendo dentro de um único planeta que a todos atende e no qual seres humanos e outros seres fazem parte do mesmo sistema de vida.

3.1.1 A casa comum

A encíclica não proporciona uma leitura fria e destacada da realidade. Sem perder o seu caráter de cientificidade no método, tenta envolver o leitor, para que se torne mais atento e humano. O primeiro passo é olhar diretamente para o drama do planeta e sua condição de doente: é um movimento de compaixão para com a Mãe Terra, que cada vez mais é reconhecida como um superorganismo vivo.⁶⁸ Tanto as tradições dos povos indígenas veem nela a mãe que cuida dos seus filhos, quanto alguns pensadores a consideram um sistema complexo e aberto que possibilita a vida e, como um todo, continuamente evolui para novos e mais complexos equilíbrios. Essa visão, longe de ser uma divinização da terra, contribui para que o conhecimento não fique encapsulado dentro da razão analítica técnico-científica, mas se torne uma razão que abrange a ternura, a compaixão e o cuidado.

Verdadeiramente a criação está doente⁶⁹: o ar está poluído e sempre mais quente; as águas limpas se encontram progressivamente mais reduzidas e as fontes enfrentam ataques contínuos; o solo é perfurado para entregar todas suas riquezas e matérias. A terra está doente, mas a causa está evidente e não é mais possível

⁶⁸ BOFF, *A casa comum, a espiritualidade, o amor*, p.24-7.

⁶⁹ Júlio Sampaio comenta o Relatório Planeta Vivo 2018 da WWF: “Em nível global, o declínio de espécies desde o início do monitoramento (1970) mostra que cerca de 60% da biodiversidade no planeta vem desaparecendo, incluído animais, plantas e seres vertebrados.” Site de informações, artigos e notícias socioambientais EcoDebate. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/10/30/relatorio-planeta-vivo-2018-populacao-de-animais-das-americas-central-e-do-sul-caiu-89/>>. Acesso em: 28 nov 2018.

esconder: é o ser humano o culpado⁷⁰ de tudo isso, e as consequências estão começando a deixar aparentes seus efeitos, que normalmente se apresentam como fenômenos desastrosos. A perda de espécies animais e vegetais junto com os ecossistemas são perdas enormes para a biodiversidade e a riqueza de diversidade que o planeta construiu ao longo de milhares de anos.

Está evidente que o ser humano precisa da terra para sobreviver, mas o nível atual de consumo dos recursos da terra é o maior de todos os tempos e tem uma voracidade tal que a terra não tem capacidade de satisfazer: já estamos no vermelho. Quando, na economia, as leis de mercado não têm limites, elas sozinhas não encontram um equilíbrio para o bem dos humanos e procuram, simplesmente, aumentar o crescimento e os ganhos até o infinito. Nesse sentido, um progresso infinito e de forma linear não casa com o ritmo da terra: “daqui passa-se facilmente à ideia de um crescimento infinito ou ilimitado (...) Isto supõe a mentira da disponibilidade infinita de bens do planeta” (LS n.106).

Quais as causas que conduziram a essa situação de doença e de ferimento da criação? Por que chegamos a este ponto de usurpação da natureza? O que vai acontecer com as gerações futuras? A questão é vital e, por isso, de extrema urgência, não só para a natureza, mas para o próprio ser humano: se continuar a violência com os recursos da terra, o futuro da humanidade está em perigo. Indagar as causas do atual estágio relacional ser humano-natureza tem como finalidade analisar onde surgiu a problemática e o desejo de sanar a ferida.

Simplificando, pode-se dizer que duas são as raízes mais profundas: de um lado, as descobertas científicas da era industrial. Elas permitiram novas técnicas para observar a terra e tentar controlar os fenômenos mais perigosos para a vida humana, junto com os benefícios em muitos campos: medicina, técnicas de lavoura, indústria etc. Este maravilhoso conhecimento colocou outras formas de poder nas mãos do ser humano, que agora possui muitos segredos da vida humana e da natureza. Entretanto, nem sempre foi feito um bom uso destes conhecimentos e, infelizmente, muitas vezes se tornaram ótimo instrumento para o domínio de uns homens sobre os outros e sobre a criação toda.

A palavra “poder” normalmente tem um sentido negativo, de opressão e de prevaricação sobre os outros. Mas em sua raiz, a palavra “poder” vem do latim

⁷⁰ BOFF, *A casa comum, a espiritualidade, o amor*, p.65.

posse, que significa ser capaz. “Essencialmente, poder é aquilo que dá capacidade”⁷¹ e por isso não algo destrutivo, mas produtivo. O desafio é remodelar o poder para que se torne um poder em conjunto, cuja fonte está “na vontade de outros escutar nossas ideias”⁷². Se o poder sobre os outros equivale a impor as próprias ideias, o poder de dentro e o poder em conjunto capacitam para sair da paralisia e da opressão, a fim de empoderar outros por meio de uma libertação. Esse processo de entender e construir o poder amplia o horizonte para que o poder não permaneça nas mãos de alguém, mas se torne exercício de todos, inclusive dos mais fragilizados. Neste sentido, pode surgir a hipótese de um empoderamento até da natureza.

Em nome do progresso e do crescimento econômico, todos os “direitos” da natureza foram colocados de lado, esquecidos, atropelados, violentados: o ser humano não está isolado, os “direitos” da natureza interpelam os seus. Seria loucura humana separar uns dos outros: os custos que os nossos filhos deverão enfrentar pelos estragos de hoje são muito elevados e se as coisas não mudarem podem causar danos que não têm solução por parte humana.

Voltando à pergunta das raízes do atual estado da vida da terra, se dizia que a primeira causa está nas descobertas técnico-científicas, mas de fato esta não é uma causa propriamente dita, porque vimos que depende como todos esses conhecimentos são usados. Assim, a segunda causa está no ser humano, que diante do poder do conhecimento não sabe usá-lo para o bem, seu e de todos, aprendendo a colocar-se alguns limites: continua a usá-lo para o próprio e exclusivo benefício individual ou do seu grupo restrito. Por isso, pode-se dizer que a causa não foi simplesmente uma consequência dos novos progressos da ciência.

O progresso técnico-científico encontrou também suporte em uma visão de ser humano que encaixado na cosmovisão do antropocentrismo se explica com maior clareza. O ser humano se coloca ao centro e acima de tudo, com a vontade de se impor sobre os outros seres. Para atingir esse objetivo, está disposto a uma lógica de domínio e até de violência sobre os seus irmãos e sobre a irmã terra. Mais do que se sentir como “o ponto”, o ser humano deveria se colocar como “ponte”, que relaciona todos com tudo. É o ser humano marcado de maneira

⁷¹ HATHAWAY e BOFF, *O Tao da libertação: explorando a ecologia da transformação*, p.135.

⁷² *Ibid.*, p.137.

indelével pelo pecado e pelo pecado fundamental: se colocar em lugar de Deus. O pecado conduz à morte e à autodestruição, por isso precisa manter um olhar sincero e honesto para com a criação: para não deixar que a humanidade se autodestrua.

3.1.2 “Uma Igreja pobre para os pobres” (EG n.198)

No mês de novembro de 2017, celebrou-se na Igreja, pela primeira vez, “O Dia do Pobre”. Papa Francisco quis tornar a viva preocupação da Igreja com os pobres uma experiência pastoral: o cuidado com os últimos e excluídos. Além de possíveis retóricas sobre esse assunto, o papa procura um contato direto com quem vive na precariedade. Gestos como instalar duchas no Vaticano ou ir ao encontro dos migrantes em Lampedusa marcaram o exercício de seu ministério. Entende-se que a preocupação dele é que esse não se torne um discurso vazio, mas o “imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio” (EG n.193).

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* desenvolve bastante esse assunto, até ressaltar que: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (n.198). É muito importante que o papa, num documento oficial da Igreja, assumira a opção preferencial pelos pobres como uma “categoria teológica”: isto tira possíveis dúvidas que esta opção preferencial tivesse origem em outro contexto fora da Tradição da Igreja. E continua, no mesmo parágrafo, chegando a manifestar o desejo do sucessor de Pedro: “desejo uma igreja pobre para os pobres” (EG n.198). Essa expressão tão radical, encontra já sua profundidade no percurso da Igreja na América Latina que, na Conferência de Puebla, confirmando a Conferência de Medellín, fez a sua “opção preferencial pelos pobres”. Também o Documento de Aparecida irá confirmar essa preferência, retomando o discurso do papa Bento XVI ao abrir a conferência: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para

enriquecer-nos com sua pobreza”.⁷³ Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente (DAP n.392). Parece muito interessante esse último esclarecimento, uma atitude da Igreja que inclui as diferentes formas de pobreza. Claro que esta proximidade e amizade que se quer estimular com os pobres tem sua origem primeira na opção que Deus fez por eles e que encontra em Jesus a sua expressão máxima: Cristo Jesus “abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz” (Fl 2,8). O abaixamento que Jesus viveu na encarnação e na paixão e morte são os elementos centrais de todo um estilo de vida expresso na saída de si mesmo ao encontro com os outros.

O papa Francisco, a exemplo de Jesus, propõe o rebaixamento para a Igreja também: um movimento de saída que a possa conduzir para se tornar mais próxima das pessoas. Por isso, anseia uma Igreja de discípulos missionários que tomam a iniciativa, que sabem se envolver, que acompanham, que frutificam e, por fim, que festejam (EG n.24). Assim se pode afirmar que a opção preferencial pelos pobres foi e ainda é uma marca característica da Igreja na América Latina, da qual Bergoglio é um descendente. Por mais que seja por um toque humano e social, o fundamento desta opção está em Cristo, por isso pode ser considerada categoria teológica.

Francisco ousa ir um pouco além: a opção preferencial pelos mais pobres, segundo ele, é uma exigência do bem comum, com as suas consequências de distribuição dos recursos da terra. Para fixar isso, assim escreve: “Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção [preferencial pelos mais pobres] é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum” (LS n.158).

Colocar como tema os pobres não é intenção primeira da encíclica *Laudato Si'*, mas se torna quase necessário, pois o tema principal é a criação e, nela, todos os seres em condições mais vulneráveis têm “uma relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta” (LS n.16). Por isso, continuamente a encíclica relaciona os problemas ambientais com os pobres: “(...) não podemos deixar de reconhecer que *uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social*, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir

⁷³ BENTO XVI. Discurso: Sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html > Acesso em: 30 nov 2018.

tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS n.49). De fato, os primeiros a pagar as consequências do descaso ecológico são os pobres, pelo fato de se encontrarem em situações mais vulneráveis.

O evangelho mesmo lembra que sempre haverá pobres (Jo 12,8), mas parece que no nosso tempo se pode descrever isso de outra forma. A sociedade hoje entrou num paradigma consumista que impõe um uso descartável das coisas: se tornou quase automático jogar fora os objetos da maneira mais rápida possível. A mesma dinâmica se encontra também nas relações humanas: “A cultura do relativismo (prático) é a mesma patologia que impele uma pessoa aproveitar-se da outra e tratá-la como mero objeto” (LS n.123). Os pobres são os primeiros a serem engolidos e considerados quase como um produto a ser descartado. Esquece-se que cada ser humano guarda por si mesmo sua dignidade (as pessoas em situação de rua, os idosos, as pessoas com deficiência, os dependentes químicos, mas também quem, apesar de ter boas condições econômicas, vive uma forma qualquer de carência) e que cada um esconde em si um potencial que pode ser revelado a favor de todos.

A cultura do descartável anula os pobres? O que recebemos pelos pobres? O papa Francisco, no encontro com os jovens de Manila, deixou de lado o discurso preparado e respondeu livremente aos jovens que o interrogavam a respeito dessa questão. Naquela hora, os provocou a se perguntarem se eles aprendiam com aqueles que ajudam: “Isto é o que nos falta: aprender a mendigar daqueles a quem damos”⁷⁴. Trata-se de um olhar contemplativo para com os pobres, que se tornam mestres de vida. O teólogo Fares comenta: “eles são a chave do que realmente somos: pobres... radicalmente iguais pelo fato de sermos pobres, por não ter o poder de nos dar a existência”⁷⁵. Esta atitude “de mendigo” limita a pretensão humana de se sentir superior aos outros seres e, pelo contrário, abre a uma dimensão de fraternidade universal, porque todos recebem de todos e não há existência fora dessa dinâmica. Os pobres oferecem muito mais à humanidade: “Nos pobres descobrimos algo que está profundamente enraizado na nossa condição de criaturas, isto é, não há algum meio técnico que possa acrescentar um

⁷⁴ FRANCISCO: Discurso do Santo Padre no encontro com os jovens de Manila. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html>. Acesso em: 30 out 2018.

⁷⁵ FARES, Diego. Povertà e fragilità del pianeta. In: FRANCESCO. *Laudato si'*. *Lettera enciclica sulla cura della casa comune*. Testo integrale e commento de La Civiltà Cattolica. p.171. (A tradução é nossa.)

só instante ao tempo de nossa vida”⁷⁶. A realidade da finitude conscientiza o ser humano a dar valor à vida presente, tirando aquela sensação que o progresso ilimitado seja a condição que o torna mais realizado.

O ser humano está chamado combater também a doença da indiferença “segundo uma mentalidade individualista, indiferente e egoísta” (EG n.208), que o leva a não tomar atitude nenhuma diante do próprio irmão na sua condição de necessitado. A superação de tal mentalidade exige uma legítima intervenção por parte da Igreja, que com o desenvolvimento de sua doutrina social se faz próxima dos pobres e orienta um pensamento crítico em relação a essa realidade:

ninguém pode exigir-nos que se relegue a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocuparmos com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciarmos sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos. (EG n.183)

Scannone, amigo e referência para o papa Francisco, sinaliza como também os movimentos populares se tornam, na reflexão do papa, um novo sinal dos tempos:

Não se discute só o sofrimento dos pobres – os crucificados da história–, mas também a luz da Páscoa que já está evidente no protagonismo deles, na criatividade, na luta ativa e não violenta para a justiça e contra a idolatria do dinheiro e, sobretudo, na solidariedade.⁷⁷

O teólogo Scannone, embasando seu pensamento, propõe o percurso do *Pacto da Catacumbas*, que ainda permanece referência pela sua atualidade no caminho da Igreja: “Esse documento ainda permanece válido e pode inspirar as reformas desejadas pelo papa Francisco”⁷⁸. Durante o Concílio Vaticano II, um grupo de bispos, animados por dom Hélder Câmara, fez uma proposta aos bispos, mas que tem seu valor para a Igreja toda, cuja regra geral era: “Procuraremos viver segundo o modo ordinário de nossa população”⁷⁹. As outras propostas do documento visam uma Igreja de estilo mais simples, tanto no que se refere aos bens materiais, quanto aos privilégios, e um comprometimento por parte da colegialidade dos bispos para “as massas pobres saírem de sua miséria”⁸⁰.

⁷⁶ Ibid., p.177. (A tradução é nossa.)

⁷⁷ SCANNONE. *Incarnazione, kénosis, inculturazione e povertá*, p.476. (A tradução é nossa.)

⁷⁸ Ibid., p.468. (A tradução é nossa.)

⁷⁹ BEOZZO, *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*, p.29.

⁸⁰ Ibid., p.46.

Jesus tinha um cuidado especial com os pobres: quando as pessoas se aproximavam dele, podiam se sentir acolhidas pelo seu olhar e pelo interesse que ele manifestava. Mais ainda, Jesus mesmo, com seus gestos e palavras, se aproximava dos últimos com as parábolas e uma atenção que era um conjunto de acolhida e abertura para a libertação interior (o jovem que se aproxima de Jesus sente-se tocado pelo seu cuidado: Mc 10,21). Assumir a pobreza não se torna um remédio para quem não tem outras oportunidades e as bem-aventuranças apontam um caminho de virtude que Jesus mesmo trilhou. A Sagrada Escritura releva que Jesus esvaziou-se para encarnar e assumir plenamente a condição humana. O que os pobres podem oferecer na sociedade de hoje? A provocação vem da frase de São Paulo: “Jesus Cristo se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8,9). Pode-se perguntar: como Jesus nos enriqueceu com sua pobreza? Aqui não estão diretamente em questão as faltas do necessário para viver, mas sim “a pobreza carregada do dinamismo que se adapta ao que torna rico o outro”⁸¹. A riqueza de Cristo não está na ordem do material, mas no “dinamismo ao qual podemos nos associar para entrar e participar”. É como se Cristo dissesse: “Fazei-vos pobres para tornar ricos os outros como faço eu”. Vale a pena “apreciar o pobre na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé” (EG n.199). Os homens e as mulheres de hoje são provocados diante do Jesus pobre e da “riqueza” que traz a pobreza, visando um estilo de vida diferente, abandonando o paradigma consumista, do descartável e a atitude da indiferença.

Em 2019 está marcada a celebração do Sínodo para a Amazônia. O encontro de escuta e de diálogo da Igreja começou bem antes, para ser de fato um evento que possa recolher o rosto da igreja amazônica. Nesse processo, um olhar particular recebem os povos indígenas. A perda da tradição cultural que esses povos exprimem e de que são herdeiros pode ser considerada do mesmo valor ou até pior que a perda de um ecossistema (LS n.145). O profundo respeito com que os índios se relacionam com a Mãe Terra permanece uma lição muito séria quando se vê que o homem contemporâneo acostumou-se a torná-la um armazém de recursos e matérias.

⁸¹ FARES, Si é fatto povero per arricchirci con la sua povertà, p.489. (A tradução é nossa.)

3.1.3 Ecologia integral: tudo está interligado

A oração litúrgica dos salmos prevê um refrão. Ele é muito importante para entender o sentido da oração toda e fixar um elemento central naquele contexto litúrgico. Inclusive, é o momento em que a assembleia toda participa de maneira mais ativa, colocando sua própria voz. Na *Laudato Si'*, podem-se encontrar vários refrões que voltam como uma ligação entre as diferentes partes. *Tudo está interligado* (LS n.138), parece aquele arco que o pêndulo cumpre para chegar na outra extremidade: é um dos refrões mais repetidos ao longo do texto. Papa Francisco consegue ler a realidade como animada por polos opostos, mas que, considerados nas suas diferenças, propõem uma compreensão dinâmica e não fixa da interpretação da realidade.

O capítulo quarto da encíclica vai “refletir sobre os diferentes elementos de uma *ecologia integral*, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais” (LS n.137). Com o adjetivo “integral” entende-se uma ecologia que não exclui, mas sim faz próprio o relacionamento de tudo com tudo: salvar uma espécie animal ou vegetal não pode estar separado de preservar um ecossistema, assim como cuidar do próprio animal doméstico não deveria prejudicar o interesse efetivo por um irmão que está sofrendo na rua. Uma ecologia econômica (LS n.141) é necessária para a proteção do meio ambiente e está intimamente ligada à ecologia social (LS n.142) para a superação da violência e da injustiça social. Se a economia globalizada tende a homogeneizar as culturas (LS n.144), será importante dar voz às culturas mais frágeis dos povos indígenas. Também é louvável a ecologia humana (LS n.148), em que as pessoas, em situação de pobreza e nas periferias das grandes cidades, apesar de viverem em bairros superlotados e num contexto de violência, superam as barreiras do egoísmo e criam vínculos de fraternidade com maior facilidade. Esses são alguns tópicos abordados na encíclica, que denotam a leitura de uma ecologia integral no contexto atual, superando claramente um enfoque restrito simplesmente às questões da natureza no meio ambiente.

A leitura profunda e integral do ser humano e da ecologia feita pelo papa Francisco não é um método⁸² improvisado. Alguns elementos de sua modalidade

⁸² Cf. PASSOS, *A Igreja em saída e a Casa Comum: Francisco e os desafios da renovação*.

de argumentar e proceder, no aprofundamento da carta, deixam sinais das raízes do seu pensamento. Ele se situa melhor na corrente do Concílio Ecumênico Vaticano II que continua a obra de *aggiornamento* que a Igreja vinha se propondo: volta às fontes e diálogo com o mundo contemporâneo.⁸³ A Igreja latino-americana foi um lugar de grande recepção do Vaticano II por meio das Conferências Episcopais, sobretudo a Conferência de Medellín. Nisso pode-se encontrar os marcos desta igreja do sul do mundo: “o discernimento e a inserção na realidade, a solidariedade com os pobres, as causas da justiça e a esperança do Reino de Deus”⁸⁴ são os sinais de uma particular inculturação do evangelho num determinado continente nessa época histórica e que fez uma proposta acreditável de leitura do evangelho aos diferentes âmbitos da vida.

A ecologia “precisa ser integral, pois ela entrelaça Criador – Criação – Criaturas”⁸⁵: a Criação é mais do que a natureza, porque porta em si um destino de louvor e faz parte do plano de amor de Deus. A Criação é mais do que a terra, porque faz parte do universo: “composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros” (*LS* n.79). O Criador está presente na sua obra, mas também Cristo, tomando a natureza humana, participa integralmente da criação, e na ressurreição chama todas as criaturas num abraço que ilumina (*LS* n.83). O Espírito, que é “vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos” (*LS* n.238). As coisas criadas refletem, em suas relações, a imagem da Trindade – que é relação.

Na ecologia integral, todos os seres animados – entre os quais o ser humano – e os seres inanimados fazem parte do mesmo ecossistema: para sobreviver, um depende dos outros. E, se por um lado, ser humano implica uma novidade qualitativa pelo seu ser pessoal (*LS* n.81), por outro, ele recebeu a missão de cultivar a terra como responsável e colaborador da criação de Deus que continua. O ser humano é administrador e por isso pode usar os bens, mas não está autorizado a detê-los como posse. Diante de sua liberdade, o ser humano é

⁸³ PASSOS, *A Igreja em saída e a Casa Comum: Francisco e os desafios da renovação*, p.67. Passos, na sua reflexão, lembra que se o *aggiornamento* resultou quase que espontâneo ao longo das seções do Concílio, na realidade isso tinha raízes nos movimentos bíblico, patrístico e litúrgico que já tinham uma história recente, junto com os movimentos de abertura e diálogo: o movimento ecumênico e os contatos ativos que a Ação Católica vinha propondo com a sociedade e a política.

⁸⁴ Idem, *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*, p.83.

⁸⁵ BRIGHENTI, *A Laudato Si' no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*, p. 64.

atingido pelo pecado, que o leva a escolher muitas vezes uma posição de domínio sobre a natureza. Por isso, todos estão convidados a uma conversão ecológica (*LS* n.217) para recuperar aquela harmonia com a qual o Criador tinha pensado sua obra.

O cuidado com a casa comum pede um olhar integrador em que os aspectos ambiental, econômico, social, cultural, espiritual e também a vida cotidiana (*LS* n.147-148) sejam considerados como uma unidade de relações.

O método que Francisco usa, animado pelo santo *poverello* de Assis, tem um olhar fixo e contemplativo na realidade dos pobres e do descaso da natureza e por isso fica aberto às novas interrogações para a fé (no diálogo com as outras religiões e sabedorias) e oferece a contribuição específica do Evangelho da natureza que vem da tradição cristã: “Ele bebe de modo concomitante na fonte da vida e na fonte da fé. Não há dicotomia entre as duas, mas, ao contrário, elas se encontram no grande mistério da criação e do criador e na factualidade ambígua da existência humana”⁸⁶.

“Tudo está interligado” é um refrão que lembra a força da comunhão entre as pessoas, entre os saberes, entre os elementos da natureza, voltados para um bem maior, transcendente. Isso abre para uma superação do vazio e da ansiedade, que hoje se apresentam como doenças de nossa sociedade, e conduz para uma compreensão mais complexa da realidade, também capaz de incluir as periferias mais frágeis, tanto dos seres humanos quanto dos outros seres da criação.

A casa comum que abriga necessariamente a diversidade se edifica como sistema único; vista de fora, mostra-se como um grande dom do Criador, vista de dentro, como relação integradora de todos os seres que a compõem; vista na integração dos dois olhares como tarefa de cuidado de todos os seres humanos.⁸⁷

“Tudo está interligado” se torna o refrão que o papa usa e que encontra, na pessoa dele, uma testemunha que continua vivendo a ligação com o Vaticano II e seus impulsos renovadores, marcados por um agir que valoriza as palavras.

3.1.4 **A cultura do bem-viver: novo estilo de vida**

O bom anúncio: é possível uma cultura de sobriedade feliz. Ou, com as palavras da *Laudato Si'*: “Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de

⁸⁶ PASSOS, *Diálogos no interior da casa comum*, p.92.

⁸⁷ *Ibid.*, p.93.

sair de si mesmo rumo ao outro” (LS n.208). Não se trata de um atestado à vida humana ou um saudosismo do passado, mas sim de pensar com criatividade um estilo de vida mais sóbrio e capaz de se alimentar saboreando os sabores, tanto na vida alimentar, quanto na vida espiritual, e na experiência relacional: “a sobriedade vivida livre e conscientemente é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade” (LS n.223). Está claro que um estilo de vida com os níveis de consumo atual não é sustentável, não é possível dentro de um mundo limitado. Está claro, também, que a felicidade das pessoas não depende da quantidade de bens que possuem. Por isso, a proposta que vem se delineando é a de um estilo de vida mais sóbrio e, paralelamente, de um estilo marcado pela alegria: se a sobriedade for imposta, consegue muitos menos benefícios do que se for escolhida.

A natureza se apresenta frágil e vulnerável e por isso precisa do cuidado humano: “requer um trabalho ascético de exercitar virtudes que nos tornem livres para realizar esse cuidado”⁸⁸. Mais uma vez se quer reforçar que a categoria de fragilidade é uma oportunidade para entender o ser humano na sua dimensão integral: o poder econômico e de domínio agressivo sobre a terra e os outros seres não dão razão de seu dinamismo espiritual como abertura ao transcendente. Bingemer destaca o louvor (como desvelo e reverência para com todas as coisas criadas), a responsabilidade (superando uma tendência de separação entre ser humano e cosmos) e o cuidado como atitudes que, na encíclica, levam a uma espiritualidade renovada: “Pessoal e comunitariamente, os habitantes da casa comum estamos convocados a fazer crescer em nós as atitudes espirituais correspondentes à conversão ecológica”⁸⁹.

A dimensão espiritual do ser humano não pode ser negligenciada ou colocada em segundo lugar como supérflua, pelo contrário, ela fundamenta as motivações mais profundas. Todas as culturas vivenciam uma particular espiritualidade e da América Latina vem a plataforma do bem-viver, mostrando a necessidade de um novo estilo de vida, não mais fundado de maneira exclusiva no consumo e no progresso ilimitado. Por isso, a espiritualidade cria pontes de

⁸⁸ BINGEMER, Louvor, responsabilidade e cuidado. Premissas para uma nova espiritualidade ecológica, p.176.

⁸⁹ Ibid., p.178.

diálogo entre as diferentes culturas e vale a pena escutar o que, de maneira particular, os povos indígenas elaboraram nas suas sabedorias e tradições.

Duas palavras, uma de origem quíchua (*sumak kawsay*), do Equador, e a outra dos aimarás (*suma qamaña*), da Bolívia, englobam o conceito do bem-viver⁹⁰. Trazem uma postura holística, em que os bens materiais não ocupam os lugares principais na escada dos valores. Apoiam-se numa cosmovisão indígena de relação respeitosa e espiritual com a natureza, chamada de Pachamama ou Mãe Terra. Não é possível dar uma definição fechada, mas sim que:

o bem-viver é um conceito vivo, é a satisfação das necessidades, a conquista de uma qualidade de vida e morte dignas, o amar e o ser amado e o crescimento saudável de todos, em paz e harmonia com a natureza para o prolongamento das culturas humanas e da biodiversidade.⁹¹

O bem-viver se concentra numa diversidade de ideias que os índios guaranis também traduzem como virtudes, entre as quais felicidade, liberdade, festejo na comunidade, reciprocidade e convite, numa constante busca da “terra sem males”. O *bem-viver* não expressa o saber indígena de um povo particular ou exclusivamente indígena, mas recolhe os saberes de outras culturas e povos.

A particularidade deste conceito é que nasceu nas culturas indígenas da América do Sul e se contrapõe à visão de desenvolvimento de tipo ocidental com base na tecnociência. O bem-viver ganhou concretude histórica porque as constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009) o adotaram como fonte de direitos e de valores. Vale a pena sublinhar que a constituição equatoriana eleva a natureza à dignidade de possuir direitos e que assim garante o meio ambiente.

Podem-se reconhecer alguns elementos comuns entre as diferentes expressões particulares de: a natureza passa a ser sujeito de valor e os demais saberes se tornam legítimos. Abandona-se a pretensão moderna de dominar e manipular tudo que rodeia o ser humano e há espaço para os afetos e a compaixão. Por fim, pode-se salientar que o bem-viver não se fixa na crítica ao sistema vigente de desenvolvimento, mas se abre para o futuro: “possui um horizonte utópico de mudança, aspecto que está presente na perspectiva andina contemporânea”⁹².

⁹⁰ GUDYNAS, Buen vivir, germinando alternativas al desarrollo. (A tradução é nossa.)

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid.

Um novo estilo de vida, sóbrio e feliz, não pode deixar parado o sujeito, mas sim requer que a criatividade e a fantasia possam vitalizar o novo: cultivar o encontro mais reverencial com a natureza, incluir a arte, separar um tempo para o descanso gostoso, se dedicar plenamente ao encontro com as pessoas e não as escutar de maneira superficial... Essas atitudes, junto com muitas outras apresentadas pelo evangelho e pela sabedoria dos povos, propõem novos cenários. Inclusive, a economia e o mercado sabem se adaptar muito bem quando percebem novos caminhos de empreendimento (LS n.206).

Será que um novo estilo de vida vai alimentar uma realidade utópica que na vida cotidiana encontra espaços muito pequenos? A cultura do bem-viver e os valores do Evangelho encontram-se vivos nas sementes do bem presentes na cultura atual. Tem que ser valorizados os sinais atuais como um anúncio profético: todos os movimentos de cunho ecológico e em defesa da vida não podem ser desconsiderados. Inclusive deve se compreender que se o ser humano foi capaz de chegar a este ponto de descaso com a criação, foi porque usou muito de sua inteligência, tanto nas técnicas, como nas justificativas. Está claro que o mesmo ser humano tem capacidade para pensar e realizar novos estilos de vida animados por uma razão de sensibilidade, compaixão, ternura e cuidado. Como todas as mudanças importantes, normalmente acontecem por degraus e não de vez.

O que levou às grandes mudanças na humanidade? O testemunho dos santos nos ensina que a contemplação que surge da admiração e de um ritmo não acelerado demais foram elementos centrais no percurso de santidade, tanto pessoal como da comunidade.

3.2 **Pano de fundo da *Laudato Si'***

Alguns elementos podem se tornar úteis para entender melhor as raízes da *Laudato Si'*. Sem termos a pretensão de ser exaustivos, se pode reconhecer que o pensamento desenvolvido na encíclica tem como pano de fundo a América Latina, com o seu pensamento teológico próprio e seus desafios, e a elaboração e integração que Bergoglio fez de seus estudos em relação à concretude da vida. Por

isso o que se propõe a seguir tem como objetivo encontrar algumas fontes nas quais bebeu o autor que fez brotar o documento eclesial.

3.2.1

O pensamento de Bergoglio: as oposições polares

A linguagem simples usada pelo papa, tanto na encíclica como nos discursos, pode levar ao engano de que não tenha bem fundamentado e estruturado seu pensamento. Esta acusação de sabor preconceituoso parece vinda de alguns ambientes acadêmicos europeus. Na realidade, a simplicidade dele não é simplismo, mas sim um modo de apresentar um discurso encarnado na história, capaz de se comunicar com todo mundo e com profunda raiz na espiritualidade e na mística. Massimo Borghesi procura fazer uma pesquisa aprofundada e bem documentada no seu texto *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual, dialética e mística*⁹³.

Jorge Mario Bergoglio é argentino e realizou seus estudos e trabalho pastoral na periferia de uma grande cidade da América Latina, Buenos Aires. Quando se tornou padre, aos 33 anos, em 1969, a situação no país estava marcada por conflitos muito violentos. Em menos de quinze anos, a Argentina teve mais de oito mil mortos. Esse contexto de separações e de contraposições foi influenciando também as diferentes expressões da igreja local, ao ponto que se encontrou dividida. Diante disso, ou melhor, dentro disso, Bergoglio não fez uma opção por um ou outro lado, por um ou outro partido. A postura dele pode ser melhor percebida como quem procura ler a realidade visando uma superação que tome o lado dos mais indefesos e evite fechar-se em um dos extremos.

É nesse período de sua vida que Bergoglio formula os quatro princípios que regerão suas ações e pensamentos: 1. o tempo é superior ao espaço; 2. a unidade prevalece sobre o conflito; 3. a realidade é mais importante do que a ideia; 4. o todo é superior à parte (cf. *EG* n.222-237). Explica estes quatro princípios na sessão do bem comum e da paz social na encíclica *Evangelii Gaudium*. São princípios que ele mesmo elaborou e que encontram seu fundamento no pensamento e na filosofia de Romano Guardini. Bergoglio começou um trabalho de pesquisa e doutorado a partir do pensador ítalo-alemão. Durante o tempo de

⁹³ BORGHESI, *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*.

afastamento dos cargos oficiais na Argentina, entre os anos 1990 e 1992, Jorge Mario dedicou-se ao aprofundamento da *oposição polar* como explicação da realidade e, de maneira particular, das questões sociais. O título da dissertação era: “A oposição polar como estrutura do pensamento quotidiano e do anúncio cristão”⁹⁴. Quando era jovem provincial da Companhia de Jesus, nos anos 1970, propôs uma concepção de unidade que superasse as diversidades, mas sem anular o diferente, sem reduzir o conflito.⁹⁵

Guardini é o inspirador do modelo de explicação das relações humanas, assim como dos contrastes pessoais e sociais: superar os conflitos não porque se anula ou desconsidera o outro polo, mas numa síntese superior. Diz Bergoglio:

A oposição abre um caminho, uma estrada a se percorrer. Falando mais em geral, devo dizer que amo as oposições. Romano Guardini ajudou-me com seu livro, para mim importante, *A oposição polar*. Ele falava de uma oposição polar em que os dois opostos não se anulam. Nem acontece que um polo destrua o outro. Não existe contradição nem identidade. Para ele, a oposição se resolve num plano superior. Naquela solução, porém, permanece a tensão polar. A tensão permanece, não se anula. Não é negando-os que se superam os limites. As oposições ajudam. A vida humana é estruturada de forma opositiva. E é o que acontece agora na Igreja. As tensões não são necessariamente resolvidas e homologadas, não são como as contradições.⁹⁶

Contradição fundamental é entre o bem e o mal: isso não tem como resolver porque o mal não é oposição ao bem, mas sim a sua negação. As contradições levam ao conflito sem solução, enquanto as oposições levam a uma unidade maior. E não é para ter medo desta nova unidade, porque é sempre o Espírito que cria a diversidade e a unidade, enquanto nós estamos sujeitos a duas tentações: ou procurar a diversidade sem a unidade, ou procurar a unidade sem a diversidade.⁹⁷

É neste sentido que se pode entender o pensamento de Bergoglio como “católico”, aberto ao todo. A síntese dos opostos como graça e natureza, imanência e transcendência numa dialética aberta para novas sínteses. E, por fim, lembrando que a obra de síntese maior é a reconciliação, mas essa permanece um dom gratuito de Deus.

⁹⁴ BORGHESI, *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*, p.113.

⁹⁵ *Ibid.*, p.78. Aqui o autor está falando da unidade que a Companhia de Jesus vivenciou na América, no anúncio do evangelho que chegava do continente europeu e os povos nativos.

⁹⁶ *Ibid.*, p.114. Bergoglio em entrevista a Spadaro.

⁹⁷ FRANCISCO: Homilia na Solenidade de Pentecostes de 2017, em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170604_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 26 out 2018.

Assim Guardini, após a Segunda Guerra Mundial, descreve: “a teoria dos opostos é a teoria do confronto, que não acontece como luta contra um inimigo, mas como síntese de uma tensão fecunda, isto é como construção da unidade concreta”⁹⁸. Esse se torna o argumento base para afirmar que o diálogo é o método para formar a união superando as formas de domínio e imposição: “A gravidade da crise ecológica obriga-nos, todos, a pensar no bem comum e a prosseguir no caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando-nos sempre que ‘a realidade é superior à ideia’” (LS n.201). Essa forma dialética de entender a realidade, no pensamento de Bergoglio, casa-se perfeitamente com a máxima de Inácio de Loyola: ser contemplativos na ação.⁹⁹

Uma tensão polar bastante elaborada pelo bispo de Buenos Aires foi aquela entre cidadão e povo (junto com outras de cunho social como: unitários/federalistas, regime/causa revolucionária, peronistas/antiperonistas): o caminho indicado é aquele de uma cultura do encontro e de um horizonte utópico partilhado.¹⁰⁰ Mas antes disso, já em 1989, quando a Argentina acabava de sair do seu tempo de ditadura conturbado por lutas sociais e celebrava o seu retorno à democracia, como discurso inaugural do ano acadêmico ele colocou o tema: “Necessidade de uma antropologia política”, enfrentando a questão do *bonum* que mantém a tensão entre bem comum e bem particular dos indivíduos. Se os políticos permanecerem num plano exclusivamente imanente, a oposição vai se tornar uma contradição (sem soluções) ou serão evocados novos messianismos que possam colmar a recusa de Deus.¹⁰¹

Na *Laudato Si'*, o papa Francisco, mais uma vez, explica a complexidade da relação entre o ser humano e a natureza com o modelo proposto por Guardini. O poder que o ser humano adquiriu com o conhecimento oferecido pelas ciências e pela técnica é considerado simplesmente progresso, “mas o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder” (LS n.105), quando não sabe colocar limites de acordo com os outros seres, a natureza e si próprio. Acrescenta Borghesi: “É a concepção tecnocrática, pela qual o progresso econômico, o bem-estar, é

⁹⁸ GUARDINI apud BORGHESI, *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*, p.115.

⁹⁹ BORGHESI, *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*, p.82.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.119.

¹⁰¹ *Ibid.*, p.130.

simplesmente o bem”¹⁰². Nessa concepção, não existe mais a tensão polar entre sujeito e natureza, porque o ser humano reduziu a natureza a poder técnico. Segundo Guardini, citado na *LS* n.108: “o homem que é o seu protagonista (da técnica) sabe que, em última análise, não se trata de utilidade nem de bem-estar, mas de domínio; domínio no sentido extremo da palavra”. O remédio para isso consiste numa adequada antropologia e não na sua negação, como parecem propor algumas correntes radicais.

Papa Francisco vem do sul do mundo, de uma região considerada periférica em relação aos grandes centros das decisões econômicas e até da produção intelectual teológica. Mas justamente isso pode interessar ainda mais o mundo globalizado, assim como à Igreja: uma visão que propõe uma síntese entre o centro do mundo e suas periferias, quase como uma tensão polar que não pretende se fechar em novas exclusões, mas sim uma catolicidade maior que abrange até os extremos.

3.2.2 A teologia latino-americana

A pesquisa se propõe sinalizar algumas fontes nas quais a *Laudato Si'* bebeu para o desenvolvimento de seu discurso. Com certeza, o ambiente da América Latina tem influência no pensamento da encíclica. Tanto a Teologia da Libertação quanto a Teología del Pueblo podem ser consideradas fontes de reflexão desta encíclica da ecologia.

3.2.2.1 Teologia da Libertação

Um dos autores que mais abordou a ecologia, de maneira radical, reconhecido mundialmente, é Leonardo Boff. Entre as numerosíssimas obras do autor, se pode encontrar um percurso de interesse cada vez maior pela questão ecológica, até ela se tornar um paradigma fundamental na sua teologia e nos seus discursos. Ele é reconhecido como um dos maiores elaboradores e difusores da Teologia da Libertação. Mas, se essa teve sua origem em uma consideração da realidade a partir do pobre, agora essa consideração ampliou-se para a pobreza em

¹⁰² BORGHESI, *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*, p.141.

diferentes situações e de maneira particular para o “grande pobre”, a Mãe Terra. É possível reconhecer uma mudança¹⁰³ importante no percurso do teólogo entre os anos 1990 e 1993.

A mudança é declinada com a categoria de paradigma. O que se entende por paradigma é o próprio L. Boff a explicar com a teoria de Thomas Kuhn: “como uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos conosco mesmos e com todo o resto à nossa volta. Tratam-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante”¹⁰⁴. Podemos dizer que foi uma mudança que influenciou de maneira profunda o pensamento do teólogo: “a expressão paradigma ecológico, para Leonardo Boff, inicialmente significa uma nova consciência”¹⁰⁵. O paradigma recebido da modernidade e pós-modernidade pode-se resumir na palavra antropocentrismo, como já foi considerado no capítulo anterior.

L. Boff, por meio do estudo de outras disciplinas, de maneira particular da física, mas também da química e da biologia, e pela sabedoria que elas oferecem, chega a propor a *ecologia* como novo paradigma. De fato, todas essas disciplinas, nas suas relações entre energia e matéria, são forças que interagem para manter o processo da vida e o desenvolvimento do cosmos. Isso pode se considerar como a base para a fundação do novo paradigma, mas que mostra as consequências de mudança de uma razão instrumental analítica que se abre também para uma razão simbólica e cordial. Passa pela compreensão da Terra como um sistema vivo, por uma nova cosmogênese e é por isso que tudo interage com tudo o tempo todo:

o paradigma ecológico busca estabelecer as novas condições para a manutenção e o crescimento da vida, em todos os sentidos (...) Não se restringe a transformar apenas as ciências da natureza, mas também a filosofia e as ciências humanas, trazendo, mesmo, grandes consequências para o pensamento teológico.¹⁰⁶

A mudança que L. Boff vivenciou no seu modo de pensar, no contato com a ecologia, encontra uma manifestação na “conversão ecológica” (LS n.217) proposta por papa Francisco. Mas se é verdade que “mudança de paradigma” e “conversão ecológica” se encontram em planos de diferentes, em todo caso eles se

¹⁰³ Quem relata isso de maneira bastante detalhada na própria pesquisa de doutorado é: BAPTISTA, Paulo Agostinho N. *Libertação e ecologia: a teologia teoantropocômica de Leonardo Boff*.

¹⁰⁴ BOFF, *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, p.31.

¹⁰⁵ BAPTISTA, *Libertação e ecologia*, p.151.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.160.

aproximam quando querem “vencer a lógica da razão instrumental” (LS n.219), que não é possível enfrentar de um único aspecto da vida humana. No trabalho de pesquisa desta dissertação, é importante a referência à mudança de L. Boff como expoente de um pensamento surgido na América Latina, e que encontra sinais na encíclica *Laudato Si'*. Também parece importante sinalizar a relevância da ecologia na teologia. Este processo não aconteceu simplesmente porque a teologia quis agregar a ecologia entre os seus temas, mas sim porque a teologia se deixou e se deixa questionar pelo pensamento ecológico nas suas perguntas e desafios em um diálogo com outras disciplinas e saberes.

3.2.2.2 Teología del Pueblo

Um outro elemento que, com certeza, teve influência no pensamento do papa Bergoglio é a Teología del Pueblo, que tem sua matriz na Argentina. Dentro do contexto da América Latina, caracterizado pela Teologia da Libertação, a Teología del Pueblo se insere como uma de suas correntes, com uma centralidade particular na opção preferencial pelos pobres: “fora de qualquer dúvida, a Teologia da Libertação, em todas suas correntes – inclusive a argentina – se caracteriza pelo fato de colocar em tal opção (preferencial pelos pobres) o próprio ponto de partida e o próprio lugar hermenêutico”¹⁰⁷.

A Teología del Pueblo tem seu terreno de nascimento no contexto do pós-Concílio Vaticano II, quando os bispos argentinos, reunidos em uma comissão de especialistas, quiseram traçar as linhas de um plano de pastoral nacional. Padre Lucio Gera, assessor nas conferências de Medellín e de Puebla, foi quem mais impulsionou o caminho da nova teologia. Como consequência do Concílio, a Teología del Pueblo se questionava a respeito do laicato e da inserção da Igreja na história, sem perder de vista o contexto de dependência política no qual se encontravam os povos latino-americanos. A categoria *povo*, além de ser bíblica e assumida pelo Vaticano II, recebe, no contexto latino-americano, um acento particular.

Scannone, retomando o Documento de Puebla, faz uma aproximação muito interessante entre cultura e pobres: “eles mantêm, como elemento estruturante de

¹⁰⁷ SCANNONE, Papa Francesco e la Teologia del Popolo, p.571-590. (A tradução é nossa.)

própria vida e convivência, a cultura do povo a que pertencem, assim como a memória histórica; os interesses deles coincidem com um projeto histórico comum de justiça e paz”¹⁰⁸. Na *Evangelii Gaudium*, aparece claramente um olhar simpático do pontífice para *o povo fiel de Deus*, que privilegia a unidade ao conflito, indicando que “a injustiça institucional e estrutural é para se entender como traição do povo por uma parte do povo mesmo, que se transforma em antipovo”¹⁰⁹.

Outros elementos que marcam essa teologia são a religião do povo a partir dos mais simples e pobres porque são os pobres “que melhor salvaguardam a cultura comum, os seus valores e os seus símbolos, e que podem ser, nos nossos países, o germe – em quem não é pobre – de uma conversão ao pobre, para alcançar a sua libertação e, dessa maneira, a de todos”. Um fruto muito claro desta libertação humana, quando a religião do povo for autenticamente evangelizada, pode-se encontrar na experiência da leitura popular da Bíblia.¹¹⁰ Em sintonia com o Documento de Puebla (n.413 e 448), também a “sabedoria popular” é um elemento importante, porque chave de mediação entre a fé do povo e uma teologia inculturada.¹¹¹

A realidade do mundo com o qual o Vaticano II entrou em diálogo é interpretada por esta teologia com as categorias povo e cultura, “(...) pensa o povo como um sujeito histórico coletivo e como um lugar hermenêutico para ler os sinais do tempo”¹¹². De fato, entende a “encarnação” de uma forma analógica, expressando que o Povo de Deus está nos povos do mundo. Longe de ser uma simples valorização da cultura de cada povo, aqui se entende a possibilidade de um diálogo profundo aberto para a evangelização e a inculturação.¹¹³

Na América Latina, a piedade popular permanece como um espaço importante de manifestação da fé (DAP n.444-469), vivida pela maioria dos católicos. Essa é uma força evangelizadora e um lugar teológico para pensar a fé:

¹⁰⁸ SCANNONE, Papa Francesco e la Teologia del Popolo, p.574. (A tradução é nossa.)

¹⁰⁹ Ibidem, p.575. (A tradução é nossa.)

¹¹⁰ Ibid., loc. cit.

¹¹¹ Ibid., p.576.

¹¹² GALLI, Carlos María: La riforma missionaria della Chiesa secondo Francesco. L'ecclesiologia del popolo di Dio evangelizzatore, p.49. (A tradução é nossa.)

¹¹³ Mario de França Miranda elabora o conceito de enculturação referido ao anúncio do evangelho. “A ação salvífica de Deus não tem acesso direto, mas se encontra sempre mediada nas suas objetivações: expressões, símbolos e práticas. Tais objetivações, que vem do acolhimento da fé, constituem a base antropológica da ação de Deus na história”. MIRANDA apud SPADARO e GALLI, *La riforma e le riforme della Chiesa*, p.523. (A tradução é nossa.)

para a teologia, trata-se de acolher o *sensus fidei fidelium*.¹¹⁴ É como um amor materno da fé dos simples do povo santo de Deus que manifesta uma prioridade: o ato de fé, o *credere in Deum* – a tendência para Deus como fim último e bem-aventurado da vida – prevalece sobre o *credere Deum*, isto é o conhecimento do plano salvífico e da revelação.¹¹⁵ Essa reinterpretação pastoral da fé se encontra nas palavras de Francisco e é comum nas reflexões de teólogos e pastoralistas argentinos.

Papa Francisco gosta de usar a terminologia “povo fiel” (EG n.95 e 96) como povo simples, mas que continua na luta do dia a dia e se manifesta como evangelizador. Parece uma síntese que o papa faz entre elementos da Sagrada Escritura, do Concílio Vaticano II, das Conferências Episcopais da América Latina e a Teología del Pueblo: “Este Povo de Deus encarna-se nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua própria cultura (...) A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe” (EG n.115).

A *Laudato Si'* encontra terreno fértil no seu entendimento de povo, que abrange todos e oferece um lugar especial aos pobres quando volta a apresentar o princípio do bem comum e da necessidade de uma ética comum, assumida e partilhada pela humanidade (LS n.158), e também quando valoriza a sabedoria dos povos tradicionais e a comunhão universal (LS n.92).

3.3

A situação atual em relação ao grito

Parece importante, neste ponto da pesquisa, voltar àquela imagem do grito: como a teologia e a Igreja responderam ao longo de sua história recente a este apelo? Num primeiro momento da reflexão seguinte, se concentrará a atenção na proposta da ecoteologia surgida na América Latina. Na segunda parte, será considerado muito brevemente o percurso da doutrina social da Igreja a respeito do tema da ecologia, considerando a evolução desse conceito.

¹¹⁴ SPADARO e GALLI, *La riforma e le riforme della Chiesa*, p.52.

¹¹⁵ *Ibid.*, p.53.

3.3.1 Ecoteologia: um novo pulmão da teologia

Foi a questão ecológica que trouxe à tona todos os riscos e as ameaças que a natureza está sofrendo e como isso tem consequências diretas no ser humano, colocando em risco as gerações futuras. A teologia não está indiferente e, principalmente na América Latina, se deixa questionar e quer se colocar à disposição para uma atualização da interpretação dos discursos da fé que possa abrir espaços para uma ação a favor do evangelho, da humanidade, do planeta.

Nos últimos tempos, além do grito dos pobres, o grito da Terra foi registrado, percebido e assumido pela Teologia da Libertação. Nas últimas três décadas, surgiu a “ecoteologia” com o enfoque em colocar no centro de sua atenção os pobres e todas as formas de pobreza, em particular o grande pobre: a Terra. Por que pensar uma teologia com características próprias? Por que pensar uma ecoteologia? Qual sua contribuição e novidade para a teologia?

Responde a essas perguntas o teólogo Afonso Murad, explicando como a ecoteologia oferece uma contribuição em nível formal e de conteúdo.¹¹⁶ A novidade em nível formal é dada pela “superação da fragmentação dos saberes, uma visão holística e holográfica (o todo é mais que a soma das partes, e em cada parte ressoa o todo) que integra emoção e razão, experiência e conceitualização”¹¹⁷. O conteúdo também encontra sua novidade: “o núcleo da ecoteologia seria a compreensão unificada da complexa experiência salvífica (criação, história, encarnação, redenção e consumação) em processo de realização, incluindo necessariamente a ecoesfera, a comunidade de vida biótica, todos os seres”.¹¹⁸ De fato, a teologia mais tradicional tem sua base em uma visão antropocêntrica do universo, enquanto a ecoteologia amplia a compreensão da experiência salvífica: ela não fica encapsulada exclusivamente na redenção, mas se harmoniza junto à criação, à história, à ressurreição (não entendida como um ato milagroso, mas presença de Deus para a vida) e à sua consumação. A Escritura apresenta, nos escritos paulinos de maneira particular, a consumação como a salvação que atinge a criação toda, “na esperança de ela (a criação) também ser

¹¹⁶ MURAD, O núcleo da ecoteologia e unidade da experiência salvífica, p. 277-97.

¹¹⁷ Ibid., p.288.

¹¹⁸ Ibid., loc. cit.

libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,21).

A ecoteologia não é única a fazer uma leitura crítica de uma teologia que se focaliza na redenção pela cruz, e uma cruz sangrenta. A teóloga Elizabeth Johnson¹¹⁹ aprofunda o tema e aponta para uma visão mais ampla da ação salvífica, onde a criação toda possa ser contemplada, assim como a *Laudato Si'* evidencia no número 243: “No fim encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (...) onde cada criatura esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar”. Toda criatura é redimida por Cristo e isso ainda aparece muito pouco na consciência cristã como um cuidado que esteja no centro dos interesses dos fiéis.

A visão cosmológica proposta por L. Boff, oferece mais uma contribuição para responder a pergunta do porquê de uma ecoteologia:

Todos viemos de um grande caos inicial, de uma incomensurável instabilidade e desordem. Esse caos, entretanto, não é caótico. É generativo. Dele provêm todas as coisas, porque nele estão contidas todas as virtualidades e possibilidades de futuras realizações (...) Há um todo dinâmico e orgânico constituindo um sistema aberto. Ele se encontra ainda em gênese. Por isso, mais do que cosmologia deveríamos falar em cosmogênese. A evolução não se processa linearmente, mas por rupturas e saltos a ordens mais complexas e mais altas. Os seres, energias e as ordens são interdependentes. Tudo tem a ver com tudo em todos os pontos, circunstâncias e tempos. A interdependência revela a cooperação de todos com todos. Essa é a lei mais fundamental do universo: a sinergia, a solidariedade e a cooperação.¹²⁰

L. Boff leva a reflexão até os patamares mais profundos:

O todo revela propósito e sentido. Se o universo quisesse atingir o ponto que hoje atingiu, deveria ter feito exatamente tudo o que fez. Um pequeníssimo desvio na calibragem das energias primordiais teria ocasionado ou a implosão dos sistemas constituídos ou a dispersão da matéria sem criar ordens densas, ou gerado outro tipo de universo. O propósito do universo não é perpetuar o que existe, mas ocasionar a realização das potencialidades latentes e absconditas no próprio universo. O real é então realização, algo feito e sempre por fazer. A ordem explícita remete a uma ordem implícita e o todo postula um conjunto superior inteligente, o que permite muitos cosmólogos sustentarem a visão de que o universo é autoconsciente (um organismo vivo, Mãe Terra, Pachamama).¹²¹

Dentro dessa compreensão do universo (cosmogênese) – aqui só traçado nas linhas fundamentais – sente-se a necessidade de uma nova compreensão da

¹¹⁹ JOHNSON, *Ninguém precisava morrer pelos nossos pecados*. Entrevista. 2018.

¹²⁰ BOFF, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra*, p.221-2.

¹²¹ *Ibid.*, p.223-4.

teologia que possa se deixar provocar pela ecologia e oferecer sua própria contribuição: “Eco vem de ecologia e abarca três âmbitos: ciência da interdependência de todos os seres, ética do cuidado com o planeta e paradigma pós-antropocêntrico”¹²². Esses três elementos concentram o aspecto específico da ecoteologia: a provocação e nova visão do cosmos que vem das ciências, o cuidado ético com que o homem é chamado a viver com a natureza e a superação do paradigma antropocêntrico para uma nova interpretação do homem no universo como “filho da terra”.

Dessa forma, a ecoteologia vai fazer novas indagações aos temas clássicos da criação (acentua a dinâmica de ordenar o caos em relação à “criação do nada”), da Trindade (em lugar do monoteísmo rígido, toma espaço a participação trinitária na criação que continua), da antropologia (postula uma visão integradora de corpo-alma, matéria-espírito, pessoa e comunidade).¹²³

Merece destaque o interesse à questão ética que a ecoteologia assume: o cuidado e a responsabilidade não se limitam à natureza, mas envolvem o planeta todo, inclusive o ser humano e o pobre nas suas diferentes manifestações.

A ecoteologia não tem pretensão de ser a única teologia, mas junto com as outras formas de fazer teologia pretende oferecer a própria contribuição na hermenêutica da fé. Ela é filha da Teologia da Libertação, encontrando nela o anseio profundo e evangélico de libertação aberto a toda forma de pobreza.

3.3.2

O pensamento social da Igreja até chegar aos direitos da Mãe Terra

O compromisso social sempre foi considerado com atenção por parte da Igreja. Já a primeira comunidade cristã animada pelos apóstolos (At 2,44-45) testemunha que o evangelho contemplava a partilha dos bens. Na história da Igreja mais recente, esse compromisso adquiriu visibilidade a partir da publicação das encíclicas sociais. O percurso do desenvolvimento do pensamento social da Igreja está delimitado pela primeira encíclica *Rerum Novarum* do papa Leão XIII, de 1891, e pela última, a *Laudato Si'* do papa Francisco em 2015. Ao longo desse período, sempre permaneceu vivo o interesse pelos temas de caráter social, mas houve uma mudança radical na concepção da própria Igreja com o Concílio

¹²² MURAD, *Ecoteologia: um mosaico*, p.212.

¹²³ *Ibid.*, p.224.

Vaticano II. Foi um marco que influenciou tanto o modo de se entender, quanto o de se relacionar com o mundo. Por isso vale a pena distinguir o pensamento social antes e depois do Vaticano II. Antes, a tensão Igreja-mundo é muito forte: “o eclesiocentrismo não respeitava a autonomia temporal, redundando numa Igreja absorvedora em lugar de ser servidora do mundo”¹²⁴. Já depois do Vaticano II, a Igreja entra em diálogo reconciliado com o mundo. Ela teve a possibilidade de se autocompreender dentro da dinâmica entre Reino de Deus, Igreja e mundo. A Igreja, sacramento do Reino, permanece a serviço do mundo, que é uma realidade mais ampla e lugar de sua realização e missão.¹²⁵

O desenrolar do conceito de ecologia no pensamento das encíclicas sociais foi se intensificando no último século, quando as ciências evidenciaram a questão preocupante do meio ambiente e os estudos da biosfera foram se aprofundando. Passou-se de uma ecologia “criacional” a uma ecologia ambiental, a uma ecologia humana, para chegar à ecologia integral.¹²⁶ Em um primeiro momento, se encontra uma ecologia “criacional”: Deus é o Criador e o homem é constituído “senhor” sobre todas as coisas. Neste sentido, a *Rerum Novarum* afirma que o ser humano “deve ter sob seu domínio não só os produtos da terra, mas ainda a própria terra” (RN n.6). Em seguida, a *Quadragesimo Anno*, do papa Pio XI, traz o princípio do “destino universal dos bens” e a *Mater et Magistra* (1961), do papa João XXIII, confirma: “No plano da Criação, os bens da terra são primordialmente destinados à subsistência digna de todos os seres humanos” (MM n.165). Explodia, naquela época, a problemática entre o norte e o sul do mundo, com as novas formas de colonialismo econômico.

As encíclicas que seguiram imediatamente o Vaticano II evidenciaram uma ecologia ambiental. A *Pacem in Terris* evidencia que ciência e técnica manifestam uma ordem maravilhosa aos seres vivos e que o ser humano está chamado a “dominar as forças da natureza, canalizando-as em seu proveito” (PT n.2). A *Gaudium et Spes* e as encíclicas do papa Paulo VI indicam que a relação com a natureza é importante para a sobrevivência da humanidade futura e isso depende da responsabilidade humana.

¹²⁴ BRIGHENTI, *A Laudato Si' no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*, p.21.

¹²⁵ *Ibid.*, p.31.

¹²⁶ *Ibid.*, p.35-46.

O papa João Paulo II foca a atenção na ecologia humana. Não só está degradado o meio ambiente, como também o ambiente humano sofre. O desenvolvimento deve ser condicionado: “na constatação mais urgente das limitações dos recursos naturais, alguns dos quais não renováveis” (*Sollicitudo rei Socialis* n.34). Mas é a questão humana que não pode ser esquecida “empenhamo-nos demasiado pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica ‘ecologia humana’” (*Centesimus Annus* n.38). O papa Bento XVI continua nesta linha, defendendo os bens da criação e que o ser humano “deve proteger, sobretudo, o homem contra a destruição de si mesmo”. De fato, “quando a ecologia humana é respeitada dentro da sociedade, também a ecologia ambiental é favorecida” (*Caritas in Veritate* n.51).

A esses conceitos de ecologia “criacional”, ambiental e humana, o papa Francisco acrescenta a noção de ecologia integral. Ela não se fecha em uma ecologia verde, considerando os problemas ambientais exclusivamente, mas pede integrar de maneira prioritária os pobres e uma ecologia que atinja a economia, o social, a cultura e até a vida cotidiana, pois “os ambientes onde vivemos influem sobre nossa maneira de ver a vida, sentir e agir” (*LS* n.147). Em última análise, trata-se de tomar consciência que a relação do ser humano com a natureza é um elemento constitutivo da sua identidade, que pede uma abertura para o transcendente e à sua vida espiritual, em sintonia com os outros humanos e todos os seres viventes.

A ecologia integral proposta na *Laudato Si'* oferece uma visão holística do ser humano e de toda a realidade a partir da criação. Outros aspectos podem ainda ser explorados, como, por exemplo, a questão dos direitos. É evidente que um povo tem direitos. Já foi dito, aqui nesta dissertação, que pelo menos duas nações (Equador e Bolívia) consagraram na própria constituição os direitos da Mãe Terra. Agora pode surgir a pergunta: será que os animais têm direitos? Voltando a essa questão específica, quer se focar a atenção na esfera dos direitos morais que a eles são devidos mais do que em direitos no âmbito da lei. A pergunta obriga a uma outra, a respeito de quem é sujeito de direitos: “abordar direitos morais é abordar valores intrínsecos ou inerentes a um ser e o conseqüente respeito devido a esses valores”¹²⁷. A *Laudato Si'* lamenta o desaparecimento anual de milhares de

¹²⁷ SUSIN e ZAMPIERI, *A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal*, p. 71.

espécies vegetais e animais: “entretanto, não basta pensar nas diferentes espécies apenas como eventuais ‘recursos’ exploráveis, esquecendo que possuem um valor em si mesmas” (LS n.33). E conclui o parágrafo afirmando que o ser humano não tem direito de destruir e fazer desaparecer espécies.

Frente ao estado de exploração da natureza, permanece a pergunta se animais e ecossistemas possam ser considerados sujeitos de direitos, com certeza de direitos morais.

Este capítulo teve como objetivo analisar as raízes mais profundas tanto do discurso ecológico, como do percurso atual da Igreja a respeito da criação. Alguns elementos se tornaram mais evidentes, como a influência da teologia da América Latina na *Laudato Si'*. Ao mesmo tempo, a originalidade do papa Francisco não deixa de oferecer sua importante contribuição, quando reflete a respeito dos pobres, do povo de Deus e das oposições polares. Um outro elemento que se sobressai tem a ver com a visão integral: a ecologia integral. O discurso ecológico agora não está mais limitado ao aspecto ambiental ou até o humano, mas precisa integrar diferentes perspectivas: a natureza, o ser humano, os outros seres, a Mãe Terra, o cosmos. Uma outra consideração se encontra no relacionamento entre os seres: o grito que sai dos seres humanos em condição de pobreza, o grito dos seres humanos em luta pela justiça, o grito dos animais constrangidos a viver uma vida como a dos piores presidiários, o grito das árvores, das águas, do solo, do ar... se tornaram um som mais claro pela violência com que são provocados e pela força que querem despertar. Os povos tradicionais da América Latina também oferecem uma alternativa ao sistema atual, com o conceito de bem-viver: um outro estilo de vida, que integra valores humanos e a convivência harmoniosa com a natureza.

Isto reforça a continuação do percurso desta pesquisa para explorar outras perspectivas que possam animar a esperança num futuro responsável e possível. A perspectiva escatológica será o ponto de vista do próximo capítulo, junto a uma abertura no campo da ética e da espiritualidade.

4

A *Laudato Si'* na perspectiva da esperança escatológica

O dom da vida permanece uma experiência que precisa ser indagada por diferentes pontos de vista e, mesmo assim, diante do mistério dele o ser humano percebe que não tem condições para explicá-lo de maneira fechada, mas precisa se abrir à contemplação. Chamam atenção as palavras do Salmo 104: “Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra” (versículo 30). Quem dá a vida, não se esquece de suas criaturas. O Deus apresentado pelo salmista se coloca de maneira um pouco diferente do Deus que se encontra nos primeiros capítulos do Gênesis: “Gn 1 oferece-nos uma nobilíssima visão hierática (...) O poeta do Sl 104 transmite-nos um encontro contemplativo e cordial”¹²⁸. A visão do salmo, em especial do versículo 30, apresenta um Deus que continua ocupando-se de suas criaturas, mantendo o dom do alento e da vida, no caminho da esperança.

A contribuição da *Laudato Si'* impele para um olhar que se deixe animar pela esperança proporcionada pela escatologia cristã da criação, mas também por uma visão ética que permita abrir caminhos de ação que mantenham o enfoque no cuidado com a casa comum. E, por isso, procura-se uma ética que, dentro do fundamento bíblico, possa também ser ecumênica e partilhada com a humanidade toda.

A caminhada da humanidade está em grave perigo, no presente e muito mais no próximo futuro, sem esperança de renovação dessa louca corrida, com o risco de não ter fôlego para enfrentar o desafio. Por isso se abre como uma invocação para que se renove a face da terra. Mais uma vez, esse não é um convite a permanecer de braços cruzados até que alguém possa intervir, mas é um paciente, perseverante e audacioso cultivo da esperança. A dimensão que melhor parece interpretar o dia a dia a esperança pode ser procurada na espiritualidade, como a parte do ser humano e da criação que anseiam por uma abertura ao transcendente: “Espiritualidade é uma abertura em direção ao coração”¹²⁹.

¹²⁸ SCHÖKEL, *Salmos II: salmos 73-150*, p.1282.

¹²⁹ MOLTSMANN e BOFF, *Há esperança para a criação ameaçada?* p.45.

4.1

Escatologia: o viés da esperança para a criação

As Escrituras continuamente convidam para uma consideração da experiência cristã motivada e atraída pelo futuro de Deus, pelo Reino que ele quer realizar: “para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai de quem tudo procede e para o qual caminhamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e para quem caminhamos” (1 Cor 8,6). São Paulo entende a experiência humana como voltada inteiramente para Deus que se manifestou na encarnação e que se realiza plenamente no Cristo.

A fonte da esperança, no presente, para todos os seres humanos se baseia na ressurreição de Jesus. Essa não fica limitada exclusivamente aos seres humanos, mas se estende à criação toda: “De fato a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,20-21). A glória de Deus envolverá todos os seres e por isso a criação toda vive na espera ansiosa de sua manifestação definitiva.

A *Laudato Si'*, apesar de não enfrentar diretamente o tema escatológico, é perpassada continuamente pela perspectiva escatológica da esperança: o futuro do planeta terra está em risco e a análise que a encíclica propõe é muito objetiva, assim que as vezes a sensação é de paralisia frente a um desafio demasiado grande. O papa Francisco, consciente disso, já no começo da *Laudato Si'* afirma: “O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum” (LS n.13). A criação é fruto do amor de Deus: não há outra razão que possa melhor interpretar o motivo que o trouxe a pensar e realizar algo diferente de si mesmo. Se a criação é fruto do amor, é destinada e completada pelo amor. Nesse sentido se quer aprofundar o tema da esperança escatológica como um viés que já está presente na criação mesma, mas ainda não plenamente realizado.

4.1.1 Cristo, plenitude da esperança

A pergunta que pode surgir, nesse momento, volta aos temas clássicos, mas que sempre coloca em questionamento: o que esperar? Se a realidade, e ainda mais a criação, se apresenta tão ameaçada, não é possível fugir dessa pergunta. A fé cristã diz que a resposta não é para ser procurada simplesmente no fim dos tempos, mas sim na pessoa de Jesus Cristo: ele, na sua morte e ressurreição, revela o plano de amor de Deus e assim também o destino da humanidade e da criação. A procura está voltada para “o *Éschaton*, o último, aquele para o qual a nossa esperança se destina e cujo futuro ele anuncia”¹³⁰. A ressurreição de Jesus ilumina a vida cristã, mas não fica destacada da realidade, quase como uma solução ultraterrena. Realmente, o ressuscitado traz as marcas do crucificado: a partir do caminho humano de Jesus e de sua partilha com os sofredores da história, se pode entender a ressurreição. Do outro lado, a cruz e todos os crucificados esperam por uma vida nova. A fé na ressurreição está convicta que onde não há mais nada para fazer, uma esperança ainda pode resplandecer na nova criação prometida pelo Deus que ressuscitou Jesus Cristo. Então, Cristo é a concretização, a realização de toda esperança: “(...) para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1,10).

Se Cristo é a plenitude da esperança, será fundamental e decisivo observar o seu estilo de vida e como concretizou na sua vida a esperança. De fato, se essa não encontrasse uma realização no dia a dia da vida de Jesus, perderia seu valor. Jesus, pela sua práxis de vida, pelo seu anúncio do Reino, tornou possível e acessível as muitas esperanças. A vida de Jesus foi marcada pelo anúncio do Reino de Deus, mas sem oferecer uma definição “fechada” do que seria. Certo é que Jesus mesmo se configura a isso: “eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21). E com efeito toda sua presença no meio das pessoas foi um realizar o Reino: o anúncio da Boa Nova oferecido aos pobres e excluídos, o perdão incondicional aos pecadores, a cura aos doentes e a proximidade com todos sem discriminação, a procura da justiça, são algumas atitudes que manifestam, efetivamente, a chegada do Reino de Deus. A práxis de Jesus, ao

¹³⁰ KUZMA, *O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica*, p.19.

garantir a esperança dos seres humanos pelo anúncio do Reino, antecipa o futuro, isto é, torna plena toda a realização da esperança, como uma realização do plano de Deus e, ao mesmo tempo, uma antecipação para a humanidade do seu plano, que encontrará a plenitude quando Cristo voltar.

O que Jesus realizou em sua vida bem se encaixa na descrição de antecipação do futuro de Deus. Como um querer apressar e colocar na realidade do mundo o que o Pai desde sempre tinha planejado com a criação. Antecipar o advento do Reino de glória é como dizer que existe uma comunicação direta e espontânea com a realidade divina. Antecipar também é uma forma de alimentar a esperança que tudo quanto o ser humano está vivendo clama por uma vivência maior. Antecipar, por fim, é uma forma de manifestar a inquietude interior humana que se questiona a respeito do agir. Antecipar é uma modalidade viva de colocar em ato o conjunto fé e esperança: “A esperança vive de boas experiências; a fé as interpreta como preliminares da consumação”¹³¹.

Uma nova pergunta se coloca à nossa frente: qual força o futuro tem para iluminar o presente? Será que esse futuro permanece como um ideal que não consegue alimentar o presente? As perguntas são uma provocação a interpretar o futuro de Deus no discurso performativo. A ação do cristão encontra sua origem no Reino anunciado para o futuro, mas pede um compromisso na realidade atual como um assumir as consequências no presente. O futuro revelado não fica sem valor para o hoje, mas oferece uma forma na qual é possível encontrar uma esperança de construção de uma nova humanidade.

Ao mesmo tempo, o agir humano se alimenta de imagens bíblicas que apontam para um futuro novo. Esse agir está chamado a tomar posições na concretude de cada dia, mas sem fixar de maneira absoluta a própria atenção em um alvo específico, enquanto a direção do agir deve ser revista constantemente. Nesse sentido: “utopias fazem parte da esperança cristã”¹³². A utopia manifesta sua força em desencalhar energias pela imagem de futuro que apresenta: imagens de um mundo não real, mas esperado.

A esperança cristã, assim entendida, abre-se para um caminho de libertação do ser humano. Dentro de um contexto muitas vezes marcado por falta de esperança, devido aos sinais contrários, como as guerras, as falta de cuidado com

¹³¹ NOKE, Escatologia, p.373.

¹³² Ibid., p.375.

o meio ambiente, a separação da humanidade em pessoas que tem riqueza e as que só podem ter pobreza, a pergunta é qual a contribuição da teologia na proposta de esperança. A Teologia da Libertação propõe que: “esperar esse futuro ainda ausente e se lançar no seguimento de Jesus, e, junto a isso, empenhar-se na proposta do Reino anunciado por ele é, com certeza, um sinal concreto da esperança que se realiza em missão”¹³³. Essa missão da esperança encontra sua forma de manifestar-se nos atos concretos e isso, ao mesmo tempo, fortalece a esperança mesma.

4.1.2

O futuro de Deus para toda a criação

Será que a teologia da criação também contribuiu para um entendimento equivocado ou parcial da realidade, já que o ser humano pôde encontrar nela uma fundamentação para o seu agir como dominador da natureza? A resposta afirmativa é analisada pelo teólogo Jürgen Moltmann: “é verdade que a vontade de potência, de crescimento e progresso, típicas da civilidade moderna, muitas vezes foi legitimada teologicamente com a doutrina bíblica da criação”¹³⁴. Por certo, o coroamento da criação, nessa visão, seria o ser humano e não o sábado, como deixa claramente entender o conto do Gênesis. O antropocentrismo se tornou o modelo principal, chegando-se ao conhecimento técnico-científico como aquele que se apropria do objeto e assim exerce o seu domínio (inclusive sobre a natureza). Moltmann propõe um conhecimento diferente: meditativo-participativo (Santo Agostinho dizia que conhecemos enquanto amamos). Trata-se de um conhecimento que não pretende exercer poder sobre o outro, mas sim a prática da partilha e comunhão: “é importante para a autocompreensão do homem que ele não se entenda antes de tudo como sujeito à frente da natureza e teologicamente como *imago Dei*, mas, em primeiro lugar, qual produto da natureza e, depois, teologicamente como *imago mundi*”¹³⁵.

Quando se pensa na criação, a referência imediata são os primeiros capítulos de Gênesis, entretanto a teologia bíblica traz uma compreensão de criação mais

¹³³ KUZMA, *O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica*, p.202.

¹³⁴ MOLTSMANN, *Dio nella creazione: dottrina ecologica della creazione*. p.45. (A tradução é nossa.)

¹³⁵ *Ibid.*, p.68.

ampla. Se nos restringimos a essa primeira leitura, pode-se vislumbrar apenas um entendimento de início da criação (protológico), mas uma leitura ampliada da Bíblia indica que com “criação” se entende “o criar de Deus no começo, o seu criar na história e a sua criação realizada”¹³⁶. O povo de Israel já tinha elaborado essa concepção: reconhecia o agir de Deus na sua história, no início da criação e também nos últimos tempos “novos céus e nova terra” (Is 65,17). Esse “processo da criação” encontra, para os cristãos, sua plenitude no Messias Jesus. O que dá significado a esse processo é o fim escatológico da criação ao qual tende a criação toda.

O tempo presente se caracteriza por ser promessa e antecipação do tempo futuro. As promessas do Antigo Testamento, reveladas aos patriarcas e aos profetas, se encontram antecipadas nas pegadas de Deus dentro da história humana e na revelação que Jesus traz, com a sua pessoa, do anúncio do Reino de Deus. A promessa tem seu cumprimento no tempo escatológico, mas desde já o ser humano encontra nela os sinais de um Deus que se faz próximo na caminhada humana. Isso fortalece a esperança e a orienta para o novo. Assim, os anseios e as aspirações humanas se deixam atingir pela experiência do transcendente.

Uma questão que a teologia continuamente debate tem a ver com a criação “do nada”. Essa expressão tinha a primeira intenção de garantir que o começo de tudo deu-se a partir de Deus. Mas ela pode ser equivocada enquanto abre espaço à ideia de Deus simplesmente senhor de tudo. Moltmann afirma que, na realidade, a criação deve ser pensada como um ato de amor de Deus e não só uma determinação da sua liberdade. E para realizar este ato de amor como doação exuberante, Deus viveu (sempre segundo o teólogo) uma autocontração: uma forma de “concentração e contração, de retirar-se”¹³⁷, para deixar espaço a algo diferente dele. Essa modalidade de Deus se colocar com atitude de humildade já propõe para um entendimento diferente da sua natureza: não como soberano que domina, mas sim como pai que cuida. A criação do nada remete também a um nada que apresenta sua força destruidora e que se concretiza no pecado e na morte. Nesse sentido, a criação escatológica do reino da glória é fruto da superação do pecado e da morte, isto é, do nada destruidor.¹³⁸ De fato, se o “nada”

¹³⁶ MOLTSMANN, *Dio nella creazione: dottrina ecologica della creazione*, p.74.

¹³⁷ *Ibid.*, p.110.

¹³⁸ *Ibid.*, p.114.

pode dar espaço a uma ausência da vida, a criação se apresenta como uma presença amorosa que permite a vida fora de Deus e em diálogo com Ele.

4.1.3 O Espírito que dá a vida

Já foi apresentado nesta dissertação como a leitura da criação em chave trinitária se torna mais apropriada para explicar o mundo como obra de Deus. A fé messiânica na salvação que se encontra nos hinos cristológicos aponta para o Cristo como aquele que nos dá a conhecer “o mistério de sua vontade (...) de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra” (Ef 1,9-10). Dessa forma, se pode compreender que a presença de Cristo se estenda desde o começo da criação até sua plenitude.

No plano teológico, a figura masculina do Deus soberano deixou esquecida a mais antiga, de “anima do mundo”, e, no plano cosmológico, o símbolo de “relógio do mundo” tirou a de mundo-organismo. Isso foi formando uma separação sempre maior entre a natureza e Deus ou o Espírito. Por isso urge uma (re)visão pneumatológica da teologia da criação.

Os dons do Espírito são penhor da glória e as energias do Espírito são as energias da nova criação, que se manifestou em primeiro lugar na ressurreição. Os seres humanos são “templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós” (1 Cor 3,16). O Espírito habita o ser humano como a nuvem (*shekinah*) de Deus acompanhava e morava no povo de Israel: “presença e ação do Espírito são o fim escatológico da criação e da reconciliação. Todas as obras de Deus terminam na presença do Espírito”¹³⁹.

Isso não vai deixar margens a uma concepção animista do espírito, porque quando fundamentado biblicamente, Ele se encontra como aquele que faz superar os muros entre gregos e judeus, entre homens e mulheres; o crente, pela força do Espírito, nasce de novo (Jo 3,5) e é nova criatura (2 Cor 5,17); a comunhão com Deus é antecipada e reunificada em Cristo e renovada no Espírito Santo.

O Espírito mora na criação e também no seu grito de sofrimento: “a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente” (Rm 8,22) e por isso se torna presença viva de esperança para todos os seres humanos e para toda a criação.

¹³⁹ MOLTSMANN, *Dio nella creazione: dottrina ecologica della creazione*. p.120.

O Espírito estava na criação, impulsionou o caminho do povo de Israel e dos profetas e começou a nova criação com a ressurreição do Cristo e a formação da primeira comunidade dos crentes: “é impossível haver esperança sem que haja a ação do Espírito”¹⁴⁰. A sua ação não se reduziu ao contexto bíblico, mas continua presente como uma “garantia”, aquela promessa que Deus ofereceu e que se realizará de maneira plena na consumação. Ele “é o penhor da nossa herança, para a redenção do povo que ele adquiriu para o seu louvor e glória” (Ef 1,14).

A criação é a morada do Espírito Santo e nele se cumpre a obra da reconciliação:

Derramado generosamente sobre a comunidade dos fiéis, para se fazer presente na história e no cosmos todo, o Espírito Santo opera lentamente a cristificação do gênero humano, da história e do cosmos inteiro. E, desta forma, ele vai misteriosamente realizando a obra de reconciliação da inteira criação com Deus.¹⁴¹

Se o Espírito é o protagonista na nova criação, está claro que ele entra em diálogo com a liberdade humana para torná-la plena e assim fazer com que o ser humano possa se sentir livre e, ao mesmo tempo, em atitude de resposta amorosa a Deus. Ele, que ofereceu sua aliança e sua promessa, abre a possibilidade ao ser humano, por meio do Espírito, de responder com o próprio “sim” a Deus.

A novidade do tempo futuro é explicada na Bíblia com diferentes imagens, entre as quais se encontra “o novo céu e a nova terra”. Já Isaías, no Antigo Testamento (Is 65,17; 66,22), anuncia o futuro com essa imagem, que depois é retomada na segunda carta de Pedro (2Pd 3,13) e, por fim, no Apocalipse: “Vi então um céu novo e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe” (Ap 21,1). Se a expressão em Isaías teria um caráter de abertura messiânica, no Novo Testamento e em São Paulo tem um sentido mais realista, porque um dia toda a criação será libertada e renovada. A promessa feita encontra um viés de realização: abre-se a esperança para um caminho de utopia que vê seu cumprimento na promessa de Deus.

Essa figura de céu e terra é uma imagem que junta diferentes aspectos, mas que reúne a única realidade da criação. O Pai está nos céus e opera do céu, mas o céu não é Deus. Assim como o Filho se encarna e opera na terra, mas o Filho não é terreno. O Espírito Santo é a ligação entre céu e terra, e terá seu cumprimento na

¹⁴⁰ KUZMA, *O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica*, p.205.

¹⁴¹ TAVARES, *A transparência divina na trama da criação*, p.349.

nova criação.¹⁴² Por isso, mantendo o céu e a terra suas diferentes qualidades, permanecem em comunicação constante entre as possibilidades e forças de Deus que são representadas no céu e a realidade material. Pensar a realidade como céu e terra não deve conduzir a um entendimento de separação, mas sim à compreensão de que são apenas âmbitos diferentes: o céu assume as possibilidades e as forças criativas de Deus (inclusive os anjos e todos os seres celestes) e a terra assume a realidade criada e as suas possibilidades.¹⁴³

Parece interessante focar a atenção nessa imagem bíblica de céu e terra dentro desta pesquisa pela força que essas duas palavras têm em relação à natureza e ao discurso escatológico, lembrando que as imagens evocativas não tem o objetivo de explicar cientificamente a realidade, mas sim evocar outras forças e energias que igualmente estão presentes e encontram lugar na figura do céu. Isso leva a considerar algumas consequências: o centro não é o céu e a terra, mas Deus mesmo, ao qual tudo está voltado e no qual tudo encontra plenitude. Outra consequência está no fato que o mundo não é uma realidade fixa e concluída em si mesma (como deixaria pensar uma criação limitada no início), mas dinâmica, que continuamente anseia por uma nova criação que só na ação do Espírito se realiza.

4.2 Implicações e responsabilidade a partir da *Laudato Si'*

Por onde começar a refazer o caminho desgastado da casa comum e da condição dos pobres, sendo que nenhuma das duas situações se podem sustentar, mas podem se tornar fontes de catástrofes? Como reverter essa orientação errada da humanidade para uma mais inclusiva e amiga da Terra? O percurso não vai ser fácil, mas cada vez mais é conclamado por muitos: uma ética mínima que possa ser aceita e perseguida pela maioria dos povos mundiais. Segundo a espiritualidade inaciana: “Não ser constrangido ao máximo, mas ser contido no que é mínimo, é divino”.¹⁴⁴ O papa Francisco, com um termo mais bíblico, propõe

¹⁴² MOLTMANN, *Dio nella creazione: dottrina ecologica della creazione*, p.195. (A tradução é nossa.)

¹⁴³ *Ibid.*, p.215.

¹⁴⁴ BORGHESI, *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual, dialética e mística*, p.136. Aqui o autor se refere a uma citação própria do papa Francisco que se encontra no livro de Antonio Spadaro: “La mia porta è sempre aperta”. Borghesi procura, numa síntese, fazer uma

uma conversão ecológica que abranja todos os aspectos da vida: o pessoal, o social, o político.

Nesta parte do trabalho, vamos focar a atenção nas implicações que foram apreendidas na visão escatológica da *Laudato Si'*. Mesmo não sendo um documento de escatologia, a encíclica toca na criação, na doutrina da criação, toca na salvação que deve ser respondida. É quando entram a tarefa responsável e as implicações éticas que podem surgir e serão apresentadas.

4.2.1 **A conversão ecológica**

A crise ecológica na qual a humanidade está mergulhada pede uma mudança radical e os cristãos encontram, no seu percurso de fé, as motivações para enfrentá-la com coragem e confiança. A longa tradição cristã propõe, na sua mística, os motivos para se tornar guardiões da criação assim como foi confiada por Deus ao ser humano. O encontro com “o Evangelho (...) tem consequências no nosso modo de pensar, sentir, viver” (*LS* n.216) e leva a um compromisso maior com o mundo. O que falta a quem se manifesta passivo ou se furta às preocupações com o meio ambiente? “Uma *conversão ecológica*, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo, todas as consequências do encontro com Jesus” (*LS* n.217). O modelo proposto, mais uma vez, é São Francisco de Assis, em sua mudança radical. A conversão do coração é um processo interior que vai moldando as atitudes individuais a partir do reconhecimento dos próprios erros e pecados para chegar a uma mudança de vida. Mas para o papa Francisco, não é suficiente o passo individual, se não for integrado com uma conversão comunitária de redes que sustentam e aplicam a realidade da conversão. É esta convicção profunda na capacidade do ser humano, animado pela graça de Deus, de poder mudar o rumo para um mundo mais justo e capaz de guardar a criação como um dom recebido, que anima a encíclica do cuidado com a natureza.

Papa Francisco analisa algumas atitudes que revelam o encontro do ser humano com o Evangelho e que estão na base de um bom relacionamento com a natureza. Leonardo Boff também se propõe buscar as motivações mais profundas

aproximação entre a espiritualidade inaciana e o pensamento de Romano Guardini, presente na *Laudato Si'* que poderia ser resumida assim: tentar ser melhor no mínimo e assim garantir a parte do trabalho que cabe a cada um.

visando uma humanidade mais fraterna e rica de compaixão para com a natureza. Suas fontes principais são os estudos que vêm da formação do universo e a entrada do ser humano no teatro do mundo, mas também a sabedoria que os antigos do mundo grego e romano elaboraram para encontrar marcas de sentido dentro da existência humana. Assim, ele analisa a fábula-mito do Cuidado, do autor romano Hyginus¹⁴⁵, para introduzir como a experiência do cuidado é um elemento constitutivo do ser humano. Longe de ser simplesmente uma historinha para crianças, as fábulas e os mitos, tanto na antiguidade como hoje, coletam o sentido que uma sociedade e um povo expressam para dizer as coisas que fazem parte da vida e seus sentidos mais profundos, mas que não podem ser explicadas diretamente: melhor se entendem dentro de uma narrativa.

Na fábula-mito de Higynus, desde o começo, se descobre que o Cuidado antecede a presença do homem no mundo. Não é só na mitologia que L. Boff encontra elementos de cuidado, mas também nas ciências que revelam o surgimento da matéria, dos corpos celestes e da vida: “Se ele [o universo] quisesse engendrar harmonia, vida em sua diversidade e seres capazes de sensibilidade, inteligência e amorização como nós humanos, então deveria ter seguido o curso que seguiu”¹⁴⁶. A partir destas análises, chega a dizer: “Não temos cuidado. Somos cuidado”¹⁴⁷. Essa é uma característica fundamental do ser humano, “um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro como desvelo e solicitude”¹⁴⁸.

Infelizmente, ao longo da história humana, houve uma ruptura na realização desta atitude fundamental e o ser humano, entusiasmado pelos conhecimentos das ciências e da técnica, começou tratar a natureza não mais com reverência e respeito, mas como um baú do qual tirar todos os recursos, além dos que precisa efetivamente para o sustento humano. A ideia de um progresso ilimitado e sem regras é muito perigosa: em um mundo finito e limitado, pode levar à autodestruição. Surge então a necessidade de conversão, para voltar a um relacionamento com a natureza que não seja de estrago e expoliação, mas sim de comunhão e reciprocidade com a criação.

¹⁴⁵ BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, p.43-46.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p.79.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p.89.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p.91.

A conversão leva a “várias atitudes que se conjugam para ativar um cuidado generoso e cheio de ternura” (*LS* n.220). Em seguida, procura-se uma aproximação entre as atitudes ressaltadas pelo papa e algumas daquelas que Boff chama de ressonâncias do cuidado.¹⁴⁹ Em primeiro lugar, encontra-se a gratidão e a gratuidade, pelo dom que o Pai faz com a criação. Nem tudo o que move o ser humano sai da necessidade e do dever, mas também pelo puro prazer de estar à disposição do outro e encontrando nisso uma forma de realização. L. Boff relaciona a experiência do amor como fundamento do fenômeno social: os homens começaram viver em sociedade não só para facilitar a sobrevivência, mas também como “partilha dos afetos” e do amor.

A gratidão e a gratuidade levam à renúncia e a gestos generosos, segundo a *Laudato Si'*: trata-se da consciência dos limites humanos e da natureza. O teólogo vê na justa medida ou na regra de ouro (faça aos outros o mesmo que quer que façam a você) “um reconhecimento realista e uma aceitação humilde”, para chegar àquele equilíbrio que garante a vida futura. O texto do papa fala em “consciência amorosa de não estar separados das outras criaturas”. Chama a atenção o adjetivo “amorosa”, como de uma qualidade necessária para os diferentes seres entrarem em relação. Com isso, Boff acrescenta a necessidade de uma ternura vital e da cordialidade fundamental, acentuando os substantivos: ternura e cordialidade são as chaves para não trair um relacionamento sincero com a natureza. A encíclica ainda acrescenta a contemplação como atitude de um autêntico convertido. E L. Boff destaca a compaixão radical de quem se deixa mover pelo sentimento que surge nas entranhas, segundo a etimologia da palavra misericórdia. Por fim, o papa impulsiona reconhecer que quem vive o processo da conversão abre-se a “desenvolver a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas do mundo”. Boff reconhece assim, na convivialidade, aquela atitude que “faz conviver as dimensões da produção e do cuidado (...) usando a criatividade, a liberdade e a fantasia”.¹⁵⁰

Essa aproximação dos dois textos não quer reduzir as riquezas de cada pensamento, mas simplesmente reforçar como a superação de uma crise pode se dar com a contribuição de diferentes olhares, do guiado pela fé ao que pesquisa, nas sabedorias humanas, os fundamentos de uma ética comum.

¹⁴⁹ BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, p.105-30.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p.124.

4.2.2 Necessidade de uma ética

A reflexão que se quer desenvolver nesta parte da pesquisa se funda na constatação que o agir atual da humanidade não está voltado ao bem de todos, mas se limita ao bem-estar de alguns, criando desigualdades entre as pessoas e os povos. A natureza também está em sofrimento, como que esquecida pela humanidade. Por isso se quer sinalizar quais podem ser os princípios mínimos aceitos por todos que ofereçam orientação para a ação humana.

Procurar princípios para que sejam colocados no papel e assim estabelecer um “nominalismo” formal não é o caminho que se quer trilhar. Por isso, será essencial que o ponto de partida não seja construir uma ética sobre os seres humanos, mas sim lembrar *qual* é o ponto do qual se parte: uma grande parte de humanidade sofredora¹⁵¹ e o estado doente da Terra. Desses rostos se apresenta, neste trabalho, a proposta de uma ética mundial¹⁵² como é desenvolvida por Leonardo Boff.

O autor, enquanto desenvolve essa nova ética, lembra, como elemento prévio, que a Mãe Terra se anuncia como um macro-organismo vivo e por isso dotada de subjetividade. São os povos tradicionais que trazem à tona essa concepção, mas também as descobertas das ciências modernas.¹⁵³ Os primeiros porque chamam o planeta de Mãe Terra ou Pachamama, e se voltam para ela com atitudes de reverência e sacralidade. E depois as ciências modernas relatam que todos os seres participam de uma origem comum na sua materialidade e todos estão desenvolvendo um papel de contínua relação com os outros: na dependência e no desenvolvimento do futuro da Terra. Por isso se pode afirmar que a Terra é um sistema vivo aberto, em que todos os elementos “têm história, complexidade e interioridade”¹⁵⁴ (o autor usa a palavra “interioridade” em sentido analógico, porque tudo na natureza evolui para um bem maior e mais complexo que não

¹⁵¹ Estáquio Diniz Alves (professor titular na Escola Nacional de Ciência Estatísticas ENCE/IBGE) em um artigo publicado em outubro 2018 no Portal EcoDebate, comenta a publicação do World Data Lab, com sede em Viena. No mundo, cresceu a população da classe média e rica, superando pela primeira vez 50% do total. O pesquisador se pergunta quem vai pagar este benefício. O sistema atual de consumo é predatório dos bens da terra e é ela mesma que vai pagar a conta mais alta. Permanece o fato que a sociedade capitalista conseguiu levar a uma diminuição da pobreza mundial (pessoas com renda diária inferior aos 11\$), ainda que não deixe de ser igualmente muito alta.

¹⁵² BOFF, *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*.

¹⁵³ Id., *Ética e Espiritualidade: como cuidar da casa comum*, p.22-6.

¹⁵⁴ Id., *Ethos Mundial*, p.91.

prevê a autodestruição). Colocar como premissa a subjetividade da Terra ajuda em uma compreensão diferente de natureza, que tem uma riqueza enorme:

diversidades que se articulam numa unidade dinâmica; encontramos um sentido de direção em vista do crescimento da complexidade (...); encontramos na natureza a convivência, a adaptação, a tolerância e a solidariedade entre todos; encontramos na natureza possibilidades de regeneração, (...) ausência de dejetos, (...) e a manifestação do todo na parte e da parte no todo.¹⁵⁵

A natureza assim considerada apresenta ao ser humano a forma com a qual ela mesma desenvolve o cuidado com as plantas, os seres vivos (entre eles, o homem e a mulher) e abióticos (como as pedras). O cuidado¹⁵⁶ faz parte da “essência” do ser humano enquanto não pode existir uma vida humana sem o cuidado de alguém. Chega a ter um valor intrínseco, valorizado pela narrativa do Gênesis quando é entregue ao ser humano a tarefa de guardião ou jardineiro da criação. A partir dessas poucas palavras, pode-se mais uma vez confirmar que a ética também não se funda exclusivamente na razão instrumental, mas, sim, enraíza seus princípios numa razão emocional que leva em conta a compaixão e a ternura como modalidade de conhecimento da realidade.

A visão apresentada por L. Boff da natureza marca o caráter de inter-retorrelacionamento de todos os elementos que a compõe. Daqui pode-se vislumbrar uma ética da solidariedade e da responsabilidade: se tudo está interligado e o movimento é a favor do outro e para uma complexidade maior, faz-se mister a abertura para a solidariedade universal. Desse modo, cuidar do outro, tomar conta do seu bem, manifesta uma atitude de responsabilidade, isto é, de resposta ativa e interativa às necessidades alheias, tanto entre seres humanos, quanto com todos os outros seres, e mesmo com as gerações futuras.

Uma nova ética mundial deverá ter o diálogo e a libertação como orientações. O diálogo como capacidade de ouvir a outra pessoa e assim considerá-la como sujeito que pode trazer novidade e uma contribuição ao processo de esclarecer os princípios comuns da ética. Até chegar a sua forma mais periférica, quando o diálogo se torna instrumento de libertação, de maneira particular para os pobres e excluídos de nosso planeta: os que não tem voz nas decisões que direcionam o andamento das economias e do uso dos bens da terra.

¹⁵⁵ BOFF, *Ethos Mundial*, p.39.

¹⁵⁶ Id., *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*.

Sim, a ética mundial deve ser um instrumento que aproxima os seres humanos, superando as divisões e favorecendo as diversidades.

A Carta da Terra se torna uma das mais importantes ações de convergência para o estabelecimento de uma ética mundial. L. Boff foi um dos que participaram da constituição desse documento que tem nos princípios apresentados até agora sua base e referências. Foi um trabalho que envolveu um grande número de pessoas e representantes e começou como uma proposta da ONU. Infelizmente não foi assumida pela Cúpula da Terra Rio-92, mas continua sendo usada como uma carta constituinte da questão ecológica integral da humanidade.¹⁵⁷ Na *Laudato Si'*, o papa Francisco, no item 207, recolhe o apelo para uma “consciência universal” que a Carta da Terra quer despertar. Respeitar e cuidar da vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; democracia, não violência e paz são os títulos principais que encontramos nela.¹⁵⁸ Urge uma mudança para uma nova consciência.

“Tudo está interligado” é o que, mais uma vez, se volta a repetir: essa expressão que se encontra na *Laudato Si'* é também o que manifesta a rede de conexões de uma ética mundial, reconhecida como holística. Tudo está conectado com tudo: trata-se da interligação das ciências (saberes) e das sabedorias (religiões). De fato, a urgência não é aquela de oferecer princípios que orientem a vida humana, mas sim provocar uma consciência e uma mudança a favor da vida, do planeta e das gerações futuras.

Mas L. Boff se pergunta: “Podem tais instâncias (a razão e a nova compreensão da natureza) exigir algo de absoluto e incondicionado? Um imperativo verdadeiramente categórico?”¹⁵⁹. A tradição das religiões indica um absoluto que precisa ser reconhecido e que não está diretamente evidente pela razão instrumental, mas sim pela dimensão espiritual e mística da existência. Elas recolhem as perguntas que o ser humano se faz diante dos maiores desafios da vida, do sentimento de incomensurabilidade diante da natureza e por se sentir aberto ao infinito nos seus desejos mais profundos. Por isso, espiritualidade e mística subjazem à ética: para que não se reduza a uma apresentação de princípios, mas ao cumprimento de uma lei amorosa.

¹⁵⁷ BOFF, *Ethos Mundial*, p.70-3.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p.117-23.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p.103.

Assim, a *Laudato Si'* constata uma ampliação na educação ambiental, que não permanece centrada na informação científica, mas “deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo” (LS n.210). Para o papa, a ética ecológica não se autoriza por si mesma, mas recebe da abertura ao Mistério sua razão mais profunda. E com um toque mais voltado para um discurso que fique bem ligado à concretude, acrescenta:

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena sermos bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, descartando a ética, a bondade, a fé, a honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. (LS n.229)

As consequências da aproximação da proposta ética de L. Boff com a do papa Francisco levam a considerar que por diferentes caminhos se impõe a necessidade de uma redescoberta da ética. Se o descaso ambiental e as fortes desigualdades entre os seres humanos são os chamados urgentes para uma ética mínima, esta também requer ser pensada e formulada como um fundamento que encontra na interligação de tudo com tudo, na superação da razão instrumental, no cuidado e na abertura ao Mistério os eixos da solidariedade e da responsabilidade.

4.2.3 Ética e esperança

É inevitável, ao se debruçar sobre a questão ecológica, ficar com um sentimento de impotência, quase como quem está frente a um desafio superior às próprias forças e se perguntar se a humanidade está interessada em enfrentar este desafio. De fato, o cenário que se impõe, reforçado pelas análises de muitos cientistas, pelo andamento do mercado e pelas escolhas políticas mundiais, traça um futuro muito obscuro. A *Laudato Si'* confia no ser humano guiado por Deus: “os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se” (LS n.205). É muito bom constatar que no momento da crise migratória do povo venezuelano as comunidades cristãs de Roraima abrem as portas para uma primeira acolhida¹⁶⁰,

¹⁶⁰ A crise econômica e política da Venezuela abriu para um forte fluxo migratório para o exterior a partir do ano 2016. O estado de Roraima é a primeira porta de entrada no Brasil. Além das

assim como muitos outros sinais de esperança que fazem apelo a uma ética que saiba superar os desafios.

O cristão fundamenta sua esperança na pessoa de Jesus. O anúncio do Reino de Deus foi uma das suas preocupações principais, que motivavam o seu agir. Muito mais, o Reino está ligado à própria pessoa de Jesus: “pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21). Ele de fato age para que possa realizar na sua época: manifesta sua proximidade aos pobres, cura os doentes, oferece o perdão... Os sinais de Jesus mostram o projeto do Reino que já desponta, mas que vai se completar num futuro que somente o Pai conhece (Mc 13,32). O agir de Jesus antecipa a vontade do Pai na realidade de suas falas e encontros, mas esperando uma realização plena.

Não é somente o exemplo e a vida de Jesus que inspiram o cristão no seu agir, mas também o dom da ressurreição dele. Nela o Pai revela, pela força do Espírito, o seu desenho de amor incondicional para seu Filho, para a criação e para a humanidade. É a partir desse futuro luminoso e cheio de esperança que se pode pensar um agir humano ético – ou como Moltmann interpreta: “Nos perigos do tempo, a ética vive da esperança da vinda de Deus”¹⁶¹. Esses perigos (como o perigo da destruição da natureza), de fato, podem causar o medo que paralisa e fecha o ser humano, ou podem fazer desabrochar novas oportunidades na crise. Por isso será importante, no agir concreto, relacionar a possibilidade com a realidade.

Quando Jesus se encontra no Getsêmani, pede aos seus discípulos: “Vigiai e orai para não cair em tentação” (Mc 14,38). Não pede somente que orem, mas sim *orar* e *vigiar*. A oração mantém viva a esperança nos momentos de dificuldade mais intensos da vida. Mas acrescenta o vigiar como atitude necessária para que a oração desperte os sentidos. Orar e vigiar é como um movimento único do coração que espera. São Paulo o expressa na interpretação da ressurreição de Cristo: “A noite avançou e o dia se aproxima” (Rm 13,12) como o despertar de um novo dia. Quem se abre para o novo dia vive uma esperança nova: “Saber esperar significa também não se adequar às condições desse mundo de injustiça e

grandes dificuldades de acolhida, o povo das igrejas está se organizando para oferecer o indispensável para esses migrantes que saem da própria terra sem nenhum ponto de apoio. Na crise é evidente como a criatividade oferece uma ajuda imediata. Artigo no IHU On-line. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582588-diocese-de-roraima-uma-igreja-samaritana-a-servico-dos-imigrantes-venezuelanos>>. Acesso em: 20 nov 2018.

¹⁶¹ MOLTSMANN, *Ética da esperança*, p.18.

de violência”¹⁶². Moltmann, ao esperar acrescenta, a partir do sentir bíblico, o apressar para a “nova terra” na qual irá “morar” a justiça: “Não aceitar as coisas como elas são hoje, mas vê-las como podem ser naquele futuro e realizar agora esse poder-ser, significa fazer jus a esse futuro”¹⁶³.

A ética da esperança envolve diretamente uma ética da terra, porque a criação se encontra em perigo e clama por uma libertação maior. Para fundar uma ética da criação dentro do horizonte da esperança e animada por ela, Moltmann faz uso constantemente de imagens e referências bíblicas e de elementos que se encontram na sociedade de hoje. A seguir faremos uma breve análise das ideias do teólogo alemão.

Parece que nos encontramos num dilema: se escolher cuidar da natureza, o ser humano se torna estático frente ao progresso; se o centro for o ser humano, a natureza parece destinada a contínuos e sempre mais duros ataques. Como sair disso? “Toda teologia parte da ideia de que nem a natureza, nem o ser humano, mas Deus é o centro do mundo que representa sua criação.”¹⁶⁴ Isso leva a superar aquele que parece um conflito sem solução: o fundamento do agir não está em salvar um lado com dano ao outro, mas sim fazer parte todos de sua aliança. Noé recebe as palavras que sigilam a aliança que o Criador fez: “Eis que estabeleço minha aliança convosco e com os vossos descendentes depois de vós, e com todos os seres animados que estão convosco” (Gn 9,9-10). Com Noé, a aliança de Deus se estende: aos seres humanos, aos seus descendentes e a toda criação (todos os seres animados). É importante frisar que essa perspectiva bíblica coloca todos os seres como parceiros da mesma aliança, mas com direitos particulares. Por isso, todos os seres vivos devem estabelecer uma aliança entre eles para favorecer a vida e salvar a natureza. Vai ser reconhecido o lugar especial do ser humano na sua responsabilidade com a natureza. E assim como o ser humano tem os seus direitos humanos reconhecidos, a natureza tem o direito à proteção de seus direitos intrínsecos.

Surge de modo espontâneo a pergunta de qual seria uma modalidade que pudesse realizar isso nos nossos dias. Moltmann sinaliza alguns pontos centrais e oferece algumas linhas para um estilo de vida alternativo ao atual, que já esgotou

¹⁶² MOLTSMANN, *Ética da esperança*, p.20.

¹⁶³ *Ibid.*, p.22.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p.171.

o seu modelo. Depois de ter analisado o estilo consumista como fruto dos elementos ancestrais do medo do niilismo e da morte, faz uma consideração muito interessante a respeito da relação que o ser humano tem hoje com seu próprio corpo. Os relacionamentos vividos pelos meios de comunicação com base na internet proporcionam uma separação sempre maior entre o corpo e o espírito: “o corpo foi silenciado e o espírito está descolado”¹⁶⁵, afirma o teólogo. Por isso será necessário que o estilo de vida alternativo tenha em nova consideração o corpo e apreenda uma “unidade diferenciada de ser humano e terra”¹⁶⁶. Os sentidos também tem que fazer parte do estilo de vida alternativo, valorizando mais os de proximidade quais o tato, a gustação e o olfato, respeitando os da distância (captam uma comunicação mais de longe) quais a vista e a audição.

O tempo assume um significado muito particular nos nossos dias – acelerado. Este modo de viver o tempo ligado ao relógio oferece vantagem para uma vida de consumidores, mas não consegue alcançar o chamado tempo de vida vivida, isto é, o tempo necessário para assimilar os conteúdos, para viver os afetos, para admirar a natureza na sua beleza de diversidade... Enfim, o teólogo alemão se pergunta quem estaria disposto a pagar a conta de um estilo de vida alternativo: na realidade, parece sim que algumas renúncias serão inevitáveis para formar uma maior justiça, lembrando que “a felicidade de uma vida bem-sucedida depende das relações sociais e da autorreferência, não do excesso de bens materiais”¹⁶⁷.

O destaque que se quis dar com essa contribuição do Moltmann para uma ética da esperança foi seletivo da obra do teólogo, com o objetivo de estudar o discurso ético com a lente da esperança teológica. Em todo caso, isso não pode ficar como um discurso argumentativo separado da realidade, por isso faz esta proposta luminosa de um estilo de vida alternativo que tem suas consequências diretas na ética ecológica.

¹⁶⁵ MOLTSMANN, *Ética da esperança*, p.182.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p.183.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p.186.

4.3 Espiritualidade e o sábado da criação

Parece importante dar um enfoque particular, neste trabalho, aos elementos do sábado, assim como é proposto na Bíblia e pela espiritualidade. Eles conduzem a um horizonte que contempla a esperança como aquele elemento que foi semeado no coração humano e no qual a *Laudato Si'* continuamente se inspira em seu anúncio:

Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra. (LS n.92)

Um dos aspectos da crise atual, que envolve seres humanos e natureza, tem sua origem naquela correria que o progresso ilimitado e progressivo proporciona. Isso envolve o tempo como um contínuo passar de uma experiência para outra, mas sem ter a possibilidade de saborear o dom da vida que nela está contida, com o objetivo de conseguir o máximo proveito. Na parte que se segue do trabalho, vamos dar uma atenção particular à experiência do sábado assim como a Bíblia e a tradição judaico-cristã o vivenciaram, iluminados pelo testemunho de Francisco de Assis. O que irá finalizar o percurso será uma leitura da espiritualidade como dimensão da vida humana que, em diferentes âmbitos, alcança uma experiência mais humana e em sintonia com o Evangelho.

4.3.1 O sábado da criação

Por muito tempo o discurso da criação parava na criação em seis dias, quase que se esquecendo o sábado. A atenção a Deus que “faz”, quase não dava relevância a este outro elemento importante da criação que é o sábado. De fato, no Gênesis, se fala primeiro que Deus finalizou a criação de céus e terra, mas logo em seguida, que ele concluiu no sétimo dia. Seria como um duplo fechamento: primeiro do seu fazer e no sábado uma outra conclusão, aquela que pretende colocar o descanso e a contemplação como o acabamento de toda sua obra. Como na construção de uma casa: primeiro tem que surgir a obra de construção e depois

se faz o acabamento, para torná-la lugar de encontro agradável e não simplesmente um abrigo.

Qual a novidade da criação, se Deus já tinha criado tudo? A novidade foi que “no sétimo dia fez o ‘Sábado’”¹⁶⁸. Um tempo diferente, que de fato não tem uma conclusão como a das outras obras, quando Deus falava que era coisa boa. Por isso o sábado se caracteriza por ser tempo da contemplação de Deus de sua obra: ele fica face a face e goza do que fez. Se durante os seis dias o seu olhar estava concentrado nas diferentes criaturas, agora trata-se de um olhar de conjunto, em que tem uma visão do todo. Essa visão casa-se bem com a visão ecológica: não simplesmente o enfoque para um ou outro aspecto da natureza, mas um contemplar integral.

Se, de um lado, os seis dias são “do poder, do saber, da ação. Mas também do desgaste, da fragmentação”, do outro lado o “Sábado é o tempo do convívio, da reunião, da recuperação, da in-habitação, da alegria”¹⁶⁹. Nesse sentido já aparece o reconhecimento deste tempo diferente como tempo da festa e da alegria. Um tempo separado para o repouso, mas que é mais do que um repouso para quem sente o cansaço. Trata-se do repouso para poder viver a celebração e a unidade interior, a comunhão com as outras criaturas e consigo mesmo. Para os seres humanos, viver a celebração é motivo para reconhecer que tudo tem uma origem e uma perspectiva futura. É reconhecer que a criação é um dom na sua diversidade de cores e espécies.

O teólogo Susin propõe uma leitura do sábado como corretor das relações: os poderosos no mundo são os detentores dos espaços nas propriedades e nos meios de tecnologias, mas também do tempo de trabalho que pode se tornar uma forma de dominação que pode chegar até escravizar. Mas “o tempo sabático é igual para todos”¹⁷⁰: todos vivem o descanso, até os animais (Ex 20,8-11).

A terra também tem direito de participar da festa do sábado, quando na tradição hebraica veio se aprofundando na questão do jubileu a imagem do sábado. A cada seis anos, a terra devia ter um ano de descanso (Lv 25,1-7): ela também participa do dia da celebração. A cada quarenta e nove anos devia-se celebrar um ano jubilar: um tempo de remissão das dívidas e de reestabelecimento

¹⁶⁸ SUSIN, *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*, p.220.

¹⁶⁹ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p.222.

da equidade nas propriedades: não se tem certeza que isso tenha acontecido de fato em Israel. De qualquer modo, todas essas práticas têm um cunho messiânico: abre para o repouso sabático eterno e para uma libertação tanto da terra como de todos os seres que nela vivem, assim como o profeta Isaias preanuncia: “a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a Iahweh” (Is, 61,1-2).

O sábado recebe, assim, uma conotação de abertura para os tempos futuros. Quando Jesus critica a forma como foi aprisionado o sábado, não se trata de desvalorizar, menos ainda de eliminá-lo. Com sua crítica e suas ações, Jesus quer lhe dar seu valor originário, além do legalismo: as práticas dele em dia de sábado são para antecipar a vinda do Reino e apontar para um cumprimento que nesta terra recebeu o sentido de sinal. O ser humano curado e renovado pela presença de Jesus experimenta desde já os sinais da redenção, mas ainda não na sua plenitude que está aberta ao futuro de Deus. Jesus se manifesta como o Senhor do sábado do tempo presente e o Senhor do sábado escatológico, no qual o tempo da festa é garantido para todos.

Para os cristãos, o dia festivo não é mais o sábado, mas sim o domingo. Seria uma redução imprópria afirmar que o sábado israelita está contido no domingo cristão. De fato: “a festividade cristã é para se considerar, entretanto, como a extensão cristã do sábado israelita”¹⁷¹. A motivação do dia do Senhor, o domingo, tem sua raiz mais profunda na ressurreição de Jesus. O que os cristãos celebram é a abertura escatológica que o Cristo, Novo Homem, inaugura. Com efeito, o sábado israelita faz participar do repouso de Deus, enquanto o domingo cristão abre para a nova criação que em Cristo encontra sua primazia.

Também o domingo cristão está chamado superar os desafios do tempo contemporâneo. Enquanto o domingo for considerado simplesmente como o tempo do descanso das fadigas da semana, permanece encapsulado dentro de um horizonte terreno. Ainda mais problemático quando se torna o tempo das despesas da sociedade consumista. Mas se o Espírito vem se tornar protagonista desse tempo, pode-se experimentar que este é o dia do novo começo e da esperança: “o

¹⁷¹ MOLTSMANN, *Dio nella creazione: dottrina ecologica della creazione*, p.39. (A tradução é nossa.)

Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos, habita em vós” (Rm 8,11). É o Espírito que introduz na comunhão plena com Deus, com os santos e com todas as criaturas.

4.3.2

Francisco de Assis

São Francisco de Assis é considerado um dos mais belos exemplos de pessoa que fez de seu ser discípulo de Jesus, uma das mais profundas formas de ser homem. Bergoglio quis tomar para si o nome desse santo ao se tornar papa e o coloca como fonte inspiradora para sua encíclica sobre o cuidado da casa comum: “Acho que [São] Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” (LS n.10). Francisco de Assis é reconhecido além da Igreja Católica, como uma referência tanto na vida espiritual, quanto de cuidado com a natureza.

Também vamos analisar, aqui, um estudo de Leonardo Boff¹⁷², que continuamente apresenta o santo como modelo inovador da Igreja e inspirador para o mundo atual. O autor aborda alguns tópicos que o santo colocou em evidência ao longo de sua vida e que se encontram na encíclica como elementos de base para pensar a ecologia a partir do Evangelho no mundo atual.

Uma das críticas que a encíclica sustenta tem a ver com o uso hegemônico da razão técnico-científica nos últimos séculos. Isso nos levou a perder o contato com a natureza como um todo e como um ser digno de respeito e que contém sacralidade. São Francisco, de outro modo, apresenta um conhecimento da realidade perpassada pela poesia, pelo canto e pela alegria. Isso não pode ser considerado como superficialidade ou irracionalidade. O santo se aproximava das criaturas com ternura e compaixão, entrando em diálogo com elas. O seu conhecimento, pode-se dizer, acontecia principalmente por meio do afeto e do olhar de respeito: “sua inocência, seu entusiasmo pela natureza, sua ternura para com todos os seres, a capacidade de com-paixão pelos pobres e de com-fraternização com todos os elementos, até com a própria morte”¹⁷³. O contato que Francisco procurava com todas as coisas vinha do afeto e da paixão em considerar tudo no seu relacionamento com Deus.

¹⁷² BOFF, *São Francisco de Assis: ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres.*

¹⁷³ *Ibid.*, p.42.

A grande força emotiva que movia o santo e que o colocava em comunhão com as pessoas e os pobres precisava encontrar um caminho certo: deixar soltas as paixões podia conduzir a se deixar levar por elas. Por isso o santo tinha uma prática de penitências muito determinada: “as penitências lhe trouxeram o completo acordo entre espírito e corpo, entre vontade de ascensão e obediência da passionalidade”¹⁷⁴. Esse é o custo da ternura, não como aprisionamento das forças emotivas, mas como disciplina e orientação. De fato, o *Poverello* não obrigava os outros a formas de penitência tão duras, mas eram exigências para si mesmo e, quando precisava solidarizar-se com os outros, sabia deixar de lado a disciplina rígida.

Como Francisco alcançou a união com todas as criaturas? Qual experiência o introduziu em uma comunhão com os outros seres a partir de uma saída de si mesmo? A experiência do encontro com os pobres foi uma das características mais frequentes em sua vida. Por natureza, ele sentia repulsa de maneira particular pelos leprosos, mas foi por meio do encontro com eles que o processo de conversão e de humanização se tornou realidade. É célebre o momento em que ele beijou um leproso, mostrando assim aquela força interior que o aproximava ainda mais do Cristo pobre. Ele convidava os frades a se dedicarem aos irmãos mais carentes da época e quando pedia esmola, não queria mais do que o necessário, para não ser ladrão dos pobres. Enfim: a saída de si mesmo se deu no encontro com os pobres e neles abriu-se ainda mais para o encontro com o Cristo sofredor.

Francisco quis tomar a sério o Evangelho e por isso pedia aos frades que o tomassem sem interpretações que pudessem tirar a força vital e inovadora nele contida. Chamava todas as criaturas de irmãs e seus frades de irmãos, como querendo concretizar um novo modo de viver as relações. Convidava os frades a conviverem tomando conta uns dos outros, com afeto materno.¹⁷⁵ Particular atenção merece a relação que ele tinha com Clara: tratava-se de uma amizade muito profunda, mas também com uma disciplina rigorosa. Nisso se manifesta a interação entre masculino e feminino:

em termos de relacionamento varão-mulher, não significa um corte na ternura e no amor, mas sua ordenação a um Amor maior. O varão ou respectivamente a mulher

¹⁷⁴ BOFF, *São Francisco de Assis: ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres*, p.49.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p.69.

não pode ser o absoluto do coração humano, caso contrário Deus não seria o primeiro e o único.¹⁷⁶

A *Laudato Si'* interpreta: “a pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia de fazer da realidade um mero objeto de uso de domínio” (LS n.11). E nessa renúncia de Francisco pode-se entender a fonte de sua alegria e de sua paz. Comovente e cheio de emoção é o famoso Cântico das Criaturas: em união profunda e mística com as criaturas, louva Deus. O cântico surgiu num momento de noite escura para Francisco e suas palavras são uma fonte de luz no meio das trevas. Esse é o momento no qual junta elementos que se apresentam de forma dupla e que manifestam alguns elementos do imaginário arquetípico humano: sol e terra, fogo e água, até chegar a proclamar a morte como irmã e o perdão entre irmãos. É a reconciliação consigo, com Deus, com os outros e com a natureza: “total reconciliação paradisíaca do homem com seu universo”¹⁷⁷.

4.3.3 Espiritualidade a partir da terra

O percurso trilhado até agora nesta dissertação continuamente remeteu à dimensão da espiritualidade na vida humana e do cosmos. A *Laudato Si'* confirma: “O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos” (LS n.238), e os autores que acompanharam as reflexões anteriores não deixaram de se fundamentar na vida no Espírito.

O Novo Testamento tem expressões belíssimas a respeito da presença do Espírito na vida do crente e do batizado: “Deus é testemunha, a quem presto um culto espiritual, anunciando o Evangelho de seu Filho, de como me lembro de vós” (Rm 1,9), afirma São Paulo. Em nota, a Bíblia de Jerusalém explica: “(...) a tradição bíblica deixa perceber a correspondência profunda entre o espírito do homem e o Espírito de Deus, que o suscita e o dirige (...) é difícil dizer de que espírito se trata, se do natural ou do sobrenatural, do pessoal ou do participado”. A Sagrada Escritura mesma atesta a profunda comunhão entre o espírito presente no ser humano como constitutivo e o Espírito recebido como dom do alto (Jo 3,5).

¹⁷⁶ BOFF, *São Francisco de Assis: ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres*, p.63.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p.81.

Sem nenhuma pretensão de sermos exaustivos, nesta parte do texto se quer ordenar as expressões achadas e que mais foram um convite a abrir o olhar para a vida no Espírito no contexto da criação, da terra.

A primeira constatação vem do fato que a vida espiritual não existe de forma abstrata ou conceitual, mas se encontra na vida concreta. São Francisco de Assis se torna um exemplo muito próximo, quando convida os seus frades à humildade. A palavra humildade vem de *humus*, que significa terra-chão.¹⁷⁸ Talvez essa atitude seja a mais apropriada para quem quer encontrar um centro unitário na própria vida, sem ter a urgência de antepor um conhecimento de estilo dominador do sentido da vida ou de superficialidade porque foge continuamente das perguntas importantes da existência. A humildade também é aquela atitude que favorece o encontro com o outro na saída de si mesmo, de maneira particular com o pobre. Assim, se pode arriscar dizer que a espiritualidade tem uma raiz na terra, no *humus*, que se manifesta num corpo de carne, como de fato o foi para Cristo.

Uma segunda constatação se encontra no fato de que a espiritualidade cristã não se limita a procurar Deus dentro da natureza (panteísmo), mas recebe a presença de Deus como aquele que fez sua morada no mundo por meio do Espírito em Jesus Cristo (Jo 1,14). Mas esta “vantagem” que a espiritualidade cristã tem, por meio da Revelação, não autoriza de modo algum a tornar-se mais um conhecimento de tipo dominador sobre a natureza. Pelo contrário, manifesta uma presença do Espírito de Deus que vivifica todos os seres e toda a criação. Considera as criaturas como um reflexo da bondade de Deus e, por isso, dotadas de autonomia, com dignidade própria e voltadas para um bem maior. Os hinos de São Paulo confirmam a presença do Cristo desde o início e no cosmos todo: “porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis (...) tudo foi criado por ele e para ele” (Cl 1,16). A visão trinitária da criação abre para a transcendência: “Dizendo que o Espírito Criador habita em cada criatura e na comunhão das criaturas, entendemos dizer que a presença do infinito no finito enche de autotranscendência cada finito e a comunhão de cada ser finito”¹⁷⁹.

¹⁷⁸ BOFF, *São Francisco de Assis: ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres*, p.80.

¹⁷⁹ MOLTSMANN, *Dio nella creazione: dottrina ecologica della creazione*, p.125. (A tradução é nossa.)

Uma terceira constatação tem a ver com uma espiritualidade que está chamada a viver um processo contínuo de conversão: a realidade do pecado atinge o ser humano e a criação sofre as consequências. Por isso, cada indivíduo está chamado a reconhecer o próprio pecado, tomar distância e mudar de vida. Como já foi colocado, o processo de conversão não diz só a respeito do indivíduo, mas também de um sistema, de uma sociedade que precisa se colocar em atitude de mudança: “A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária” (LS n.219). Um elemento chama bastante a atenção: este processo pode ser marcado pela alegria porque visa à descoberta de um renovado sentido da vida, mais humano, mais próximo do Evangelho.

Uma quarta constatação se refere a uma espiritualidade que se realiza numa ambiência ética. Além de propor um código de normas e regras que ordenam o conviver, manifesta um conjunto de valores que inspiram os seus princípios. Antigamente, os códigos éticos tinham um cunho regionalista, mas agora, como as problemáticas têm caráter global, é preciso “refundar uma ética que seja universal e aceitável por todos os habitantes da Casa Comum”¹⁸⁰. Mas a ética perde seu vigor quando se torna um frio código de normas. Por outro lado, ela adquire toda sua força nas três pilastras que Leonardo Boff apresenta: na morada (primeiro significado da palavra grega *ethos*), no outro e no cuidado.¹⁸¹ Essas três perspectivas, pela própria universalidade, podem ser reconhecidas por todos e assumidas como base de uma ética que faz da razão cordial o seu modo de ser responsável.

Uma quinta constatação da espiritualidade se funda na esperança que Deus não vai deixar de levar à plenitude a sua obra. A *Laudato Si'* pontualmente lembra esse chamado do ser humano e de toda a criação: “O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina” (LS n.83). Colocando Deus como centro de tudo, tira do ser humano e da natureza uma suposta pretensão de centralidade que não podem ter. Alguns teólogos propõem, nesse sentido, uma ética da terra que toma sua seiva de uma ética da esperança. Uma das referências para este trabalho

¹⁸⁰ BOFF, *Ética e Espiritualidade: como cuidar da casa comum*, p.63.

¹⁸¹ *Ibid.*, p.73.

foi o teólogo Jürgen Moltmann: o estudo da ecologia faz entender a realidade humana como fundada nas relações entre os humanos e com todos os seres. Nisso se revela não só todas as problemáticas que precisa enfrentar, mas também as novas oportunidades e sementes de esperança. A proposta se direciona para uma defesa dos direitos humanos e direitos da natureza e para uma mudança de estilo de vida, superando o individualismo. O novo estilo de vida será ecológico e alternativo: “em vez de dominar e submeter, morar e deixar crescer”¹⁸². E acrescenta, a respeito: “Uma Ética da Esperança na plenitude da vida resiste à cultura da unidade global e conserva as diversidades das culturas, porque nelas residem as possibilidades do futuro. Universal é a diversidade, não a uniformidade”¹⁸³. A esperança renasce como dom do Espírito que suscita as diversidades na unidade.

A sexta constatação é fruto da visão integradora na qual “tudo está interligado”, segundo as palavras da *Laudato Si'*. O que faz essa ligação entre os diferentes seres na Terra, segundo L. Boff, é um *ethos* baseado no amor: “Amar o outro, seja a Mãe Terra, seja o ser humano, seja cada representante da comunidade de vida, é dar-lhe razão de existir. Não há razão para existir; o existir é pura gratuidade”¹⁸⁴. O teólogo entende a nova forma de viver a ética como uma expressão de interligação humana na qual todo mundo possa se reconhecer e tornar valor referencial num mundo globalizado a partir de um mínimo comum. Numa síntese muito interessante entre ética e espiritualidade, afirma:

Essa ética vem reforçada por um sentido espiritual da vida, que impede que a ética se transforme em um superego limitador ou em um puro legalismo estéril. Ao contrário, gera em nós um sentido de equilíbrio e de plenitude; digamos, uma alegria e paz interior por termos feito o bem e nos aberto aos outros. Alegria que somente a espiritualidade pode conferir.¹⁸⁵

Uma sétima constatação (neste trabalho, vai ser a última, mas aberta a outras perspectivas) encontra na espiritualidade eucarística sua ligação mais profunda: “A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia” (*LS* n.236). Deus na sua encarnação fez-se carne e entrou de tal maneira na vida do mundo, que continuamente surpreende. A encíclica continua no mesmo parágrafo: “Na

¹⁸² MOLTSMANN, *Ética da esperança*, p.178.

¹⁸³ *Ibid.*, p.194.

¹⁸⁴ BOFF, *Ética e Espiritualidade: como cuidar da casa comum*, p.169.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p.176.

Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim”. O ser humano procura continuamente fontes de vida e de felicidade, mas agora é Deus que se oferece em matéria para criar uma comunhão sempre mais plena. Mais adiante, continua o papa: “A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação”. Porque no pão eucarístico toda a criação se abre para a divinização.

Se preferiu dar o nome de constatações aos elementos que focalizamos nesta última parte, porque de fato já estão sendo partilhadas em grande parte dos discursos teológicos. Assim, ao tentar apresentar a espiritualidade, quis tomar um rumo o mais próximo possível da vida em sua concretude, se deixando fecundar pela vida que vem do alto.

5 Conclusão

O objetivo deste trabalho foi o de se deixar conduzir pela mão oferecida pela *Laudato Si'* para refletir sobre o cuidado com a casa comum. É a atitude de quem, ainda muito jovem na questão, precisa ser conduzido com sabedoria e afeto para não se perder. De fato, o tamanho do desafio, às vezes, pode levar a não enxergar de que lado pode vir uma nova luz e assim deixar crescer um desânimo que não ajuda. A *Laudato Si'* e os autores encontrados foram uma valiosa, competente e segura mão ao longo deste percurso.

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa levaram a considerar que se o progresso linear e infinito não condiz com nossa casa comum, será preciso descobrir outros entendimentos da vida como cosmogênese, como a proposta do bem-viver que se encontra nos povos indígenas. A harmonia que eles propõem entre o ser humano, as suas aspirações mais profundas, a natureza revestida de sacralidade e o respeito formam uma nova proposta de vida que vale a pena considerar na sabedoria que traz consigo.

Um outro resultado tem a ver com a pesquisa teológica: a Bíblia não permite uma compreensão do ser humano como dominador de outros seres humanos e nem dos outros seres: a posse recebida é enquanto estiver nesta terra e deve servir para o seu sustento. Isso não autoriza, de forma alguma, a destruição de ecossistemas e de espécies animais ou de qualquer outro ser. Aliás, a contribuição do ser humano ao mundo é viver e conformar sua presença na terra como quem é jardineiro, que cuida das outras espécies e contribui para o louvor e o agradecimento a Deus. Deve compreender-se como irmão da criação, dependente da Mãe Terra.

O uso da razão instrumental levou o ser humano (como que “tampado pelo fone de ouvido”) a se separar de tal forma da natureza e dos outros seres humanos que quase não ouve o grito de quem sofre. Por isso a atitude da escuta da riqueza da natureza e dos pobres e o cultivo da espiritualidade se tornaram centrais neste estudo. Ampliar a capacidade de comunicação por meio da compaixão e da atitude da ternura aproxima muito mais as pessoas e antecipa, de alguma forma, a vinda do Reino de Deus, que se fez próximo da humanidade.

Também outra reflexão obtida diz respeito à teologia que não só se deixa questionar pela ecologia, mas pode fazer dela um novo paradigma pelo seu caráter de inter-relacionamento com o todo. A ecoteologia se propõe como uma nova forma de fazer teologia, que compreende nas suas indagações a conceição salvífica aberta a todas as dimensões de vida e da criação, e não somente para o ser humano.

A esperança proporcionada pelo caminho escatológico se encontra ao alcance de todos. Cristo veio trazer sua mensagem de proximidade de Deus para a criação toda e compreendendo todo o tempo. Sua práxis foi uma antecipação do Reino que ele mesmo anunciou. Por isso, os seus discípulos podem viver uma práxis que antecipe, no agora da existência, o que está esperado plenamente no fim dos tempos.

A práxis do papa Francisco se torna um testemunho que a esperança ainda tem caminho – quando encontra os povos indígenas e afirma que perder uma cultura é como um corpo ser mutilado, quando encontra os movimentos sociais e os convida a continuar na luta para garantir os direitos de quem vive injustiçado, quando encontra os migrantes e diz que eles não são a causa de todos os males.

A ética também se torna renovada, porque não fica presa a um legalismo asfixiante, mas quer se propor como a responsabilidade do cuidado, ou ética do cuidado. O que move a ser ético não pode se limitar a uma razão racional, pede a participação da compaixão e da ternura.

O caminho percorrido ao longo desta pesquisa de dissertação levou em consideração as reflexões e intuições que a encíclica *Laudato Si'* ofereceu aos crentes e a todos os seres humanos. O tema da ecologia, tanto pela sua forma intrínseca de estudo das relações de todos os seres com seu meio ambiente, quanto pelo interesse que suscita hoje no mundo, se torna um tema que pode abrir espaços para um diálogo *ad extra* na Igreja. O trabalho desenvolvido quis oferecer uma primeira escuta da realidade gritante na qual o mundo está mergulhado e que parece ainda não ouvida pela falta de eficácia, em nível global, da resolução da questão ambiental. Logo se percebeu que o grito da Mãe Terra está intimamente ligado ao grito dos pobres. Assim, ao procurar as causas mais profundas deparamos com a identificação do ser humano como o responsável pelo desgaste do meio ambiente.

Entretanto, é também sempre no ser humano que se procuraram as respostas para novos caminhos de solução. O mesmo ser humano que foi criado por Deus e recebeu, como tarefa particular, cuidar do mundo como jardineiro para fazer com que cada ser possa dar o melhor de si. Esse ser humano que é capaz dos mais terríveis golpes à Terra, também está aberto para o transcendente e para buscar novas formas de vida. São muitas as associações e grupos (formados por esses mesmos seres humanos) que defendem a natureza. Assim como são muitas as iniciativas para viver estilos de vida diferentes, menos poluidores e com maior respeito com a Mãe Terra. Há todo um movimento de pessoas que procuram uma alimentação mais saudável e mais compatível com um plano de menor uso energético: valorizam os produtos locais e de pequenos agricultores.

É evidente que este trabalho não encerra o assunto da ecologia, que permanece muito desafiador e traz contínuas novas descobertas. Por exemplo, se poderia explorar mais como propor à sociedade atual – muito movida pelas emoções e aterrorizada pela segurança – uma compreensão do cuidado e da compaixão. Assim como se poderia explorar mais percursos que apresentem novos estilos de vida partilhados por grupos de pessoas. Ainda pode-se indagar mais a fundo as possibilidades da espiritualidade cristã para entrar em diálogo com outras formas de espiritualidade.

Entendemos que a melhor conclusão para este trabalho está na oração que se encontra ao final da *Laudato Si'*:

Oração cristã com a criação

Nós vos louvamos, Pai,
com todas as vossas criaturas,
que saíram da vossa mão poderosa.
São vossas e estão repletas da vossa presença
e da vossa ternura.
Louvado sejais!
Filho de Deus, Jesus,
por vós foram criadas todas as coisas.
Fostes formado no seio materno de Maria,
fizestes-vos parte desta terra,
e contemplastes este mundo
com olhos humanos.
Hoje estais vivo em cada criatura
com a vossa glória de ressuscitado.

Louvado sejais!
Espírito Santo, que, com a vossa luz,
guiais este mundo para o amor do Pai
e acompanhais o gemido da criação,
Vós viveis também nos nossos corações
a fim de nos impelir para o bem.
Louvado sejais!
Senhor Deus, Uno e Trino,
comunidade estupenda de amor infinito,
ensinai-nos a contemplar-vos
na beleza do universo,
onde tudo nos fala de vós.
Despertai o nosso louvor e a nossa gratidão
por cada ser que criastes.
Dai-nos a graça de nos sentirmos
intimamente unidos
a tudo o que existe.
Deus de amor,
mostrai-nos o nosso lugar neste mundo
como instrumentos do vosso carinho
por todos os seres desta terra,
porque nem um deles sequer
é esquecido por vós.
Iluminai os donos do poder e do dinheiro
para que não caiam no pecado da indiferença,
amem o bem comum, promovam os fracos,
e cuidem deste mundo que habitamos.
Os pobres e a terra estão bradando:
Senhor, tomai-nos
sob o vosso poder e a vossa luz,
para proteger cada vida,
para preparar um futuro melhor,
para que venha o vosso Reino
de justiça, paz, amor e beleza.
Louvado sejais!
Amém.

6

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. **Libertação e ecologia**: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff. São Paulo: Paulinas, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das catacumbas**: por uma igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015.

BINGEMER, Maria Clara L. Louvor, responsabilidade e cuidado. Premissas para uma nova espiritualidade ecológica. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.) **Cuidar da casa comum**: chaves de leituras teológicas e pastorais da Laudato Si'. São Paulo: Paulinas, 2016.

BOFF, Leonardo. **A casa comum, a espiritualidade, o amor**. São Paulo: Paulinas, 2017.

_____. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Ética e Espiritualidade**: como cuidar da casa comum. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Saber cuidar**. Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORGHESI, Massimo. **Jorge Mario Bergoglio**: uma biografia intelectual, dialética e mística. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRIGHENTI, Agenor. **A Laudato Si' no pensamento social da Igreja**: da ecologia ambiental à ecologia integral. São Paulo: Paulinas, 2018.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2008.

CPT Nacional. **Conflitos no Campo – Brasil 2017**. Goiânia: CPT, 2018.

DAHER, R. Brasil, país dos agrotóxicos. **Instituto Humanitas Uninsinos**, São Leopoldo, 16 ago 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/558936-brasil-paraiso-dos-agrotoxicos>>. Acesso em: 17 out 2018.

FARES, Diego. Povertà e fragilità del pianeta. In: FRANCESCO. **Laudato si'**. Lettera enciclica sulla cura della casa comune. Testo integrale e commento de La Civiltà Cattolica. Introduzione di Antonio Spadaro. 2015.

_____. Si é fatto povero per arricchirci con la sua povertà (2Cor 8,9). In: SPADARO, Antonio e GALLI, Carlos M. (org.) **La riforma e le riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2016.

FRANCISCO. **Laudato si'**. Lettera enciclica sulla cura della casa comune. Testo integrale e commento de La Civiltà Cattolica. Introduzione di Antonio Spadaro. Milano: Ancora, 2015.

GALLI, Carlos María. La riforma missionaria della Chiesa secondo Francesco. L'ecclesiologia del popolo di Dio evangelizzatore. In: SPADARO, Antonio e GALLI, Carlos María. (orgs.) **La riforma e le riforme della Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2016.

GUDYNAS, Eduardo. Buen vivir, germinando alternativas al desarrollo. **América Latina en Movimiento**, ALAI n.462, p.1-20; febrero 2011, Quito. Disponível em: <<http://gudynas.com/publicaciones/articulos/GudynasBuenVivirGerminandoALAI11.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2018.

HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. **O Tao da libertação**: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2012.

JOHNSON, Elizabeth. **Ninguém precisava morrer pelos nossos pecados**. Entrevista. IHU On-line. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/585115-ninguem-precisava-morrer-pelos-nossos-pecados-entrevista-com-elizabeth-johnson> >. Acesso em: 2 dez 2018.

KUZMA, Cesar. **O futuro de Deus na missão da esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. **Dio nella creazione**: dottrina ecologica della creazione. Brescia: Queriniana, 1986.

_____. **Ética da esperança**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Futuro della creazione**. Brescia: Queriniana, 1993.

_____; BOFF, Leonardo. **Há esperança para a criação ameaçada?** Petrópolis: Vozes, 2014.

_____; STEFANI, Piero; TRIANNI, Paolo: **La terra come casa comune**. Crisi ecológica ed ética ambiental. Bologna: EDB, 2017.

MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva. (orgs.) **Cuidar da casa comum**: chaves de leituras teológicas e pastorais da Laudato Si'. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. (org.) **Ecoteologia**: um mosaico. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. O núcleo da ecoteologia e unidade da experiência salvífica. **Pistis & Praxis**: Teologia e Pastoral, v.1, n.2, p.277-97julho-dezembro, 2009,.Disponível em:< <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis?ddl=2714&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 1 dez 2018.

NOKE, Franz-Josef. Escatologia. In: SCHNEIDER, Theodor. **Manual de dogmática**. v.2. Petrópolis: Vozes, 2012. p.339-426.

PASSOS, João Décio. **A Igreja em saída e a Casa Comum**: Francisco e os desafios da renovação. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. (org.). **Diálogos no interior da casa comum**: recepções interdisciplinares sobre a encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus, 2016.

REIMER, Haroldo. **Toda a criação**. Bíblia e ecologia. São Leopoldo: Oikos, 2006.

REIMER, Haroldo. Criação e cuidado. **Pistis & Praxis**: Teologia e Pastoral, v.1, n.2, 2009.

REPAM: **Amazônia**: Novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento preparatório 2018. Edições CNBB.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2016.

SCANNONE, Juan Carlos. Incarnazione, kénosis, inculturazione e povertá. In: SPADARO, Antonio e GALLI, Carlos M. (org.) **La riforma e le riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2016.

SCANNONE, Juan Carlos: Papa Francesco e la Teologia del Popolo. **La Civiltà Cattolica**. v.1, quaderno 3930, p.571-90, 2014.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Salmos II**: salmos 73-150. Tradução, introdução e comentário. São Paulo: Paulus 1998.

SPADARO, Antonio; GALLI, Carlos M. (orgs.) **La riforma e le riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2016.

SUESS, Paulo. **Dicionário da Laudato si'**. Sobriedade feliz. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral “Sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2017.

SUSIN, Luiz Carlos. **O tempo e a eternidade**: a escatologia da criação. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____; ZAMPIERI, Gilmar. **A vida dos outros**: ética e teologia da libertação animal. São Paulo: Paulinas, 2015.

TAVARES, Sinivaldo Silva. A transparência divina na trama da criação. **Pistis & Praxis**: Teologia e Pastoral, Curitiba, v.1, n.2, p.349, jul/dez 2009.